



BALANÇOS DA
DOCÊNCIA
NARRATIVAS DE VIDA, FORMAÇÃO E ATUAÇÃO

Prefácio de
BERNARD CHARLOT

NILDA STECANELA
FABIANA LAZZARI
ESTELLA M. B. MUNHOZ
Organizadoras



BALANÇOS DA
DOCÊNCIA
NARRATIVAS DE VIDA, FORMAÇÃO E ATUAÇÃO

Nilda Stecanela
Fabiana Lazzari
Estella M. B. Munhoz
(Organizadoras)



NOTA: Dado o caráter autoral e acadêmico deste livro, o texto publicado respeita as normas e técnicas bibliográficas utilizadas pelo autor/a. A responsabilidade pelo conteúdo do texto desta obra é dos respectivos autor e autora, não significando a concordância da editora com as ideias publicadas.

IMPORTANTE: Muito cuidado e técnica foram empregados na edição deste livro. No entanto, não estamos livres de pequenos erros de digitação, problemas na impressão ou de alguma dúvida conceitual. Avise-nos por e-mail: cida.dialogar@gmail.com

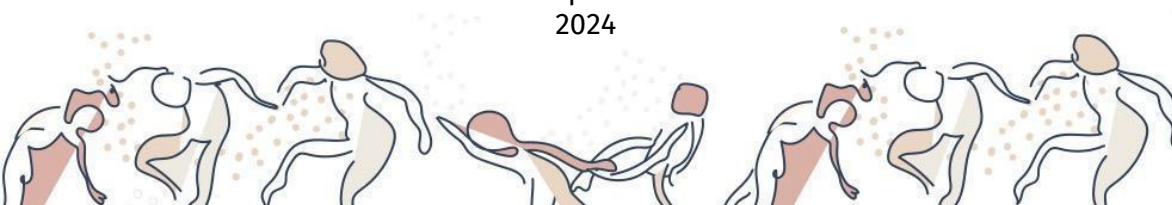
© **TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.** Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfilmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos, videográficos. Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial, bem como a inclusão de qualquer parte desta obra em qualquer sistema de processamento de dados. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração. A violação dos direitos é punível como crime (art. 184 e parágrafos do Código Penal), com pena de prisão e multa, busca e apreensão e indenizações diversas (art. 101 a 110 da Lei 9.610, de 19.02.1998, Lei dos Direitos Autorais)



Nilda Stecanela
Fabiana Lazzari
Estella M. B. Munhoz
(Organizadoras)

BALANÇOS DA
DOCÊNCIA
NARRATIVAS DE VIDA, FORMAÇÃO E ATUAÇÃO

Diálogo Freiriano
Veranópolis – RS
2024



CONSELHO EDITORIAL

Ivanio Dickmann – Brasil
Adan Renê Pereira da Silva - Brasil
Aline Mendonça dos Santos - Brasil
Fausto Franco Martinez – Espanha
Fátima Stela B. V. Barbosa - Brasil
Jorge Alejandro Santos –Argentina

Marcelo Valente de Souza - Brasil
Miguel Escobar Guerrero - México
Carla Luciane Blum Vestena -Brasil
Ivo Dickmann - Brasil
José Eustáquio Romão - Brasil
Enise Barth – Brasil

EXPEDIENTE

Editor-Chefe: Ivanio Dickmann
Diagramação: Estella M. B. Munhoz
Capa: Estella M. B. Munhoz
Produção editorial: Cida Nilen
Revisão Ortográfica: Carla Roberta
Sasset Zanette

Esse livro passou pelo processo de
revisão por pares dentro das regras da
Qualis Livros da CAPES

FICHA CATALOGRÁFICA

B171 Balanços da docência: narrativas de vida, formação e atuação. /
Nilda Stecanela, Fabiana Lazzari, Estella M. B. Munhoz,
(Organizadoras). – Veranópolis: Diálogo Freiriano,
2024. (Coleção Práticas de Pesquisa; 05)

ISBN 978-65-5203-054-2

1. Docência. 2. Professores - Formação. 3. Prática de ensino.
I. Stecanela, Nilda. 2. Munhoz, Estella M. B. 3. Lazzari, Fabiana.

2024_0577

CDD 370.01 (Edição 23)

EDITORA DIÁLOGO FREIRIANO

CNPJ 20.173.422/0001-76
Av. Osvaldo Aranha, 1395 - Sala 202- Centro
CEP 95.330-000 - Veranópolis – RS
Instagram: @editoradialogofreiriano
Whatsapp: [54] 99297.8620



“Se me perguntarem o que é um professor criador, ademais reflexivo, eu direi que é um educador que associa o sentido ao saber, o valor ao agir, a sensibilidade ao ensinar, a sabedoria ao aprender, o gesto ao ato, a arte à ciência e o criar ao fazer”.

Carlos Rodrigues Brandão (2019)



Sumário

Apresentação - Balanços da docência: identidades em contínua construção	11
Por Nilda Stecanela e Fabiana Lazzari	
Prefácio	19
Por Bernard Charlot	
Narrativas de vida, formação e atuação docente	26
Uma reflexão para uma vida na docência	27
Antônia de Fátima Galdino da Silva Vezzaro	
Balanço do saber: vontade de mudar aquilo que nasci para aceitar	32
Brenda Lima da Silva	
Balanços da docência	36
Bruna Franciele Buchebuam da Silva	
Balanços da docência: reflexões de uma professora	42
Cristiane dos Santos Gonçalves	
Balanços da docência: recursos, percursos e um pouco de utopia	48
Cristina Lhullier	
Balanços da docência: a construção do educador em movimento	57
Daniela Schiavenin	
Balanços do saber: a vivência de um docente	63
Daniele Ribeiro	



Balancos da docência: um olhar em retrospectiva.....	68
Deivid da Silva Ferreira	
Balancos da docência: percurso docente	74
Deivis Térris da Rosa	
Balancos da docência: a docência nos bastidores.....	79
Eduarda Paola Gomes da Silva	
Balancos da docência: é só dar aulas?.....	85
Elisângela Aparecida Alves Pedroso	
Balancos do saber: a polissemia de educar.....	93
Estella Maria Bortoncello Munhoz	
Balancos da docência: insights do ser docente	100
Fabiana Raquel Iaronka	
Balancos da docência: vivências da identidade docente.	107
Franciele Bossle dos Santos	
Balancos da docência: a reflexão do desenvolvimento pessoal na educação	111
Gabriel Cauzzi	
Balancos da docência: uma metamorfose ininterrupta...	120
Giselle Razera	
Balancos do saber: a formação do eu	126
Guilherme de Azeredo Maccari	
Balancos da docência	130
Iris Nice Ribeiro Franco	
Balancos do saber.....	134
Isabelle Quintana da Silva	
Balancos da docência: a vivência docente.....	137
Jenifer Valmorbida Slongo	



Balancos da docência: o ser e o fazer docente142

Jennifer Toscan

Balancos da docência: uma narrativa descritiva sobre o meu caminho à docência150

Jéssica da Rosa Pinheiro

Balancos da docência: ensino e aprendizagem.....164

Juliane Gedoz Cousseau

Balancos do saber169

Lucas Zago

Balancos na docência: um desafio a cada dia173

Manila Pólo

Balancos da docência: os desafios da contemporaneidade e minha trajetória no desafio de ensinar inglês ou em inglês178

Marina Belló dos Santos

Balancos da docência: os desafios dos profissionais da educação na contemporaneidade184

Moara Galante

Balancos do saber: quando um professor vai além de ensinar.....196

Monique Baltazar

Balancos da docência: será que sou professora?202

Raquel Zulianelo

O pensar docente209

Tatiane Dias Gomes

Uma carta e algumas reflexões215

Terciane Ângela Luchese



**Balancos da docência: estamos preparados para a
revolução da informação?230**

Vivian Conz Reginato

Balancos da docência: aprendendo a ensinar238

Viviana Serejo Morelato

Referências245**Posfácio252**

Por Carla Roberta Sasset Zanette

Sobre a capa255

Por Estella Munhoz



Apresentação

Balanços da docência: identidades em contínua construção

Por Nilda Stecanela e Fabiana Lazzari

Pense nos sentidos das experiências ao longo de sua atuação ou constituição como professor ou professora e escreva sobre eles livremente, fundamentando com os textos sugeridos e reflexões realizadas ao longo das Unidades de Aprendizagem da Disciplina Tópicos Contemporâneos em Docência. Explique, fale mais detalhadamente sobre isso. As questões a seguir podem ajudar a evocar memórias, a refletir e a pensar sobre: Quais são suas principais percepções sobre ser docente na contemporaneidade? Que sentidos você atribui a ser professor ou professora? Considerando o que você aprendeu e viveu na docência, o que mais lhe marcou até hoje e por quê? O que significa e implica a sua docência em movimento? Como você percebe a sua relação com o saber?¹

¹ Agradecimentos aos diálogos estabelecidos na construção da unidade de aprendizagem Docência em Movimento e Balanços do Saber: às professoras em formação inicial que atuaram como monitoras da disciplina Tópicos Contemporâneos em Docência, Bruna Helena Rech Rocha e Bruna Salvador; à professora Fabiana Kaodoiniski, interlocutora na primeira edição da disciplina, quando atuava como coordenadora do Programa de Segunda Licenciatura da UCS; à professora Carla Roberta Sasset Zanette por ter



A contextualização acima fez parte da proposta reflexiva e avaliativa das disciplinas de *Tópicos contemporâneos em docência*, a qual integra a organização curricular do Programa de Segunda Licenciatura e da Segunda Licenciatura em Pedagogia do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor), além de *Tópicos Especiais em Educação* do Programa Integrado de Licenciaturas de da Universidade de Caxias do Sul (UCS), desenvolvida no primeiro semestre de 2023.

Os 33 Balanços da Docência que compõem esta publicação congregam textos de várias origens, escritos por professores e professoras, estudantes da segunda licenciatura, mas também por acadêmicos e acadêmicas em processo de formação na primeira licenciatura.

O desejo de publicitar os Balanços da Docência construídos nas disciplinas citadas é de longa data, desde 2019, quando a atividade reflexiva e avaliativa passou a fazer parte das unidades de aprendizagem construídas no âmbito das mesmas. Contudo, a decisão de organizar esta obra só foi possível nesta edição da formação ofertada, pois fora requisitada a autorização

potencializado os Balanços do Saber na unidade de aprendizagem da disciplina e nas aprendizagens a partir da orientação de sua tese de doutorado; ao professor Bernard Charlot por ter socializado instrumento de pesquisa tão simples, mas tão significativo; aos autores e autoras deste livro pela autorização à publicização de suas narrativas.



formal dos seus autores e autoras por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Cabe situar que mais de seis centenas de Balanços de Docência integram um banco de dados que produzem ecos diretos e indiretos sobre os aspectos mais significativos que contribuem para a constituição da docência, levando em conta as experiências formativas que se entrelaçam desde o momento em que emerge o desejo de ser professor ou professora e a opção para cursar o magistério no Curso Normal e/ou uma licenciatura, até os primeiros passos e consolidação dos percursos pela docência nos mais diferentes níveis, modalidades e etapas da Educação Básica, Ensino Superior, nas dimensões escolar e não escolar. Não sem considerarem a premissa de uma “docência em movimento” (Roncarelli, 2019), com suas demandas emergentes e a necessidade de formação continuada e permanente.

Outro ponto a destacar é que a adoção e potencialização dos Balanços da Docência configuram uma adaptação da formulação feita pelo professor Bernard Charlot, na pesquisa desenvolvida na década de noventa do século passado, com jovens franceses, com o seguinte enunciado, intitulado de Balanços do Saber: “Desde que nasci, aprendi muitas coisas; em casa, no bairro, na escola, em muitos lugares. O que me ficou de mais importante? E agora, o que eu espero?” (Charlot, 2001, p. 37).



O aprofundamento dos estudos de Bernard Charlot e da sua abordagem sobre a relação com o saber são trazidos para a Universidade de Caxias do Sul pela professora Carla Valentini no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU/UCS), no ano de 2018. O convite à leitura da teoria da relação com o saber foi dinamizado na tese de doutorado de Carla Roberta Sasset Zanette, em 2019, sob orientação da professora Nilda Stecanela e coorientação do professor Bernard Charlot, sobre a relação do docente com o saber, cujo enunciado previa:

“Muitas são as discussões, no contexto atual, acerca da existência de referenciais curriculares que orientam a atividade docente, especialmente, no que diz respeito aos saberes que devem ser aprendidos e ensinados em cada ano escolar. Inicie sua escrita relatando: Quando você pensa em documentos curriculares de Língua Portuguesa, por exemplo, os Referenciais Curriculares de Língua Portuguesa da Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul -Planos de Trabalho, você concorda com esses documentos ou discorda? Comente. prossiga sua escrita: Na sua opinião, ensinar pressupõe um referencial curricular ou algo a mais? Justifique. Os saberes escolares sistematizados nos referenciais curriculares se aproximam ou se distanciam da prática



de sala de aula? Explique. E, por fim, escreva: Se você tivesse que alterar ou reescrever esses documentos, o que você modificaria? Justifique”. (Zanette, 2019).

Algumas adaptações foram feitas em outros estudos, a exemplo dos Balanços da experiência acadêmica produzida na tese de doutoramento de Fabiana Kaodoiniski, orientada pela professora Flávia Brocchetto Ramos e coorientada pela professora Nilda Stecanela, defendida em 2022 (Kaodoiniski, 2022). A adaptação feita acolheu o seguinte enunciado:



“Caro (a) acadêmico(a),

Com alegria, convido a “um mergulho profundo” nas memórias do que você viveu e vive no cotidiano da universidade, no andamento de seu curso de graduação. Também, fica o desejo de que possa adentrar em suas concepções e percepções sobre a UCS. Pense no(s) sentido(s) das experiências dessa etapa formativa que está vivendo e escreva sobre eles livremente. Faça um balanço do seu percurso universitário! As questões a seguir podem auxiliar a refletir para você iniciar sua escrita: O que, para mim, significa estar na universidade? Qualis são minhas principais percepções sobre a Universidade e sobre meu curso? Considerando o que vivo/vivi na universidade, o que mais me marcou até hoje e por quê? Pensando no estudo dos conteúdos curriculares, quais as principais características das atividades nas quais eu mais me senti engajado(a), ou seja, com vontade de fazer porque, para mim, elas faziam sentido e/ou geravam prazer?” (Kaodoinski,, 2022).

Muitos ecos das palavras dos autores dos Balanços da Docência, segundo o enunciado que abre esta apresentação, possibilitam um exercício de identificação de categorias analíticas para os movimentos protagonizados pelas múltiplas



docências e processos de identificação docente, entre os quais podemos citar o que foi sistematizado em palestra proferida no XVI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade (Educon), ocorrido no ano de 2022 (Stecanela, 2022): docência em construção; docência em transição; docência em negociação; docência em crise; docência em consolidação; docência em identificação. Tantas outras categorias flutuam nas narrativas produzidas pelos autores e autoras e convidam a olhares mais precisos para identificar os múltiplos movimentos que acompanham a identificação da docência, pois: “Segundo Melucci (2004), diferente da fixidez, a identificação remete a um constante e dinâmico movimento de negociação entre as diversas partes que compõem o EU, envolvendo os diversos tempos, os espaços e as relações de interdependência neles estabelecidas. É no caráter de provisoriedade e de reversibilidade que se constituem as experiências, bem como a capacidade de escolha e de tomada de decisões, haja vista a multiplicidade e contrariedade de elementos que compõem cada momento histórico. (Stecanela e Hostins, 2022).

Podemos afirmar que a cada evocação de memória e de posicionamento da mesma nos percursos de vida, de formação e da prática profissional iniciada, consolidada ou encerrada, os autores e autoras desta publicação promovem uma espécie de arquivamento da docência, pois, refletir sobre o vivido, perceber-se professor e professora em permanente processo de



(des)construção (re)clama por uma possibilidade de legitimação da autoria na atuação docente, porque não podemos esquecer que a educação é um ato político!



Prefácio

Por Bernard Charlot

O que é ser professor?

Pode-se responder de um ponto de vista institucional, com estatísticas e textos oficiais sobre normas de exercício do trabalho, modos de formação e recrutamento, diplomas exigidos etc.

Pode-se, também, responder em referência à função social e humana da profissão, em um discurso um pouco geral, mas sempre nobre, sobre a função. Alguns textos deste livro escolheram essa abordagem. A professora Terciane, por exemplo, escreve: “Ser professor, na minha opinião, é uma das profissões mais nobres e gratificantes que existe, pois tem um papel fundamental na formação de indivíduos críticos, criativos e responsáveis, capazes de enfrentar os desafios da vida pessoal, profissional e social.”

Pode-se, igualmente, e como gosto de fazer, responder levando em consideração o ato de ensinar-aprender. Só aprende quem entra e permanece em uma atividade intelectual específica (o que o discurso corrente chama de “estudar”). Sendo assim, quem é central no ato de ensino e aprendizagem é o aluno, não é o professor: o aluno irá saber não dependendo de ele ter estudado ou não. Será que o professor não importa? Importa,



sim, porque o aluno só entra numa atividade de aprender se ele for solicitado de fora, em particular por um professor. Mas assim, a posição do professor é difícil de ser vivenciada: ele participa da atividade, em uma posição aparentemente dominante, mas, de fato, ele não produz diretamente os efeitos de sua ação, mas apenas indiretamente, através da mobilização, ou não, do aluno. Se o aluno fracassar, porém, o professor vai ser cobrado. Muitas vezes, pelos pais. Também pelos alunos que, como mostram as minhas pesquisas sobre a relação com o saber e com a escola, consideram que o mais importante é que “o professor explique bem”. E o próprio professor se sente psicológica e profissionalmente questionado, às vezes ferido, quando o aluno fracassa. O professor sabe, por experiência profissional, que o sucesso do seu ato de ensinar depende da mobilização intelectual do aluno e que, sendo assim, o professor sempre está, de certa forma, ameaçado pela má vontade do aluno. O que o leva eventualmente a assediar o aluno para que este estude. E o que leva, também, o professor, muitas vezes, a se sentir ameaçado, mal-amado, desvalorizado? Neste livro, a professora Moara observa “Toda vez que a própria mídia fala de um professor o que mostra aos espectadores é a imagem de um indivíduo sofrido, descabelado, triste e, na maioria das vezes, só dá ênfase aos entrevistados que retratam o lado ruim da profissão. (...) Afinal, se fizemos uma análise, não é comum vermos médicos, advogados ou engenheiros publicando esse tipo de imagem”.



Todas essas abordagens são interessantes, mas para entender mais profundamente o que é ser professor, é preciso interessar-se pela experiência que vive o próprio professor – melhor ainda: pelas diversas experiências que vivem os professores e as professoras. Ser professor é ter qual experiência do mundo, dos outros, de si mesmo e, mais especificamente, do saber, da escola, dos alunos?

Este livro foca nessa questão e é preciso parabenizar as suas organizadoras por essa iniciativa. Elas propuseram a professores que escrevessem seus “balanços da docência”. Essa ideia foi inspirada diretamente por um instrumento de pesquisa que inventei há cerca de trinta anos e que foi amplamente divulgado e utilizado em vários países, em especial no Brasil: o *bilan de savoir* - traduzido geralmente por balanço de saber, às vezes por inventário de saber. A ideia básica é simples: para ter acesso à experiência pessoal de uma pessoa e ao sentido que essa experiência pessoal tem para ela, é preciso lhe pedir que fale dessa experiência, mas sem definir a priori um universo de sentido pela própria maneira como se formula o pedido. Esse é o problema dos questionários: na enorme maioria das vezes, a própria questão diz, implicitamente, de que se deve falar e, ao fazê-lo, impõe à pessoa questionada o universo de sentido de quem elaborou a questão. Ora, isso é um viés fundamental quando se quer saber qual é o universo de sentido da pessoa investigada. Um exemplo notável é a questão: “Para você, para



que serve a escola?”. Ao colocar essa questão, o pesquisador novato acha que ele deixou toda liberdade ao aluno ou ao professor questionado, quando, na verdade, ele lhe impôs a ideia de que seria obrigatório falar da *utilidade* da escola, o que é uma abordagem pré-definida, já que é possível falar da *importância* da escola, o que é bem diferente da questão da utilidade. A ideia de balanço é a de abrir um espaço de fala sem pré-definir esse espaço. “Desde que nasci, aprendi muitas coisas... Me fale disso”, pede o balanço de saber clássico utilizado com os alunos. E nas entrevistas orais, minha primeira (não)pergunta sempre é: “Você lembra da primeira vez que foi à escola...?”. E o aluno começa a falar – do tema que ele mesmo escolheu, o que é fundamental, porque assim é ele mesmo que decide de que faz sentido falar a respeito da sua experiência na escola.

“Tão importante quanto compreender o que mobiliza o estudante a aprender é entender o que mobiliza o professor a ensinar”, observa Estella, com razão. Portanto, Nilda Stecanela e Fabiana Lazzari, as organizadoras deste livro, pediram aos professores e estudantes das licenciaturas que escrevessem, com base na sua experiência, sobre o que é ser professor, isto é, que redigissem seu “balanço da docência”. São professores e professoras. Alguns são estagiários, outros já são professores experientes. Alguns declaram uma verdadeira vocação, muitas vezes despertada pelo exemplo de um ou vários dos seus próprios professores. É importante observar que ainda existem



professores por vocação. “Decidi ser professora desde muito cedo, lembro de brincar ‘dando aulas’ para meus alunos imaginários, com aproximadamente 6 anos, quando iniciei a trajetória escolar” (Manila). “Meu interesse pela docência começou na escola, espelhando-me em alguns professores do qual eu tinha muito afeto pela maneira com que ensinavam e pela disciplina” (Elisângela). Outros chegaram a ser professores depois de uma história mais tortuosa como expressa Raquel: “A decisão de ser professora, tomada aos 16 anos, veio acompanhada de outra: estudar em uma universidade federal. Eu sabia que não seria fácil concorrer à vaga e nem mesmo me manter na universidade, considerando que meus pais não teriam condições financeiras de arcar com todos os custos de morar em outra cidade estudando em turno integral. Mas eu sabia que eu daria um jeito, e isso foi graças às políticas públicas de assistência estudantil”.

O pedido de balanço da docência foi interpretado e acatado de várias formas pelos professores. Alguns mantêm certa distância e reserva com o pedido - que não corresponde ao tipo de discurso que, em geral, se espera de um professor. Eles escrevem um discurso um tanto acadêmico sobre o que é ser professor e encontram-se muitas referências no final do texto. Contudo, um discurso “de professor” sobre o que é ser professor é interessante também. Outros, pelo contrário, ocupam o espaço de singularidade que o pedido lhes propõe e nos falam de suas



emoções de professores. Dizem-nos o mal-estar: “Muitas vezes, ao falarmos que somos professores, escutamos comentários como: ‘Nossa, você é corajosa em ser professora!...’, e em certa parte essas pessoas têm um pouco de razão” (Franciele). Mas nos falam, também, de “enxergar o brilho nos olhos das crianças” (Marina) e “da emoção de ser chamada de “profe” pelas primeiras vezes” (Manila). Muitos insistem no imprevisto permanente. Pode-ser o imprevisto cotidiano – se me permitirem essa expressão. “Aliás, o imprevisto foi uma palavra que me marcou e levo comigo” (Elisângela). “É assim que eu aprendo, errando, acertando, convivendo, trocando experiências, e todos os momentos me marcam” (Isabelle). Às vezes, o imprevisto é também um choque: “um aluno meu, do oitavo ano, foi assassinado há poucas semanas” (David). A crise da COVID-19 trouxe esses imprevistos que os professores tiveram que enfrentar. “Como ‘dar aulas’ de Educação Física online?” foi uma questão que Elisângela teve que resolver. Quanto à Eduarda, ela teve a inteligência pedagógica e a resiliência para compreender e aceitar que os alunos lhe enviem mensagens na madrugada: é o momento em que eles podem usar os telefones ou computadores dos pais: “(...) além de conhecer um pouco mais dos alunos que me mandavam mensagens até na madrugada para perguntar sobre o conteúdo, sempre que podia eu respondia, compreendia que aquele era o momento que dava para eles fazerem as tarefas”.

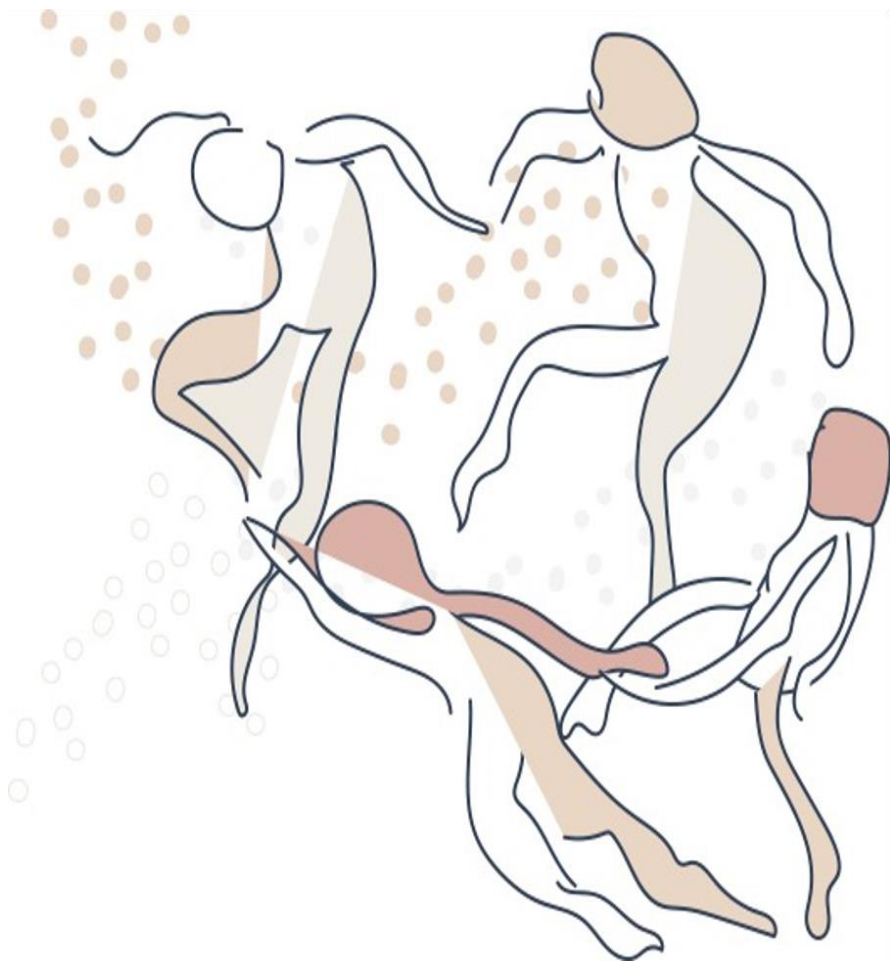


Ser professor nem sempre é um conto de fadas, mas sempre é um romance, porque é uma aventura, como a vida. “Ser professor não é estar em um conto de fadas onde tudo tem um final feliz, ser professor é buscar esse final feliz. Ser professor, na contemporaneidade, é se permitir a inovação, a reinvenção e a reconstrução constante das práticas pedagógicas” (Manila). É dessas aventuras que trata este livro e, como acontece com um bom livro de aventuras, ele se lê com empatia e com prazer.

Boa leitura.



Narrativas de vida, formação e atuação docente



Uma reflexão para uma vida na docência

Antônia de Fátima Galdino da Silva Vezaro²

“Aprender é preciso, para viver.
É preciso aprender a viver.”
(Terezinha Rios)

Fazer um levantamento das principais percepções sobre ser docente na contemporaneidade perpassa as competências socioemocionais e o desenvolvimento do professor, por ser preciso um olhar cuidadoso para o dia a dia da docência. Sua formação e o desenvolvimento da atuação têm impacto direto na qualidade da educação. A docência não está apenas na realização das ações dentro da escola, o movimento das ações planejadas pelo professor impacta de forma direta na sociedade. Muitas vezes falamos que as crianças e jovens são o futuro da nação, mas esse futuro está na responsabilidade do hoje, nas mãos de nós adultos, em especial, o docente.

Atribuímos muitos sentidos ao ser professor, eu sou professora, costumo dizer que depois que conheci a escola nunca mais sai dela, rsrsrs... E, assim, vamos provocando muitas mudanças na sociedade e com a parceria de forma direta ou

² Disciplina: Tópicos Contemporâneos em Docência. Programa de Segunda Licenciatura da Universidade de Caxias do Sul e Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR).



indiretamente das famílias, logo, sentidos como: saber viver, viver e conviver, interagir socialmente, respeitar o outro em sua diversidade, ter tolerância religiosa, é poder compartilhar conhecimentos. Então, ser professor é deixar um legado e ter uma missão cotidiana. É generosamente, saber ouvir o educando e fazer compreender situações que não estão ligadas ao ato de ensinar e aprender.

O amor está no ser professor não pelo romantismo ou a ideia errônea do parentesco quando chamado de “tia”, mas no fazer a diferença na sociedade, o ato de disseminar as transformações em parceria com o aluno, no incentivo à leitura do mundo, já dizia Paulo Freire, o trabalho diário e repetitivo do docente em despertar a criatividade, desenvolver o senso crítico e incentivar o ato de reflexão, que nos dias atuais está sendo uma tarefa muito complexa, nesse mundo com tantas formas de distorções da realidade, que está banalizando o ato de ensinar e aprender com o professor.

E, nas lindas palavras e ideias de Rubem Alves, o docente, o professor, o mestre, está além do compartilhar o conhecimento, é esse profissional que conjuga todos os dias o verbo esperar, e não esperar, porque é o professor que provoca a curiosidade do outro com quem convive e interage.

Fazendo uma retrospectiva da minha atuação no magistério, ou melhor, relembrar, reviver memórias de minha trajetória na docência, provoca uma reflexão sobre a minha



resiliência, empatia, adaptação e atualização nas inovações da educação. Comecei utilizando como único material um quadro de giz, em seguida, com alguns recursos vindos para a escola, tínhamos papel para imprimir no mimeógrafo, mas o papel extenso e o álcool não era bem visto pelos alunos, de uma classe com 40 alunos de várias séries juntas, em que tinha que dividir e agrupar os alunos pelas dificuldades nos conhecimentos de leitura, escrita e tabuada. Também, não havia tanta sensibilidade no tratamento do outro, ou o aluno tinha certo conhecimento ou não sabia de nada, logo, as aprovações e reprovações eram pontuais, sem tantas explicações ou planilhas avaliativas. Porém, o nosso trabalho era avaliado pelos supervisores escolares e acompanhado pelos orientadores educacionais que visitavam as escolas uma vez ao mês... E os nossos alunos curtiam a escola, gostavam das brincadeiras, adoravam a merenda e eram muito participativos nas atividades escolares.

E, hoje? O que mais marca na minha longa experiência de docência são as formas de cobranças, seja por parte dos mantenedores ou pela própria comunidade escolar. Saber terceirizar a culpa é afirmar que não faz parte do processo. O que deveríamos avaliar é o caminhar, e a partir do que não funcionou naquele contexto, poder mudar e melhorar. A educação não é uma receita mágica, e o sucesso está no processo do desenvolvimento das habilidades e competências, e a beleza de tudo isso está no envolvimento de todos.



Atualizar-se não é o mesmo de se manter informado, todos os dias podemos inovar na educação, ter uma participação mais ativa. E, acima de tudo, lembrar que somos humanos e lidamos com outros humanos que precisam de nós professores, por muitas vezes, só terem como oportunidade de convivência a escola. Logo, o docente está em movimento, numa mudança em busca não da perfeição mas com uma única meta: compartilhar conhecimentos, não conteúdos, desenvolver habilidades que os educandos possam ser adultos pensantes e consigam resolver situações em suas vidas, com autonomia e responsabilidade pelas suas atitudes...

Sou uma professora que quero aprender, estou em movimento diário em busca de saberes e sabores que me provoquem não parar. Entender minha posição enquanto professor dá-me uma responsabilidade muito grande em relação ao outro. O adulto de amanhã depende do adulto de hoje, minhas escolhas, meu planejamento, minha missão na docência tem grande impacto na vida de outro ser, e, por isso, a cada dia me apaixono pelo ato de ensinar, me apaixono pelo ato de aprender, me apaixono por poder compartilhar conhecimentos. Logo, me preocupo com o movimentar-se na minha área de comunicação, para que não me perca na esperança e passe a esperar... Eu sou responsável por ser docente, por estar professora, e continuar a me apaixonar pela docência na interação com o outro.



Ao começar a escrever, fiz uma breve autobiografia. Refiz meu texto, na segunda tentativa de escrita: me pedir em teorias da educação e levantamento bibliográfico sobre o ser e estar professor. E, continuei a minha produção novamente, e novamente, parei e descansei, me recuperei com as leituras das unidades de aprendizagem da disciplina Tópicos da Docência Contemporânea, me questionei porque não reler e recortar as ideias da professora Nilda, com tanta sensibilidade para definir, entender e descrever o movimento da docência contemporânea... E, aqui, cheguei terminando o meu texto, com a convicção que eu nasci professora e continuo nascendo todos os dias professora, porque ser professora perpassa o conhecimento, a inteligência emocional e se fixa no sentimento de amar ser e estar na docência, para transformar o meio em que vive-se!



Balanço do saber: vontade de mudar aquilo que nasci para aceitar

Brenda Lima da Silva³

Quando se nasce em um mundo desigual, você tem duas opções: mudá-lo ou aceitá-lo, e eu escolhi mudar. Desde criança meus pais me ensinaram que certas crenças, valores e sonhos são diferentes para cada pessoa, mas todos são necessários para formar seres humanos.

O sonho deles é transformar o mundo o qual nasceram para aceitar, e durante tanto tempo observando eles lutando por aquilo que acreditam, por educação, saúde, igualdade, prosperidade e realizações para todos, independente da classe social em que vivem, me fez acreditar que tudo é possível, mas não é fácil. O processo é doloroso, angustiante e incerto, mas deve ser atravessado e conquistado. Meus pais sempre me ensinaram que eu poderia ser o que eu quisesse na vida, que eu teria muitas oportunidades que eles não tiveram, mas para eu alcançar tudo isso, teria que ser forte e lutar, porque nada viria fácil. Eles me deram, mostraram e ensinaram que tudo depende da vontade e do desejo: o desejo de ser maior, de lutar pela

³ Disciplina: Tópicos Especiais em Educação. Programa Integrado de Licenciaturas da Universidade de Caxias do Sul.



liberdade e igualdade, de mudar o mundo o qual eu também nasci para aceitá-lo.

Decidi ser professora ainda quando criança, basicamente, no momento em que percebi que um professor pode mudar o mundo e que a educação é a chave para a verdadeira mudança. Tive o privilégio de estudar como bolsista em escola privada, e nesse ambiente constatar três situações: a primeira é que toda criança, adolescente e jovem deveria ter um ensino igual ao que eu recebi, com estrutura, condições e auxílios necessários para um ensino completo; a segunda é que as oportunidades nunca são as mesmas para todos, mesmo frequentando o mesmo lugar; e a terceira é que às vezes só o esforço não basta. Podemos nos esforçar muito, mas como dito no início do texto, vivemos em um mundo desigual, e em alguns momentos as cartas já estão marcadas. Vivendo nesse meio, confirmei o que sempre soube, eu seria professora. Lutaria para que outros jovens tivessem as mesmas oportunidades que eu tive, e até melhores, e as teriam porque é direito deles, e não porque precisavam se esforçar ou os pais precisavam trabalhar três turnos, sete dias na semana para garantir uma educação ao filho. Quando se entende que educação é um direito, automaticamente deveria se entender que trata-se de uma educação de qualidade e para todos.

Responder a pergunta “Dentre as coisas que aprendi, quais são as mais importantes?” É muito abrangente, porque tudo que aprendi até hoje faz parte da pessoa que estou me



tornando. Aprendi com a minha família a ser forte, persistente e a sempre questionar, não ter medo de buscar o que eu acredito; aprendi na escola que a empatia é a maior qualidade que alguém poderia ter, saber olhar para o outro e entender que às vezes nosso próximo precisa mais de nós do que nós mesmo, aprender a olhar para outro ser humano com sensibilidade e afeto; na rua aprendi que tudo depende do quanto você está disposto a mudar. Mas, resumidamente, tudo gira em torno do sentimento, do amor e da esperança.

Sempre achei que sendo professora poderia mudar o mundo, e de fato, cresci com essa crença. Até o dia em que entrei na sala de aula e me deparei com uma turma de mais de 30 alunos, todos diferentes, cada um com sua personalidade, vida, vontades, amores... Cada um com um mundo diferente, e no momento em que ministrei minha primeira aula percebi que cada ser humano vive em um mundo diferente, e se eu conseguir tocar um desses mundos, já estou mudando - o. E assim eu soube, o que realmente espero do meu futuro dentro da docência: mudar vidas, marcá-las, ser fortaleza, luz e esperança para meus alunos, ter coragem para lutar por um futuro melhor e mais bonito, para eles e para mim. Além disso, transmitir conhecimento, não apenas conteúdo, mas sim, ensinamentos, apresentar outros caminhos. Espero ser uma professora que se permita viver a docência, a escola e os alunos, não ter medo de ser vulnerável, de abraçar, acolher e experienciar tudo que o



ensino pode oferecer. Lembro que quando eu estava na escola, dois professores, em particular, me marcaram muito; um que sempre citava Nelson Mandela: "A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo.", e a outra que nos ensinava a levar tudo com mais leveza, interpretar as mensagens que a vida nos entrega com calma e resiliência.

Mestres como esses me fizeram acreditar que ser professor é ser guia, conselheiro e amigo, é ter paciência em um país que tanto desvaloriza nossa profissão, saber que somos um dos maiores pilares para uma boa sociedade.

Acredito que o ciclo da aprendizagem é inacabável, aprendi durante toda minha vida que eu posso fazer a diferença, pois cresci assim. Passei todos meus dias vendo minha família, principalmente meus pais, fazendo a diferença por onde passavam, transbordando amor, liberdade e alegria, mas enfrentando muitas dificuldades também, e cada uma delas foi atravessada e superada. Eu sei que nasci em um mundo desigual, e de onde eu vim esperavam que eu aceitasse, porém, não fui criada para isso; fui ensinada para ser fortaleza, mudança e futuro. E é isso que eu espero para o meu futuro, ensinar outros que vieram do mesmo lugar que eu a serem mais, mudarem e lutarem por um mundo cada vez melhor.



Balanços da docência

Bruna Franciele Buchebuam da Silva⁴

Para iniciar esta reflexão acerca do balanço da docência tenho em mente um fator para mim essencial na docência, a comunicação. O processo da comunicação no decorrer de qualquer âmbito acadêmico ou pessoas, como neste caso o ofício de professor. É algo que pode diariamente se modificar, pois cada turma terá a sua maneira de ser ou lidar com o todo. Cabe ao professor(a) saber conduzir e auxiliar para o melhor andamento das aulas.

A sala de aula possui um ambiente muito propício ao meio da comunicação, no qual formalmente é ocupada pelas figuras do aluno e do professor. Composta em uma relação de dois posicionamentos diferentes. A comunicação em sala de aula inclui diversos fatores que favorecem esta prática docente, além da atenção à fala do outro, podemos destacar como por exemplo: estratégias pedagógicas e metodológicas.

A profissão de professor, é aquela que vai sempre se modificando conforme o contexto da sala de aula. Trazendo outras atividades ou materiais didáticos, para auxiliar na melhora da comunicação com a turma.

⁴ Disciplina: Tópicos Contemporâneos em Docência. Programa de Segunda Licenciatura da Universidade de Caxias do Sul.



Numa era de tecnologias, a comunicação em sala de aula pode ser a única interação de diálogo com outra pessoa que a criança ou adolescente pode ter ao longo daquele dia. Com isso a figura do professor se torna mais que essencial no contexto que vivemos atualmente, pois cada escola tem sua realidade a ser trabalhada, umas possuem tecnologia; outras não possuem nada. A comunicação deve ser igual em todos os ambientes, apenas se modificando e alternando sua linguagem conforme a turma a ser trabalhada.

Tive uma experiência muito incrível ao fazer um estágio com a turma de EJA, na escola do meu bairro. Com uma turma de senhores e senhoras e alguns jovens, tive que trabalhar o conteúdo da Ditadura militar. O mesmo teve que ser adaptado à linguagem do diverso público e trabalhado o conteúdo de forma que todos compreendessem, pois possuíam inúmeras opiniões sobre o conteúdo.

A escola até possuía algumas tecnologias, mas preferi me adaptar à linguagem que eles já conheciam, como por exemplo, com recortes de jornais da época e fotografias. Muitos têm o hábito, até hoje, da leitura em jornais e todos conseguiram acompanhar o conteúdo maravilhosamente. Outro ponto importante era utilizar a própria experiência deles durante a Ditadura Civil Militar, pois muitos já haviam nascido nesta época.



A partir do momento que houve a mudança na forma de comunicar, deixando de tratar eles como pessoas “menos” capacitadas, houve uma mudança radical no andamento das aulas. Eles começaram a se sentir parte das aulas, onde poderiam falar, dar seu relato, esclarecer dúvidas, enfim terem um ambiente onde se sentiram acolhidos. Por mais que houvesse uma grande diferença de idades na sala de aula, uns conseguiram dialogar com os outros, sem demonstrarem medo ou receio de serem intimidados por professores.

A docência, a meu ver, é algo que sempre tem que se adaptar conforme a necessidade dos estudantes, não dá para ficar engessada naquela metodologia específica, pois temos públicos diversos, de diferentes personalidades e conhecimentos de antes. Cabe ao professor saber utilizar isso da melhor forma e saber utilizar sua bagagem já existente e acrescentar outras.

Minhas experiências em sala de aula, de fato, foram só durante os estágios curriculares tanto na primeira graduação quanto agora em Pedagogia. Em História tive experiência com um 7º ano que utilizei bastante a parte artística deles, pois era uma turma que tinha uma habilidade incrível para desenhos e maquetes, fizemos vários trabalhos referentes ao conteúdo que era sobre Islamismo, utilizando essas práticas. Tive a experiência com a EJA, citada anteriormente.



E agora, na Pedagogia, uma experiência com o ensino fundamental, séries iniciais, sem dúvidas, essa foi uma turma que era bem ligada no “220 volts”. Era uma turma rápida para entender o conteúdo, que sempre tinha que ter uma carta na manga, pois terminavam as atividades muito rapidamente. E eles adoravam o espaço, sistema solar, então aproveitei e trabalhei com eles bastante esse conteúdo, utilizava várias brincadeiras e atividades. E agora, estou tendo uma experiência com o maternal, na educação infantil. Já tive uma prévia de como seria, pois tenho uma nesta faixa etária em casa, estou no ritmo já. Mas não iniciei a didática ainda para saber como vai se suceder.

Mesmo tendo poucas experiências, tenho como base que devemos ter em mente alguns pontos principais: conhecer a realidade que a escola vive e a comunicação deve ser clara e objetiva com eles. Devemos conhecer a realidade da escola, para ter uma ideia de como podemos planejar com base na BNCC e executar as ações propostas de acordo com a realidade do lugar. Não simplesmente colocar e fazer uma coisa totalmente fora da realidade deles.

Outro ponto bastante importante nas vivências que tive é o planejamento. É um fator essencial, pois a necessária seleção de conteúdos faz parte de um conjunto formado pela preocupação com o saber escolar, com as capacidades e com as habilidades, e não pode ser trabalhado independentemente.



A partir desta seleção o professor poderá trabalhar os demais conceitos presentes, assim como selecionar os conteúdos que condizem com a realidade pessoal, social e cultural do aluno, ou seja, que mais se aproximam da realidade dos alunos e de cada escola. O professor deverá trabalhar o conteúdo de diversas formas a partir de cada realidade no ambiente escolar e a partir da sua própria realidade.

Com essa seleção poderão ser realizados também diversos comparativos desses acontecimentos que marcaram a história e trazer para acontecimentos do presente e abordá-los de forma que incitem profundamente o interesse dos alunos.

Os conteúdos também devem refletir os amplos aspectos da cultura, tanto do passado quanto do presente, assim como as possibilidades e necessidades futuras. Também podemos selecionar e trabalhar os conteúdos a partir da história de cada aluno.

A seleção dos conteúdos não pode ser caracterizada pela rigidez como se fosse uma definição definitiva e inflexível. Consiste na possibilidade de alterar e de reestruturar, sempre que for necessário, de acordo com as novas urgências e as novas situações que surgem no dia a dia do aluno. Os conteúdos selecionados não devem ser estabelecidos e prontos, de modo que não possam ser readaptados, mas de tal forma que possam atender aos objetivos ou certos requisitos. Enfim, os conteúdos



devem ser estabelecidos de maneira flexível, para possibilitar alterações, se necessário for.



Balanços da docência: reflexões de uma professora

Cristiane dos Santos Gonçalves⁵

"Vamos pegar nossos livros e canetas. Eles são nossas armas mais poderosas. Uma criança, um professor, uma caneta e um livro podem mudar o mundo. A educação é a única solução".
(Malala Yousafzai, 2013)

Essa frase é uma citação de Malala Yousafzai, uma ativista paquistanesa pelos direitos das mulheres e educação. A frase significa que a educação é uma ferramenta poderosa e que pode mudar o mundo. Para Malala, livros e canetas são armas poderosas porque permitem que as pessoas aprendam, se informem e se tornem mais conscientes dos seus direitos e das questões sociais ao seu redor. A frase sugere que a educação é uma solução para muitos dos problemas que a humanidade enfrenta, e que as crianças e os professores têm um papel importante a desempenhar na transformação da sociedade por meio da educação. Nodari (2009, p.66) *apud* Roncarelli, Stecanela e Pauletti (2021) dizem que a educação "é um processo fascinante, sedutor e provocador de ensinar e

⁵ Disciplina: Tópicos Contemporâneos em Docência. Programa de Segunda Licenciatura da Universidade de Caxias do Sul.



aprender a pensar, a pesquisar, a dialogar, a viver, a conviver, a responsabilizar-se”. Sendo assim, Charlot (2005, p. 90) *apud* Adriana Eugênio de Souza Ponte (2012) usa a sentença “ensina-se um saber, forma-se um indivíduo”, mostrando a ‘relação do ensinar para saber’ e do ‘saber para formar-se’.

E, por falar em educação, entende-se o pensamento Freire, ao falar sobre o sentido da educação:

A educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude. Mais ainda, pelo fato de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza não apenas saber que vivia, mas saber que sabia e, assim, saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí. (Freire, 2001, p. 12).

E, o professor tem um papel muito importante na educação. Ele desempenha um papel fundamental na criação de um ambiente de aprendizagem positivo e motivador, inspirando os alunos e transmitindo o conhecimento de maneira clara e acessível. Além disso, o professor é responsável por engajar os estudantes em atividades de aprendizagem significativas, que ajudam a promover o desenvolvimento acadêmico e pessoal de cada um.



Para ser um bom profissional, é necessário que o professor esteja em constante movimento e atualização. Isso inclui participar de cursos de formação, workshops e conferências, além de estar atualizado sobre as últimas tendências e avanços na educação. O professor deve estar sempre aberto a novas ideias e práticas, disposto a experimentar novas metodologias de ensino e adaptar suas abordagens de acordo com as necessidades de cada um.

Além disso, o professor deve ser um excelente comunicador, capaz de se comunicar de maneira clara e eficaz com os alunos, colegas e pais. Ele deve ter habilidades de liderança, ser capaz de motivar e inspirar seus alunos a alcançar seus objetivos e potencial máximo. O professor também deve ser um modelo de comportamento ético e profissional, demonstrando respeito, integridade e empatia em todas as interações com seus alunos. Li uma frase em que diz: "*Children see, children do*", que, na tradução livre, quer dizer: "Crianças veem, crianças fazem". Esta frase é um lembrete poderoso de que as crianças aprendem muito observando e imitando os adultos ao seu redor. É por isso que os professores desempenham um papel fundamental no desenvolvimento delas, pois são modelos a serem seguidos em sala de aula. Os professores que demonstram comportamentos positivos, como respeito, paciência e empatia, podem ter um impacto duradouro nos seus alunos, que podem adotar esses comportamentos e



valores em suas próprias vidas. É por isso que devemos estar sempre cientes do nosso comportamento e do exemplo que estamos dando aos nossos alunos.

Em suma, o professor é um articulador fundamental da educação, desempenhando um papel vital no desenvolvimento de habilidades e conhecimentos de seus alunos.

Cunha (1999, p. 131), *apud* Roncarelli, Stecanela e Pauletti (2021), afirmam que “[...] sendo a educação uma prática social, o exercício da profissão docente estará sempre circunstanciado a um tempo e a um lugar, num desafio constante de reconfiguração de suas próprias especificidades.” E ainda afirmam que:

O contexto particular de cada docente revela uma docência permeada pela subjetividade. Dessa forma, o fazer docente é pessoal, mas, ao mesmo tempo, se revela no coletivo –na interação entre professor e educandos ou entre os próprios professores –constituindo saberes da profissão que podem ser compartilhados entre os professores.

É fato que os professores devem estar sempre em movimento, seja físico ou intelectual, para acompanhar as mudanças no mundo e na sociedade, bem como para atender às necessidades e às demandas dos estudantes. A este movimento, chamamos de “docência em movimento” – ou seja, uma abordagem pedagógica que valoriza a mobilidade e a



flexibilidade dos professores no processo de ensino e aprendizagem.

José Carlos Libâneo, em seu livro *Didática* (2017), defende que os professores devem estar em constante movimento, atualizando-se e aprimorando sua prática pedagógica para atender às demandas dos alunos e da sociedade. Ele destaca a importância da reflexão crítica sobre a prática pedagógica como um elemento fundamental para a docência em movimento. Por práticas pedagógicas podemos entender que são ações conscientes e participativas que visam a atender expectativas educacionais de uma determinada comunidade. Elas servem para organizar, potencializar e interpretar as intencionalidades de um projeto educativo, segundo Maria Amélia do Rosário Santoro Franco (Franco, 2014).

Desde muito nova, sempre tive um interesse especial pela educação e pela possibilidade de me tornar professora. Aos seis anos de idade, fui à escola pela primeira vez e fiquei fascinada pelo mundo ao meu redor, especialmente pela minha professora e pelo ambiente escolar. Quando concluí o ensino médio aos dezessete anos, decidi seguir o caminho do magistério, no qual me encontrei completamente. Mais tarde, enquanto cursava Letras, descobri a Língua Inglesa e todo o universo que a cercava.

Desde o início do curso, comecei a trabalhar na área educacional e me envolver cada vez mais com essa profissão.



Com o passar do tempo, busquei especialização e continuei procurando novos desafios. Em 2023, decidi ingressar no curso de Segunda Licenciatura em Pedagogia e pretendo concluí-lo ainda neste ano. Este campo é totalmente diferente do que já vivi, focando na Educação Infantil, com seus campos de experiências, e no Ensino Fundamental, com suas áreas de conhecimento.

A epígrafe do livro Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll, veio para concluir minha reflexão: "Quando acordei hoje de manhã, eu sabia quem eu era, mas acho que já mudei muitas vezes desde então", reflete perfeitamente a ideia de que a formação pessoal e profissional é um processo contínuo de mudança e transformação, uma jornada de evolução constante que envolve o crescimento individual e profissional.



Balanços da docência: recursos, percursos e um pouco de utopia

Cristina Lhullier⁶

A escrita do texto *Balanços da Docência: Recursos, Percursos e um Pouco de Utopia* se organiza em cinco momentos da trajetória como docente na área da história da psicologia. Essa trajetória iniciou ainda no segundo grau da Educação Básica, perpassando a formação graduada e pós-graduada em Psicologia e a atuação como professor de ensino superior em uma universidade comunitária. Cada momento se compõe de uma breve narrativa das experiências vivenciadas, finalizando com a listagem de atributos que são acrescidos ao balanço dos saberes efetuados. O encerramento do texto se faz com uma tentativa de reflexão a respeito desses atributos e uma perspectiva de futuro.

As primeiras experiências sobre/com a docência tiveram início ao longo dos três anos do segundo grau, cursado em uma instituição de ensino privado. Como estudante atento não somente ao conteúdo, mas também às estratégias pedagógicas, pude perceber, pouco a pouco, que o conhecimento não é

⁶ Disciplina: Tópicos Contemporâneos em Docência. Programa de Segunda Licenciatura da Universidade de Caxias do Sul.



produzido, nem tampouco adquirido por “atalhos”. Isto significa a ausência de “fórmulas mágicas” para que a aprendizagem seja efetuada, bem como a realidade de que as informações decorrentes das investigações das diferentes áreas, repassadas em sala de aula, são frutos de um processo contínuo de ação e de reflexão a respeito dos objetos do conhecimento. Assim, o caminho para a aprendizagem em profundidade necessita de uma dedicação também aprofundada. Disto decorre a necessidade de investimento - de tempo, de planejamento, de comprometimento - para que o conhecimento seja examinado, exercitado, refletido e aplicado (muitas vezes para além do contexto de sala de aula). Mais ainda, é preciso compreender que o conhecimento, e a aprendizagem não são processos retilíneos e causalistas (embora alguns livros didáticos insistam nesta lógica). São, em realidade, processos complexos e multifacetados, os quais exigem uma postura de abertura à diferença, à diversidade e à contradição. Exigem também o cultivo da curiosidade diante do mundo e das pessoas e, por vezes, do desafio de não aceitar explicações “simples” (simplistas?) ofertadas de modo a evitar o debate e o questionamento (Vasconcellos, 1992).

Dessas primeiras experiências, acrescento à “balança dos saberes” os atributos da curiosidade, da persistência e da inquietude.



Os anos de graduação e de pós-graduação em Psicologia oportunizaram experiências de exemplos de atuação docente que ainda norteiam o que realizo no momento presente. Dessas experiências, destaco aquelas vivenciadas junto aos professores orientadores de mestrado e de doutorado, com os quais pude cursar disciplinas e ser supervisionada nos períodos de estágio docência, oportunidades criadas pelas bolsas de instituições de fomento à pesquisa. Tais exemplos eram permeados por uma atitude de compromisso com o conhecimento, a qual revertia em reverberações no processo de construção de mim mesma como pessoa, como profissional da psicologia e como docente da história da psicologia (Farago, 2006). Essa atitude de compromisso se apresentava em situações como o respeito às fontes do conhecimento, com o incentivo à leitura dos textos originais dos autores investigados/ensinados com o intuito de produzir uma síntese própria, e singular, das informações (Wertheimer, 1998). Outra situação era o entendimento de que, nos processos de ensinar, deve-se evitar reduzir ou simplificar a informação a ser repassada aos estudantes. Essa informação deve ser apresentada “por inteiro”, com suas complexidades e suas contradições (algo muito presente na Psicologia), a fim de que o estudante possa realizar um entendimento próprio e síntese do conhecimento. O docente deve buscar maneiras de “traduzir” a informação por meios de estratégias do ensinar para que se adeque ao público-alvo e às necessidades deste em cada



momento do percurso de aprendizagem. Por fim, atento para a situação de preocupar-se com as relações gestálticas do conhecimento produzido pela Psicologia, focando-se nas interdependências dos contextos de produção, de difusão e de apropriação desse conhecimento, de modo a criar um panorama dinâmico a respeito desse conhecimento e fugir das explicações lineares e a-contextuais que, em algumas situações, permeiam o ensino da história das ciências (Ferreira, 2006; Yamamoto, 2012).

Desses exemplos de docência em Psicologia, acrescento à “balança dos saberes” os atributos do comprometimento, do rigor conceitual e da reflexividade.

O início das experiências como docente nas salas de aula do ensino superior trouxe, em alguns momentos, o conflito entre a teoria e a prática. E, com isso, trouxe a necessidade de se atuar na práxis, de modo a combinar esses dois polos e produzir sínteses criativas e criadoras da docência em psicologia (Vasconcellos, 1992). Os desafios que se apresentaram (e ainda se apresentam) no cotidiano da sala de aula são melhor expressos no formato de questionamentos. Isto porque os mesmos permanecem sem respostas. Relatá-los com uma marca de interrogação indica que ainda são impulsionadores da atitude de reflexão-ação docente (Roncarelli, Stecanela & Pauletti, 2021). São eles: o conhecimento produzido pela Psicologia, em mais de cem anos de existência como área autônoma, serve para



quê (ou para quem)?; Que estratégias utilizar para lecionar psicologia para quem não deseja ser um profissional da psicologia, como no caso das disciplinas dessa área do conhecimento lecionadas para os cursos de licenciatura e os demais cursos de bacharelado? Que estratégias utilizar para lecionar história da psicologia para quem não gosta de história ou não a compreende como uma área do conhecimento que contribua para com o entendimento do mundo contemporâneo e das práticas psicológicas da contemporaneidade?. É preciso mencionar também aprendizados docentes derivados das primeiras experiências no ensino superior. Um desses aprendizados refere-se à importância do planejamento das aulas. Infelizmente, a formação pós-graduada, e mesmo os estágio de docência, careceram de aprofundamento no tocante à didática. O aprendizado acabou ocorrendo de modo empírico, por meio de experimentos, bem-sucedidos ou não, com o uso de estratégias diversas. Esses proporcionaram tanto o conhecimento de múltiplas estratégias de ensino-aprendizagem, quanto o conhecimento metacognitivo a respeito dos processos de organização e de exposição da informação dos quais me utilizo para exercer a atividade docente. Outro desses aprendizados foi a necessidade da improvisação no contexto da sala de aula (Perrenoud, 1999). Como escrito, nem sempre os experimentos didáticos eram bem-sucedidos e, com isto, surgia a necessidade (oportunidade?) para o improviso. Improviso no



modo de apresentar um conteúdo, improviso no modo de realizar uma avaliação, improviso no modo de esclarecer uma dúvida dos estudantes, improviso no modo de acolher uma demanda dos estudantes que transcende o conteúdo. Improviso, até, na capacidade de dizer “eu não sei, mas posso buscar esta informação para você e trazê-la na próxima aula”. Deste modo, o improviso não se mostrou uma falha do planejamento, mas parte deste.

Desses inícios como professor de ensino superior (mas será que se deixa de ser principiante?) acrescento à “balança dos saberes” os atributos da escuta ativa e do improviso.

No decorrer do período como docente de ensino superior na área da Psicologia, saliento as experiências com os processos de avaliação presentes nas disciplinas sob minha responsabilidade. Assim como os experimentos realizados com diferentes estratégias didáticas, experimentei diferentes instrumentos e processos avaliativos ao longo dos semestres. Provas com questões objetivas e discursivas, trabalhos individuais e em grupo, seminários, portfólios, resumos, resenhas, aplicação prática dos conceitos na elaboração de personagens e de organizações não-governamentais fictícios, feira de ciências, pôsteres, verbetes, *podcasts*, leituras críticas de filmes *live action* e desenhos animados, entre outros. Os desafios do uso desses processos e instrumentos variam desde sua elaboração até o processo de correção e de devolução dos



resultados aos estudantes. Ressalta-se que grupos diversos de estudantes responderam de modo também diverso às propostas realizadas, bem como o fato de que algumas dessas propostas tornaram-se dependentes do número de estudantes matriculados nas disciplinas. Ao refletir a respeito dos experimentos realizados, percebo que pude acolher os percursos de aprendizagem de uma boa parte dos estudantes. Alguns deles me agradeceram pelos desafios proporcionados e também pelas ideias de avaliações a serem realizadas em suas atuações docentes. No entanto, em um número menor de ocasiões, fui criticada pelas mesmas propostas avaliativas, as quais foram descritas como “descontextualizadas da realidade do ensino superior”, “muito trabalhosas de serem efetuadas por estudantes da graduação”, “de difícil compreensão” ou simplesmente “muito chatas de fazer”. Talvez o que tenha mais me surpreendido nesses experimentos foi a solicitação por parte dos estudantes do retorno das provas com questões objetivas. Na opinião desses, a estrutura deste tipo de avaliação permitiria um estudo mais objetivo do conteúdo e a verificação mais clara dos erros e dos acertos. Além disso, ressaltaram que poderiam estudar apenas para a prova, evitando o “excesso” de atividades solicitadas nas diferentes semanas de aula. Deste modo, no momento presente da atuação docente busco combinar a avaliação do tipo prova com outros instrumentos. Busco adotar uma perspectiva ética nos processos de avaliação (Rios, 2008),



considerando as necessidades e as demandas discentes. Contudo, permaneço com a perspectiva de que experimentar, desafiar e inovar pertencem ao espaço-tempo da sala de aula. Portanto, continuo procurando e pensando em (novas) maneiras de realizar a avaliação.

Dos múltiplos processos de (re)avaliar os processos e as estratégias avaliativas, e de (re)avaliar a mim mesmo como docente, acrescento à “balança dos saberes” os atributos da criatividade e da insubordinação.

Se a trajetória da atuação docente iniciou com as experiências como discente, é na relação estabelecida com os estudantes que essa se (trans)forma cotidianamente (Rios, 2008; Stecanela, 2009). É no encontro quase diário com os estudantes que vivencio os aspectos mais ambivalentes da práxis docente e, graças a esses aspectos, me aperfeiçoio como professor e como pessoa. Por que os nomeio aspectos ambivalentes? Mesmo que há algum tempo tenha adotado a máxima de que “não se consegue agradar todo mundo”, ainda me percebo admirada com as diferentes percepções (e recepções) dos estudantes a respeito de minha atuação em sala de aula. Em uma mesma turma, posso ser fonte de inspiração profissional e posso ser recipiente de críticas ácidas veiculadas, no contexto contemporâneo, nas redes sociais digitais. Sou afetada por essas percepções e as considero como aprendizagens necessárias do tornar-se professor. Contudo, desejaria que tais encontros



pudessem ser realizados em uma atmosfera de compromisso com o crescimento e não como transação comercial ou como determinação de culpabilidade. Isto porque, assim como o arqueiro Zen não atira sua flecha apenas com o arco, mas sim com seu corpo inteiro (Herrigel, 2011), o professor atua no espaço-tempo da sala de aula como uma integralidade. Deste modo, trago gravadas comigo as impressões geradas pelos encontros com os estudantes.

Desses encontros, acrescento à “balança dos saberes” os atributos da empatia e da compaixão (para comigo e para com os outros).

E o que permanece do balanço dos saberes? Depois que tudo for pesado e medido, penso que o saber deva ser leve como folhas ao vento e profundo como os abismos dos oceanos. Que deva ser humano, essencialmente.



Balanços da docência: a construção do educador em movimento

Daniela Schiavenin⁷

Ser docente na atualidade é estar em constante processo de busca pelo conhecimento, isto é, praticar a docência em movimento, a qual está atrelada a reinventar-se a cada nova experiência. O educador deve buscar constantemente por novas metodologias, ferramentas e técnicas ao ensinar, estabelecendo relações entre a teoria e a realidade prática. Procurando, também, despertar o interesse e a curiosidade do aluno para o conhecimento. Assim como nos diz Terezinha Rios:

Se sou professora, pesquiso para ampliar meu saber, sim, mas também para ampliar a qualidade da partilha que faço desse saber com os alunos. Mais ainda: para que esse nosso saber possa ser construtor de um mundo em que o direito de todos a todos os saberes possa ser plenamente vivenciado. (RIOS, 2008, p. 13)

Ao falar em docência em movimento, temos a importância da formação continuada, pois não basta termos todos os saberes em nossa maleta, a exemplo do que Lygia Bojunga escreve na obra “A professora e a maleta”, uma vez que podemos perder essa maleta, correndo o risco de também

⁷ Disciplina: Tópicos Contemporâneos em Docência. Programa de Segunda Licenciatura da Universidade de Caxias do Sul.



ficarmos perdidos, devemos, assim, ter a mente aberta para novos conhecimentos e novas soluções, pois, provavelmente, nossa “maleta” não caberá em todos os contextos. “Os olhos com que revejo já não são os olhos com que vi”, nos diz Freire (1994, p. 17). Olhar para o passado não para mudá-lo, mas para compreendê-lo, pois, “ninguém fala do que passou a não ser na e da perspectiva do que está se passando”. (1994, p. 17). (Freire apud Stecanela, 2012, p. 27)

A identidade docente vai se construindo a cada prática vivenciada. A formação do professor está atrelada a cada um dos momentos vivenciados por ele, tanto em sua vida pessoal como profissional. Cada experiência que se desenvolve tanto na formação acadêmica, como na prática da profissão, são conhecimentos que constroem a identidade do docente.

Um professor, assim como outros profissionais, não se forma apenas de teorias, pois é através de suas ações e reflexões que ele vai se constituindo e mudando. Conhecimento não se constrói apenas através da teoria, mas por meio do diálogo e da experiência. Por isso, dentre tudo o que vivi na formação, o que mais me marcou até hoje, foram as práticas de estágio, aprendi de maneira significativa com cada prática, senti como é gratificante ministrar aulas de Português e Literatura e de como aprendemos com os alunos. Coloco aqui, também, a importância do estágio para entrarmos em contato com a prática do que aprendemos ao longo do curso. “Para o estudante, a prática, a



dedicação e a disciplina adquiridas durante o período de estágio agregam valor e conhecimento à sua carreira.” (Santos, 2014 p. 3). A autora ainda assinala que o estágio transforma o nosso olhar para o futuro, construindo um novo projeto de vida.

Outrossim, não existe educação de qualidade se não voltarmos o olhar para as singularidades dos alunos, uma vez que cada característica deve ser considerada no planejamento e nas práticas de sala de aula. A questão da pluralidade se faz presente nos dias que se correm e as diferenças que se enfatizam são psicológicas, físicas, éticas e raciais. O professor e a própria escola, por sua vez, devem estar preparados para trabalhar com cada uma dessas questões, tendo papel primordial para articular a igualdade com a diferença.

Cada docente deve utilizar a metodologia que melhor se adequa à realidade vivida por seus alunos, mas sobretudo, deve contemplar o processo de ensino e aprendizagem de maneira integral, obtendo-se, assim, um bom desempenho. Hoje, a maioria dos indivíduos já nasce em meio à tecnologia, mas apenas ter esse acesso, não assegura por si só qualquer melhoria na qualidade da educação. Por isso, o professor deve ser mediador nesse processo, utilizando-a a seu favor, de forma a desenvolver a criticidade e a criatividade.

As tecnologias, no século XXI, são grandes ferramentas no processo de ensino e aprendizagem e se bem utilizadas, com materiais selecionados e bem elaborados, tornarão a aula mais



atrativa e integradora. Através delas, o aluno tem a possibilidade de entrar em contato com a informação, pesquisar e esclarecer dúvidas, avançando mais no conhecimento profundo. Ela nos permite a criação de desafios, atividades e jogos que fazem com que a aprendizagem aconteça através da interação e que se desenvolva uma integração maior entre diferentes áreas de conhecimento.

Para que aconteça uma educação de qualidade, a mera transmissão de informações não é suficiente para obtenção do sucesso. Uma boa metodologia que envolve o diálogo entre educador e educando, e entre os próprios educandos é o caminho ideal. Segundo Paulo Freire (1996, p. 12) “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro.” Sendo assim, tanto professor como aluno são importantes no processo de ensino e aprendizagem. Ademais, não se pode desconsiderar os conhecimentos que perpassam na vida de todos, deve-se dar a oportunidade para o educando utilizar o conhecimento que já traz consigo, podendo se expressar. Assim, o aluno aprende com o professor e vice-versa.

Ser professor é ter papel de mediador e orientador do aluno para o conhecimento e não apenas o simples papel de transmissor de informações, como acontece na metodologia tradicional. A aula deve ser construída de forma conjunta,



possibilitando troca de saberes entre educador e educandos, através de debates, momentos de falas e indagações, procurando esclarecer as dúvidas que possam surgir. Devem ser considerados os problemas reais e os desafios do dia a dia, como forma de motivação, buscando o maior envolvimento e produzindo debates sobre temas atuais. Permitindo, assim, que se associem os assuntos trabalhados em sala de aula às práticas do dia a dia.

Outro ponto a ser citado são os diferentes contextos da educação. As experiências do dia a dia participam de forma significativa para a formação de qualquer indivíduo. Sendo a principal delas a educação familiar, onde acontecem os primeiros passos de aprendizagem, bem como na comunidade em que o aluno está inserido. “Suas experiências cotidianas participam da sua formação tanto quanto as aprendizagens escolares.” (Stecanela, 2008, p. 3). Por isso, devem ser valorizados os saberes e as experiências que cada aluno carrega consigo.

A educação fora do sistema escolar vem se expandindo cada vez mais. Os termos “escola” e “educação”, muitas vezes, são confundidos, porém, o ato de ensinar não se restringe apenas à escola. A educação é muito mais abrangente e não acontece apenas dentro das instituições de ensino. “Assim, crianças e jovens convivem com suas identidades de alunos e aprendem a crescer em todas as dimensões de sua experiência. Estes atores



têm uma vida fora da escola e administram as múltiplas dimensões que concorrem na construção de suas identidades.” (Stecanela, 2008, p. 3).

Portanto, ser professor é ter um sonho que vá além de ensinar as disciplinas curriculares, mas de concretizar ações que façam a diferença na caminhada dos educandos. Construir uma formação humana, que considere a relação em sociedade, e que possa transformar a realidade. Pois, como Paulo Freire afirma: “Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”. É através dela, que podemos formar seres mais críticos, que colocam os interesses coletivos acima dos individuais.



Balanços do saber: a vivência de um docente

Daniele Ribeiro⁸

A educação é primordial na construção da cidadania e de novos sentidos e visões de mundo, para o desenvolvimento das capacidades e criticidade social e cultural. Estar envolvido como profissional da educação nos traz muitas reflexões e memórias. É possível perceber os desafios e percepções sobre ser docente na contemporaneidade e como é a atuação do professor que precisa buscar formas diferenciadas para transmitir o conhecimento e motivar seus alunos.

Durante minha vivência como professora, tanto nos estágios obrigatórios como também na atuação em sala de aula, percebi que a docência contemporânea apresenta muitos desafios, sendo necessário que os professores estejam preparados para esse novo tempo. A educação passa por mudanças a todo momento com a pandemia mundial da Covid - 19 e com os decretos estaduais que nos trouxeram muitas incertezas e novas descobertas, abrindo oportunidades para o desenvolvimento de novas formas de aprender e de ensinar.

⁸ Disciplina: Tópicos Contemporâneos em Docência. Programa de Segunda Licenciatura da Universidade de Caxias do Sul.



Quando menciono desafios, eu me refiro a tantas dificuldades que o profissional docente se depara em sua profissão, entre esses desafios cito que há uma grande diferença entre o planejamento e a aula realizada e que isso acontece por diversos motivos. A falta de interesse de alguns alunos é outra questão que me preocupa, pois nos dedicamos com planos de aulas bem elaborados e, muitas vezes, não somos valorizados pelo trabalho desenvolvido. É possível ver os colegas professores bem desmotivados, buscando terapias para amenizar os danos psicológicos causados pela profissão. Com a pandemia também foi possível ver a dificuldade de mudar a forma de trabalho, onde o contato físico era muito presente e agora as aulas passam a ser online e, muitas vezes, os alunos não comparecem, deixando os professores tristes.

No meu primeiro contato com a docência percebi as turmas muito agitadas, a indisciplina em sala de aula foi algo muito marcante durante minha atuação, pois a falta de experiência do profissional quando inicia em sala de aula e não consegue ter o controle e domínio da turma é desesperador. Com o tempo, vamos conhecendo cada aluno e aprendendo como lidar com cada situação. É um processo lento, mas a evolução acontece e ficamos felizes com os resultados profissionais que passam a ser pessoais também, e o quanto esse contato com diferentes culturas, pensamentos e realidades agrega novos saberes.



A violência que muitas vezes se apresenta nas escolas vem da realidade que o aluno está inserido, já vi alunos se agredindo porque era coisa normal em casa as brigas e isso causa impactos para o profissional, que, muitas vezes, tem medo das consequências e de ser agredido. O professor ao se deparar com situações de violência tenta um diálogo com as famílias e eles às vezes nem comparecem ou simplesmente ignoram o fato apresentado.

No meu ponto de vista, a educação só acontece quando cada um fizer a sua parte, os pais devem acompanhar os temas escolares dos filhos, ensiná-los sobre respeito e empatia; os professores dão um suporte, conscientizando os alunos sobre os valores humanos, ensinando os conteúdos escolares e tirando as dúvidas que vão surgindo no decorrer das aulas.

Foram muitas as aprendizagens e reflexões durante minha prática docente, aprendi muito ouvindo meus alunos e com as experiências compartilhadas em sala de aula. Foi possível ver que a troca de conhecimentos traz muitos benefícios para todo o grupo, tanto aluno como professor e que o bom relacionamento entre ambos faz uma diferença durante o processo de aprendizagem.

Hoje em dia ser professora, muitas vezes, é fazer o papel dos pais, é ser mãe dos alunos, ser psicóloga, ser pedagoga. Ser professor não é uma tarefa fácil, mas é uma profissão necessária.



O que seria das futuras gerações se não houvesse pessoas dispostas a ensinar?

O professor precisa se aperfeiçoar a todo instante, não é só ser professor, precisamos sempre ser alunos, estar sempre aprendendo. Além do aperfeiçoamento profissional, o professor precisa buscar maneiras de estimular seus alunos e tornar o material didático mais acessível é ininterrupta.

Também vejo a questão de os pais colocarem as responsabilidades para os professores, pois muitos enxergam os docentes como “babás” de seus filhos. Vejo que muitos não estão preocupados com as aprendizagens e sim com a questão comportamental, já que muitos trabalham fora e não conseguem acompanhar o que os filhos fazem, sendo assim, eles acreditam que a escola é o melhor espaço, espaço seguro para seus filhos ficarem e sabem que se acontecer algo relevante podem culpar o professor que naquele momento é o responsável pelo menor.

Muitos professores sonham em passar em concursos públicos, sonham em ter uma estabilidade no trabalho, uma melhor remuneração e crescimento profissional. Mas para passar em concurso sabemos que precisamos de muita preparação, e que muitos profissionais que assumem o cargo público ainda não conseguem ficar satisfeitos como seria o esperado, já que a tarefa de ser professor vai além de ser aprovado na prova que possibilita a oportunidade para essa função.



Como vimos, as dificuldades são grandes, mas o amor pela experiência de ensinar, de ajudar outras pessoas a se desenvolver fala mais alto. É gratificante ver um estudante aprendendo, abrindo a mente para novas descobertas e conhecimentos e o retorno daqueles que percebem a importância da educação para o presente e o futuro. Acredito que o professor é o profissional capaz de mudar o mundo, e é através deste profissional que vamos formar novos profissionais de diferentes áreas do conhecimento.

Como docente precisamos ter esperança de um futuro melhor, precisamos continuar nos dedicando, precisamos ser o exemplo para as futuras gerações. Cada profissional da educação tem um papel importante para a sociedade, pois esse profissional mostra que a educação é capaz de transformar vidas.



Balanços da docência: um olhar em retrospectiva

Deivid da Silva Ferreira⁹

Minhas primeiras experiências docentes ocorreram ainda durante a primeira graduação, o curso de História da UCS, que cursei entre 2013 e 2016. Durante esse período, fui bolsista do PIBID por três anos, de 2014 a 2016. O projeto foi desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Médio Professor Apolinário Alves dos Santos, junto às turmas dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Por fim, acabei por desenvolver os estágios curriculares na mesma escola, devido à proximidade e contatos desenvolvidos nesses anos de bolsista de iniciação à docência.

Considero que a minha primeira formação moldou muito da minha visão sobre ser docente. Ingressei na universidade motivado a estudar História, mas sem pensar, ainda, os caminhos profissionais que seguiria. A docência surgiu naturalmente, com a proposta dessa bolsa, cujo programa estava sendo implementado na UCS. Ao longo do tempo, acabei me

⁹ Disciplina: Tópicos Contemporâneos em Docência. Programa de Segunda Licenciatura da Universidade de Caxias do Sul.



descobrimo enquanto professor, percebendo o quanto me sinto confortável no trabalho com a educação.

Após a graduação em História, segui meus estudos de pós-graduação, cursando o Mestrado em História na Unisinos como bolsista CNPq e, atualmente, doutorado em História, também na Unisinos, sendo bolsista de taxas CAPES. Durante o doutorado, cursei o estágio de docência, tendo a oportunidade de ministrar aulas na disciplina de História da América Independente do Curso de Licenciatura em História da Unisinos. A disciplina foi desenvolvida na modalidade EaD, o que facilitou minha participação, visto que moro em Caxias do Sul e o campus da Unisinos está localizado em São Leopoldo.

Essa experiência docente no ensino superior foi significativa, pois eu estava sob a supervisão do meu orientador de doutorado, o Professor Hernán Ramírez, que também orientou minha dissertação de mestrado. Mesmo não versando sobre meu tema de pesquisa, a atuação enquanto docente foi bem interessante, colocando-me em contato com uma realidade diferente daquela que vivo no meu dia a dia, a do ensino fundamental.

Desenvolvi o mestrado entre 2018 e 2020, ingressando no doutorado em 2021. A graduação em Geografia, por sua vez, foi iniciada em maio de 2022. Como fui bolsista integral no mestrado, somente pude iniciar minha trajetória docente efetivamente no ano passado, em 2022. Inicialmente, fui



nomeado como Professor de História para o Município de Flores da Cunha, onde lecionei somente no mês de março; logo ao final da minha segunda semana de trabalho, saiu minha nomeação para Caxias do Sul. Devido ao fato de as duas vagas serem no turno da manhã e eu estar cursando o doutorado, exonerei-me em Flores da Cunha para assumir em Caxias do Sul em abril de 2022.

Em Flores da Cunha, lecionei em duas escolas: as EMEFs Tancredo de Almeida Neves e Benjamin Constant. Em Caxias do Sul, durante o ano passado, lecionei na EMEF Giuseppe Garibaldi e estou, esse ano, lotado na EMEF Professora Ester Justina Troian Benvenuti.

Durante minha formação, enquanto docente e pesquisador, agreguei em minha prática pedagógica uma preocupação com o conteúdo social da educação. Acredito que a formação do estudante deve priorizar a criticidade, a autonomia e princípios de convivência como a solidariedade e a busca por uma sociedade mais justa. Para mim, o ensino de Geografia e História deve estar conectado aos anseios das gerações atuais de estudantes e às demandas da sociedade como um todo. Mais do que o aprendizado dos conteúdos, o professor deve ter em mente o desenvolvimento das habilidades e competências que contribuirão para a formação cidadã, de forma que os documentos orientadores, como a BNCC, devem estar conectados à realidade e às demandas locais.



O ensino de História deve estar associado, dessa forma, a uma formação crítica, que compreenda o lugar do ser humano e, especialmente, o lugar do próprio estudante dentro dos processos históricos e a compreensão das temporalidades que se seguem ao longo da história. É importante conhecer e relacionar as dinâmicas da história “mundial” (em verdade, eurocêntrica), nacional e regional. É fundamental que o educando compreenda as origens das estruturas da sociedade atual, de forma que saiba localizar a origem dos conflitos existentes na atualidade, além das estruturas econômicas, culturais e políticas nas quais vivemos imersos.

O ensino de Geografia, por sua vez, prioriza o entendimento da formação espacial e das relações entre a sociedade e o meio no qual ela vive. Portanto, o estudante deve desenvolver habilidades que o permitam perceber as formações e transformações do espaço local, as dinâmicas dos territórios e das paisagens, a inserção da sua localidade nas redes nacionais e globais, compreendendo como as dinâmicas mais amplas da globalização e do capitalismo impactam no seu local de convívio, e também o contrário: como os lugares estão relacionados às dinâmicas globais da economia, da política e da cultura.

O ensino formal, dessa forma, deve partir das estruturas propostas pela legislação e estar, portanto, adaptado às demandas e necessidades locais da sociedade. Considero fundamental levar em conta os conhecimentos prévios do



estudante e a sua vivência, pois ele estará construindo o seu conhecimento a partir da sua bagagem, dos seus conhecimentos adquiridos e construídos ao longo da vida. O estudante não é uma tábula rasa, que simplesmente receberá os conteúdos colocados pelo professor. É fundamental, dessa forma, que o professor considere o estudante enquanto sujeito ativo no processo ensino-aprendizagem, de forma que seu trabalho faça sentido para o sujeito.

Algo que me marcou durante a vivência docente foi a compreensão de que o maior aprendizado acontece na prática. Somos constantemente cobrados pela escola em relação à questão disciplinar, um dos principais desafios vividos pelo professor na atualidade. Atualmente, me encontro inserido em uma realidade escolar periférica, o que é comum na Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul. Essa realidade conta com algumas notórias dificuldades, como a presença de estudantes oriundos de famílias desestruturadas, com dificuldades financeiras, contextos sociais de conflito e exclusão... além da presença de drogas entre os estudantes. Infelizmente, a educação superior não nos forma para esse trabalho na realidade. Não considero isso uma falha dos currículos de licenciatura, mas, sim, uma dificuldade que apenas temos a real dimensão quando nos deparamos com a prática e a vivência escolar.



Essa convivência com a exclusão e a marginalização me levou, esse ano, a uma experiência inédita: um aluno meu, do oitavo ano, foi assassinado há poucas semanas. Usuário de drogas, esse estudante estava matriculado na escola que atualmente leciono desde o primeiro ano do ensino fundamental, de forma que a direção e o corpo docente conheciam a sua realidade com muita proximidade. Foi um choque para mim o acontecimento, mas isso é uma demonstração, mesmo que trágica, da necessidade de ver a educação enquanto instrumento de transformação da sociedade. Não compactuo com uma educação que não seja transformadora, que não tenha impacto social. O professor pode, e deve, atuar de forma a, conforme citado antes, formar cidadãos críticos, sensíveis às injustiças e desigualdades, que tenham condições de transformar não somente a própria experiência, mas também a coletividade.



Balanços da docência: percurso docente

Deivis Térris da Rosa¹⁰

Minha carreira docente ainda é recente, iniciei em 2021 como docente e isso no meio da pandemia de Covid-19, de um modo meio torto poderia assim se dizer, com aulas *online* via *Google Meet*. Fui fazer minha estreia presencial somente em 2022. Neste sentido, não tenho base para comparar a contemporaneidade com um tempo mais antigo, mas posso dizer que vejo os alunos com um perfil diferente de quando eu era aluno de Ensino Fundamental, Médio e Graduação.

Hoje os estudantes são menos propensos a escrever, são mais da era digital, as aulas têm que ter uma dinâmica diferente do tempo que estudamos, os professores têm que buscar novas metodologias para poder prender a atenção deles, pois competimos com celulares e redes sociais que dificultam a atenção em aula. Por isso, a necessidade de os professores buscarem essas tecnologias a seu favor.

Neste sentido, destaco o que Rios (2008) comenta, onde aula não é algo que se dá e sim algo que se faz juntos, alunos e

¹⁰ Disciplina: Tópicos Contemporâneos em Docência. Programa de Segunda Licenciatura da Universidade de Caxias do Sul.



professores, pois dessa forma, ensinamos e aprendemos em conjunto.

Outro ponto que merece destaque segundo o vídeo do professor Mateus Panizzon, são as cinco dimensões da inovação na Educação Básica (gestão, currículo, ambiente, metodologia e intersectorialidade), as quais só poderão ser implantadas se a instituição escolar estiver aberta a novas formas de ensinar e aprender e realmente conhecer como implementar, orientar e incentivar seus docentes a trabalhar com uma educação inovadora.

Ressalto ainda que, no meu ponto de vista, professor é aquele que orienta, que instrui e dá caminhos para que o aluno construa o seu conhecimento. Neste pouco tempo de docência, posso dizer que o que mais me marcou foram pequenos depoimentos de alunos que dizem gostar de minhas aulas, que conseguiram aprender algo, que conseguiram um resultado melhor em provas de concursos, alunos que me pedem para ministrar outras disciplinas porque gostaram de minha didática e inclusive já fui convidado duas vezes para ser paraninfo de turmas. Isto para mim está sendo muito marcante, pois acredito que estou no caminho correto na docência.

A docência exige sempre estarmos em movimento, a cada dia dentro da sala de aula vamos aprendendo junto com os alunos, pois uma metodologia aplicada em uma turma nem sempre pode de aplicada em outra e sempre refletimos se aquele



recurso e metodologia aplicada está contribuindo para o aprendizado do aluno, por isso, estamos sempre refletindo e em constante mudança sobre nossa prática pedagógica.

Uma das vantagens que temos em trabalhar no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFRS - Campus Erechim, é que temos total liberdade para elaborar nossas aulas e sempre buscar novas maneiras de ensinar que envolvam a teoria e a prática, não somos obrigados a seguir uma cartilha pronta.

Segundo Roncarelli, Stecanela e Pauletti (2021, p.3):

A relação entre teoria e prática pode ser percebida na maneira com que os educadores articulam os saberes docentes em seu cotidiano. Reflexão, pesquisa, tomada de decisão e pensar certo são alguns dos saberes apresentados por Paulo Freire em Pedagogia da Autonomia, os quais são tomados como referência para discutir as implicações dos saberes na docência em movimento.

O que me motiva a ensinar os conhecimentos curriculares da minha formação aos alunos, é perceber que os mesmos poderão refletir sobre a sua realidade e por meio de análise crítica, melhorar o local onde vivem e levar esses conhecimentos para sua vida profissional.

Conforme Charlot, Sasset e Stecanela (2022), o professor é um sujeito de saber com o desejo de ensinar para o estudante, e gostar dos conhecimentos curriculares de sua formação, sem dúvida, é crucial para o professor, que leciona diariamente para



muitas turmas e muitos estudantes. Os autores ressaltam ainda que consideram isso significativo na educação, pois o quão entediante deve ser para um professor, e isso vale para qualquer profissão, ir para a escola todos os dias e ensinar algo de que não gosta. Sem esquecer que os estudantes percebem e distinguem o professor que gosta de ensinar o seu componente curricular. Desta forma, assim como o estudante precisa ver sentido na aprendizagem, o professor precisa ver sentido no saber a ser ensinado.

Segundo Rios (2008, p. 15) o professor por meio da pesquisa pode ampliar seu saber para com isso, ampliar a qualidade da partilha que faz desse saber com os alunos. Mais ainda: para que esse saber possa ser construtor de um mundo em que o direito de todos a todos os saberes possa ser plenamente vivenciado.

Conforme Charlot, Sasset e Stecanela (2022), o professor é um sujeito de saber com o desejo de ensinar para o estudante, pois gostar dos conhecimentos curriculares de sua formação, sem dúvida, é crucial para o professor, que leciona diariamente para muitas turmas e muitos estudantes. Consideramos isso significativo na educação, pois o quão entediante deve ser para um professor, e isso vale para qualquer profissão, ir para a escola todos os dias e ensinar algo de que não gosta. Sem esquecer o fato de que os estudantes percebem e distinguem o professor que gosta de ensinar o seu componente curricular. Assim como



o estudante precisa ver sentido na aprendizagem, o professor precisa ver sentido no saber a ser ensinado.

Por fim, percebo que a minha trajetória de docente até o momento tem sido desafiadora, repleta de responsabilidades e gratificante, pois preciso sempre estar em constante mudança e aprendizado para poder mediar e orientar os estudantes. Mas ao mesmo tempo, é gratificante quando recebemos *feedback* de que nossas aulas estão fazendo diferença na vida de cada um desses estudantes, por isso, estou sempre buscando me qualificar.



Balanços da docência: a docência nos bastidores

Eduarda Paola Gomes da Silva¹¹

A docência inicia ainda na graduação quando vamos às salas de aulas para observar, fazer projetos de intervenção ou a prática do estágio. Ali criamos uma expectativa acerca do futuro que nos espera, também aprendemos que os nossos planejamentos podem nem sempre dar certo, que o tempo que calculamos para realizar a atividade não foi suficiente ou que a temática que trouxemos não empolgou tanto assim os alunos, mas em contrapartida, vemos que todos os dias há a oportunidade de continuar, rever, refazer e recomeçar. A docência nos permite influenciar, fazer crescer e orientar. Além de tudo isso, aprender. O texto a seguir traz uma reflexão acerca da oportunidade de docência, vivenciada por mim, autora, de estágio obrigatório no ensino médio no município de Saporanga e de como construí minha identidade de professora nos bastidores da escola, sendo secretária de uma escola de educação infantil em Campo Bom, quando busquei a segunda licenciatura em pedagogia.

¹¹ Disciplina: Tópicos Contemporâneos em Docência. Programa de Segunda Licenciatura da Universidade de Caxias do Sul.



Assumi meu concurso público no dia 16 de março de 2020, quatro dias antes das escolas fecharem por conta da COVID-19. Eu também estava no último ano da licenciatura em Biologia, e tinha um estágio pela frente, aquele mais aguardado e temido, ensino médio. Os dias foram passando e nossa educação não podia ser prejudicada, então começaram a ser traçados planos para que as aulas chegassem até os alunos, e assim também aconteceu com meu estágio, ganhei uma turma de 2º ano do ensino médio, de uma escola estadual que era de um bairro com situações mais críticas de pobreza e violência. Minha estratégia foi gravar as aulas explicando os conteúdos e trazer experimentos simples para eles realizarem em casa para compreenderem o conteúdo de bioquímica. No final fizemos uma aula ao vivo para corrigir os exercícios e conversar sobre como eles estavam e o que achavam das aulas. Foi uma experiência rica, pude aplicar o que eu sabia de uma maneira bem atípica e ter um bom retorno, além de conhecer um pouco mais dos alunos que me mandavam mensagens até na madrugada para perguntar sobre o conteúdo, sempre que podia eu respondia, compreendia que aquele era o momento que dava para eles fazerem as tarefas.

Paralelo a isso eu estava lá na secretaria da escola auxiliando em todas as demandas que vinham, mostrando para as professoras como utilizar as novas ferramentas, dando capacitações e criando os conteúdos virtuais para que



chegassem até as famílias e as crianças de maneira simples e atrativa. Criei agenda online, aula programada, suporte para atendimento com os professores, grupo de whatsapp com link, aulas com QRcode, me vi naquele momento docente sem uma sala de aula, mas sabia o quanto era fundamental para a escola, afinal “A docência é construída nas relações entre teoria e prática por cada docente, em cada contexto que se encontra inserido” (Roncarelli, 2021, p. 4).

A pandemia passou e eu continuei secretária, agora vivenciando uma experiência diferente, o dia a dia na escola. Do meu lugar pude participar de muitos momentos, a maioria deles como observadora e aprendiz, pois sempre que tinha a oportunidade conversava a respeito das situações que eu observava e me questionava qual seria a minha posição como professora. Participei de inúmeras reuniões pedagógicas, conversas com famílias, construção de cronogramas especiais, participei dos eventos da educação do município, sendo docente sem ser de fato professora.

Para Roncarelli (2021, p. 5) “[...] ao processo de ação-reflexão-ação do próprio professor, ou ainda, pelos percursos de vida desses docentes [...] que se move constantemente conforme as exigências das circunstâncias do fazer.” No meio das minhas vivências dentro da educação infantil, ao observar uma atividade ou projeto sendo feito, me enxergava naquela situação e via como ela era diferente do ensino fundamental ou médio. A



educação infantil é leve, mágica e permite construir um dia a dia com a simplicidade da criança, e foi nesse momento que vi minha docência em movimento, saindo da biologia e entrando na pedagogia.

Trago como reflexão as mudanças do tempo vivido durante a pandemia e como tivemos que nos reinventar como docentes, mas aqui, do meu lugar atual, vejo que essas práticas de inovação são deixadas de lado. Stecanela (2009, p.65) diz que "Ao significado de cotidiano é possível associar a ideia de presente, daquilo que acontece todos os dias e que implica rotina de repetição. À rotina relaciona-se a ideia de caminho, de rota, que, por sua vez, pode estar ligada semanticamente à ruptura, a corte, a rompimento" .

Portanto se naquele momento não podíamos contar com a rotina da escola, muito menos saber qual é a rotina de cada casa e não sabíamos como seria dedicado o tempo para o estudo precisamos nos refazer como professores, por isso hoje em um cenário bem diferente, temos que continuar a tarefa de quebrar esses ciclos viciosos, de observar as necessidades e dificuldades de cada aluno, observar também suas relações familiares e como é a sua vida fora do horário de escola, como essa criança é cuidada e tratada em casa, quais são os estímulos que ela recebe fora do ambiente escolar, bem como de estabelecer novos desafios e novas experiências na vida do aluno.



A inovação não se limita à tecnologia e abrange pilares importantes que fazem parte desta cultura. Cada um, em conjunto, complementa o todo, que cooperativamente entre as pessoas e instituições, fazem a diferença na educação. Também acredito que a sala de aula deva ser um local para a construção de saberes sobre questões sociais e culturais. Ser um espaço para que a discussão saudável esteja presente, que os alunos possam se sentir seguros para debater sobre assuntos de seus interesses e até mesmo aqueles trazidos pelo professor.

Sendo a ação-reflexão-ação a base da docência em movimento, quando um docente reflete sua prática ele vai em busca daquilo que ainda não foi experimentado, fazendo assim um processo de movimento (Roncarelli, 2021). Assim construí minha relação com a pedagogia, iniciando novamente na graduação e buscando meu lugar na educação infantil, sentindo o balanço da minha docência, que através das observações do meu lugar me fizeram refletir minha carreira e decidir o meu futuro o que, para Roncarelli, esse refletir é momento dialético:

Compreendemos então, que o processo de ação-reflexão-ação é um momento dialético, que implica intencionalidade e que leva o professor a uma nova ação, aprimorada por meio da reflexão crítica. E sendo assim, está interligado com o processo formador, com a construção do conhecimento, com a pesquisa e/ou com a reflexão permanente sobre a prática pedagógica (Roncarelli, 2021, p. 7).



E nesse futuro me vendo como uma docente engajada com a preservação da infância, da experimentação, da descoberta, fazendo a criança refletir e questionar o mundo que está a sua volta, enxergando possibilidades para seu futuro e preparada para ele, proporcionando aulas onde o aluno esclareça aquilo que ele está interessado em saber. Acredito também que haverá vários outros momentos em que a minha docência passará por balanços, onde refletirei os meus métodos, conhecimentos e isso me levará a busca por novas experiências e conhecimento.



Balanços da docência: é só dar aulas?

Elisângela Aparecida Alves Pedroso¹²

Falar sobre docência ou sobre ser professor é falar sobre promover aprendizagem, sobre ensinar. É desenvolver e formar alunos com as competências e habilidades necessárias para a vida em sociedade. É construir e compartilhar conhecimentos, apresentar caminhos e possibilidades junto aos alunos.

Talvez, para alguns poucos, possa parecer fácil, porque é comum ouvirmos a expressão: “é só dar aulas”, no entanto, há todo um caminho que foi percorrido até “só dar aulas” que, com certeza, não termina tão logo. Nesse caso, vale ressaltar como essa caminhada começa e por quais percursos anda. Para isso, descrevo partes da minha própria trajetória para refletir um pouco do que é essa experiência da docência, de ser professor (a). Observando que cada indivíduo possui suas particularidades e, por isso, diversas histórias e conceitos diferentes sobre a docência são adotados para essa única palavra.

Meu interesse pela docência começou na escola, espelhando-me em alguns professores os quais eu tinha muito afeto pela maneira com que ensinavam e pela disciplina. Um dos professores, não era exatamente da disciplina com a qual eu me

¹² Disciplina: Tópicos Contemporâneos em Docência. Programa de Segunda Licenciatura da Universidade de Caxias do Sul.



identificava, disciplina de História, eu gostava muito da maneira como conduzia as aulas. Já o outro professor, pelo contrário, eu gostava da disciplina, Educação Física, mas seu modo de ensinar poderia ter sido superior ao que foi.

Com isso, minha motivação veio das aulas de Educação Física. Por muitas vezes, imaginei-me em muitos cenários “dando aulas” e sendo uma professora referência naquilo que fazia. Fiquei ansiosa para concluir o Ensino Médio e, logo, começar a tão sonhada faculdade. Assim foi. Fiz o Enem, e, em seguida, o vestibular de verão da UCS. Passei com êxito. E dali por diante, dava-se início a longa caminhada. Comecei contratando poucas disciplinas por semestre, devido ao custo financeiro elevado do curso. A princípio, era para ser quatro anos de graduação, seguindo a grade curricular corretamente. No entanto, cada acadêmico faz seu curso conforme sua disponibilidade e outras condições permitem. No final, o tempo total da minha graduação foi de nove anos. Visto que ainda não detalhei acontecimentos no decorrer dessa experiência, que fazem parte do percurso para a docência.

O que posso destacar sobre a docência são os momentos em que tive os primeiros contatos, desde as pequenas aulas em laboratório na universidade, estágios finais de curso e outras experiências não-vinculadas à graduação.

Em várias disciplinas da Educação Física, vivenciei um pouco do que era ser professor. Nessas várias aulas, veio a



percepção de como era estar diante de muitos alunos e ter a missão de fazê-los compreender o conteúdo, de prestarem atenção em mim, sanar dúvidas e sempre estar preparada para o imprevisto. Aliás, o imprevisto foi uma palavra que me marcou e levo comigo. Aconteceu, algumas vezes, de ter o plano de aula todo especificado e, na hora de aplicar, mudar para o plano B. Eu sabia que nunca devia ficar acomodada somente com um planejamento, mas estar preparada, na prática, nem sempre estava. O mais interessante de uma aula improvisada, foi que saiu melhor do que uma aula planejada, por vezes.

Outro fator que aprendi bastante diz respeito à teoria e prática. Aprendemos todo um aparato teórico sobre a nossa profissão, mas vemos o que realmente funciona na parte prática. Aqui cabe ressaltar a nossa identidade docente. Aliar teoria e prática, mas nunca esquecendo do nosso próprio perfil, do nosso jeito único de ser e conduzir algo.

Acrescento outro aprendizado significativo que foi saber conduzir os alunos no que diz respeito ao comportamento e respeito entre si e com o professor. Passei por situações bem delicadas e conflituosas para solucionar em que necessitei de ajuda externa, por exemplo, o uso do vocabulário, alunos que não queriam fazer a aula e ficar sentados, dificuldade para fazê-los parar e escutar foram os principais desafios.

Em um nível de dificuldade diferente, venho falar sobre ser professora na pandemia, numa experiência de estágio final



com o Ensino Médio. O medo e a preocupação se anteciparam cedo. Como “dar aulas” de Educação Física online? Todas as devidas orientações foram passadas e fui acompanhada no decorrer do período, mas foi algo extremamente novo e desafiador. Apropriar-me de tecnologias que não estava familiarizada, pensar em planejamentos totalmente inovadores e dinâmicos, comunicar-me com os alunos à longa distância, sabendo que não conheceria todos, pois uma parte deles não acionava as câmeras para vê-los ou sequer o recurso de áudio e não ter ideia do quanto realmente estavam interessados na aula e satisfeitos.

Não menos importante, ressalto um último momento vivido na docência, fora do ambiente da universidade. Foi uma experiência como educadora social com crianças de contraturno escolar, em um local próximo à minha residência. As crianças vinham de desestrutura familiar, muitas tomavam remédios, desempenho escolar baixo e ali era o local em que extravasavam seus sentimentos e emoções. Algumas dessas crianças contavam seus conflitos familiares, outras não. Agressividade, palavrões, carência eram comuns em seu dia a dia. Sem dúvida, foi para mim, a experiência mais desagradável e assustadora, porque nunca havia presenciado ou ficado perto de uma realidade triste como essa.

Simplesmente, eu tentava ensinar alguma coisa, mas eu não conseguia porque os alunos não colaboravam e não estavam



preocupados nem um pouco comigo. Eu não tinha o manejo de trabalhar com situações como a descrita e acabei soltando sem nem pensar, a oportunidade de aprender e evoluir com pessoas necessitadas psicológicas e culturalmente. Realmente, pouquíssimas professoras conseguiram trabalhar com esses alunos e as trocas aconteciam constantemente.

O enfoque dado até esse instante por mim baseou-se nas dificuldades e desafios proporcionados no exercício da docência para que sejam analisados profundamente e refletidos criticamente com muita sabedoria. Mas felizmente, a docência está acompanhada também de inúmeros momentos inspiradores, afetuosos e transformadores.

Cada criança/adolescente traz consigo histórias únicas e jeitos únicos de ser. Na sala de aula, recebemos acolhimento dos alunos e eles nos surpreendem com suas histórias e detalhes. Aprendemos sobre seus modos de vida e tantas outras possibilidades de ver o mundo. As suas experiências cotidianas nos educam e, assim, trocamos conhecimento e construímos juntos um novo saber.

Frente à atual educação que enfrentamos, numa educação inovadora da escola, em que a tecnologia avança fortemente, as informações são mais acessíveis, e alunos e professores possuem uma nova dinâmica de aprender, valorizar o contexto de vida do aluno e suas experiências cotidianas traz



um significado imenso para que ocorra uma melhor aprendizagem.

Nas minhas experiências, ouvi algumas histórias de alunos surpreendentes que nem sequer imaginamos, e com isso, eles se sentem mais valorizados. Conversei sobre menstruação com algumas meninas, soube o remédio que um e outro faziam uso e por ali vai. Tive momentos de risadas e choro, tive os alunos que gostavam de ficar perto de mim e era muito agradável todas essas circunstâncias. É o que a profissão docente traz consigo e há coisas que são insubstituíveis, não encontradas jamais em outras profissões. Poderia falar mais a respeito, mas seria extenso.

Após algum tempo, despertei o interesse por Pedagogia por intermédio de opiniões próximas e por ter muito carinho com as crianças pequenas, por me identificar “dando aula” com mais facilidade e compreensão com os pequenos. Ainda não tive a oportunidade de ser professora com a educação infantil na Pedagogia, mas certamente, estou ansiosa esperando a minha vez.

Com as experiências docentes descritas acima e algumas poucas outras, posso descrever com mais convicção que sentidos eu atribuo à docência e como essa relação de ser docente hoje mudou. Ser docente é entrar no universo do aluno, em conexão com seu eu interior, com seus saberes e extrair



dessa relação, os saberes essenciais, sendo um detentor dos saberes profissionais.

Acredito que o ponto de partida é explorar, afinal, somos professores e sempre pesquisadores. Os contextos não-escolares são uma ótima fonte de conhecimento. E nem sempre essa mobilização requer planejamento. Através das experiências, ganha-se aprendizagem e o conhecimento vêm para ser transformado e reconstruído. Todos nós somos aprendizes e nessas relações de troca, a educação ganha significado e se fortalece.

A tecnologia é uma aliada para facilitar o aprendizado, mas não está no primeiro plano. Jamais as pessoas e suas experiências de vida serão substituídas por algo mecânico e vazio. O bom professor que trabalha em conjunto com seus alunos é a melhor ferramenta, e o restante vêm depois.

A docência não é uma certeza, aliás, implica incertezas. Não temos uma receita de como ensinar os diferentes tipos de alunos e englobá-los em um só, não sabemos tudo e não somos detentores de todo o conhecimento, não somos capazes de acompanhar e mudar toda vez junto à tecnologia, não sabemos as histórias de todos os alunos que temos, não podemos controlar o sistema do governo e sim, podemos fazer o melhor de nós na condição que temos. Por isso, minha relação com o saber é indefinida. Classificaria como satisfatória, mas observando o contexto em constantes mudanças, fico pensando



em que nível eu estaria. Quando chegar a hora de ensinar e estabelecer trocas com meus alunos, irei descobrir. Espero poder ter clareado a mente daquelas pessoas que pensam que é tão fácil “dar aulas”, mas apenas fiz umas breves pinceladas sobre o assunto.



Balanços do saber: a polissemia de educar

Estella Maria Bortoncello Munhoz¹³

Minha experiência com a *atuação* docente é muito recente, mas com a *profissão* docente iniciou ainda quando eu era criança. Há muito tempo, quando eu mal sabia ler, admirava minha mãe preparando aulas, recortando mapas, colando gravuras em uma folha de ofício para montar xerox, escrevendo ideias, corrigindo provas. Eu não entendia direito que aquilo era o trabalho dela, mas a achava muito inteligente sentada em sua mesa rodeada por livros. Eu adorava os livros!

Desde muito pequena, fui apresentada a esses preciosos objetos de papel. As imagens sempre guiaram minha leitura pelas páginas e me permitiram, por meio daquilo que eu visualizava, inventar histórias. História, aliás, era a disciplina que minha mãe ministrava. Foi olhando seus exemplares que conheci o Davi, de Michelangelo, a Monalisa, do Da Vinci, e também Hera, Afrodite, Atenas e Menelau. O nome da minha mãe, Helena, combinava com as histórias mitológicas que eu via nas páginas e que ela mesma fazia questão de me contar.

¹³ Disciplina: Tópicos Contemporâneos em Docência. Programa de Segunda Licenciatura da Universidade de Caxias do Sul.



Minha mãe foi minha primeira inspiração docente. Quando eu cresci um pouquinho, ela não me deixava jogar nada fora: e se precisasse usar em um teatro? E se servisse para alguma representação em aula? E se fosse útil em uma maquete? Com ela, aprendi a transformar coisas simples em um espetáculo e a apreciar as miudezas da vida. Depois dela, minhas próprias professoras da escola me ajudaram a me constituir em quem eu sou hoje. Ivete, Maristela, Cristina, Sinara, Daniela... mulheres que deixaram marcas em mim e que, parafraseando Michèle Petit, ajudaram-me a ler o mundo.

Já adulta, optei pela Licenciatura em Letras depois de concluir minha graduação em Design. Como mencionei, a visualidade sempre foi importante em minha constituição. As palavras, contudo, também tiveram espaço privilegiado em minhas memórias afetivas e, por isso, resolvi fazer delas a minha segunda profissão. Por muito tempo, vi a docência de modo idealizado, mas, ao adentrar esse meio não mais com o olhar de aluna, mas com o de professora, entendi o quanto essa profissão é simultaneamente bela e desafiadora.

Quando assistimos a uma aula, achamos que o(a) professor(a) sabe sobre tudo. Desconhecemos seu esforço para aprender, preparar a aula, organizar os conteúdos e, finalmente, ensinar. Os bastidores da profissão docente, além do domínio do conteúdo curricular, exigem constante reflexão sobre a prática e busca por aprimoramento. Nas palavras de Roncarelli *et. al.*



(2021, p. 11) “se a docência for recheada de reflexão, a práxis do professor tende a estar em um constante movimento que propulsiona práticas pedagógicas mais coerentes”. Assim como o aluno, o professor também é um sujeito inacabado e em constante aprendizagem.

A aula, portanto, não é algo pronto. Além de estar em permanente construção – de acordo com as vivências do docente –, também se trata de um momento que se constitui na relação entre aluno e professor. Para Rios (2008, p. 2), “uma aula não é algo que se dá, mas algo que se faz, ou melhor, que professores e alunos fazem, juntos. [...] É na diferença e na reciprocidade de papéis que vai se constituindo o evento que se chama aula”. Assim, ao mesmo tempo em que o aluno ajuda a construir a aula, o professor também é um ser que aprende por meio do que ensina e da troca com o outro.

Nesse sentido, inspiro-me em Charlot *et al.* (2022), pois tão importante quanto compreender o que mobiliza o estudante a aprender é entender o que mobiliza o professor a ensinar. Minha relação com o saber se relaciona com o desejo de aprender mais sobre o passado e o presente, sobre as pessoas, sobre as palavras, sobre a literatura. Sinto-me preenchida de sentido a cada vez que assimilo algo novo e a cada vez que o conhecimento me permite uma nova interpretação de mim e do outro. Esse saber me impulsiona a desejar formar estudantes que enxerguem no conhecimento o mesmo entusiasmo que eu e



que vibrem com a capacidade transformadora do saber. Vejo sentido no que ensino porque dominar as palavras, ser capaz de utilizá-las e de interpretá-las amplia a capacidade de autonomia dos alunos e os impulsiona a compreender as *polissemias* do mundo. Assim, ainda em diálogo com Charlot *et al.* (2022), a leitura e o saber não representam apenas a decodificação do código, mas uma ação reflexiva e emancipadora.

Ainda que minha prática docente seja recente, sinto que estou em constante mudança e aprendizado. Gosto de testar metodologias diferentes, mesclando o novo com o tradicional; privilegio o uso de tecnologias digitais, mas aprecio a concretude de um livro físico; prezo por explicar o conteúdo, mas não acredito em respostas prontas. Tudo isso dialoga com a docência na contemporaneidade, que, assim como o mundo, passa por mudanças velozes. Mesmo que o novo assuste, as inovações abrem espaços para um fazer mais inventivo e menos convencional. Os materiais e as ferramentas que o professor tem acesso hoje permitem que a sala de aula se transforme em um espaço de descobertas e de criações.

Além disso, acredito que o fazer docente não tem um só caminho e uma só solução, pois aprendemos por meio do que vivemos e estudamos, mas também pela experimentação. A sala de aula, para mim, é um laboratório de ideias em que posso aplicar diferentes teorias e concepções de acordo com os objetivos que desejo alcançar em cada aula. Nem sempre meus



experimentos são bem-sucedidos, mas o resultado é sempre o mesmo: a possibilidade de refletir sobre a minha atuação e sobre o que posso fazer para aprimorá-la.

Todas essas práticas docentes reflexivas se relacionam com o aluno. Na busca por formar indivíduos de modo integral, capazes de *serem, conhecerem, fazerem e conviverem*, o professor coloca em prática o que acredita ser mais adequado e constrói, junto às necessidades do discente, um caminho a ser trilhado rumo ao saber. Há, portanto, um intercâmbio entre essas duas partes, pois, na medida em que está aberto a troca, “o professor movimenta seu fazer, articula suas experiências com as do educando, reflete sobre o modo como organiza o seu ensino [...] e cria abertura para novas práticas” (Roncarelli *et. al.*, 2021, p. 6).

A docência em movimento tem relação com o propósito do professor de se aprimorar constantemente. Não há uma única verdade e um só caminho, por isso, a postura reflexiva e investigativa coloca o docente em um movimento que influencia em seu agir e impacta no processo de aprendizagem do aluno. Em resumo, somos seres em constante exercício de aprendizado e dependentes uns dos outros em nosso processo de crescimento. Ser capaz de sair da inércia é se relacionar com o mundo do século XXI, com as pessoas ao nosso redor e com as necessidades reais da sala de aula.



Na experiência docente, o que me marcou e me marca é a emergência afetiva dos alunos. Mais do que apenas ouvir o que o professor tem a dizer, sinto que eles querem ser ouvidos e vistos. Ao criar uma relação de proximidade, mas ainda exercendo seu papel de professor, o docente é capaz de cativar o aluno, aproximá-lo da aula e tornar o conteúdo mais significativo. Detalhes simples quanto chamar o aluno pelo nome, ouvir o que ele tem a dizer e compreender suas dores são capazes de transformar o ambiente da aula e tornar o espaço apto para trocas e para a construção de saberes. Diante de tantos novos recursos tecnológicos e digitais, a humanidade é o que faz do processo de ensinar e aprender um ato significativo.

Por fim, destaco a fala de Rios (2008, p.4): “no gesto de ensinar, guardam-se enormes oportunidades de o professor aprender”. Esse aprender, portanto, vai além de assimilar conteúdos. Quando um professor ensina, ele é desafiado a refletir sobre sua prática, a buscar soluções para problemas que surgem e a entender as dificuldades que os alunos enfrentam. As oportunidades que fazem o professor aprender estão além dos muros escolares, abarcam os livros que lê, as viagens que faz, as conversas que têm, o convívio com o outro, o diálogo com o aluno, as pesquisas que realiza e as vivências que adquire dentro e fora do ambiente escolar. Para formar integralmente outras pessoas, o professor também precisa se formar todos os dias. Não só se formar, mas se deformar, desconstruir, redimensionar,



perder, encontrar. É por meio desse movimento individual e, simultaneamente, de um intercâmbio coletivo de saberes que a docência ganha *múltiplos sentidos*. Nesse balanço, educar é, para mim, uma atividade *polissêmica*.



Balanços da docência: insights do ser docente

Fabiana Raquel Iaronka¹⁴

Começo meu texto escrevendo a palavra PAIXÃO que considero uma palavra muito interessante na língua portuguesa, pois é ela que nos motiva e nos mobiliza a fazer algo. Não que seja a única forma de motivação e mobilização, mas a paixão é a fonte da inspiração e a palavra INSPIRAÇÃO, desde os primórdios da linguagem escrita, pode ser relacionada às palavras DEUS, SOPRO, CORAÇÃO. Assim, a paixão inspira algo em nosso coração, que vem da nossa alma e que por esse motivo está estritamente ligado à fonte da criação... Aristóteles também definiu *paixão* como o que move, o que impulsiona o homem para a ação (práxis). Nesse sentido, a paixão também move meu ser para o ensino-aprendizagem, para aprender a ensinar e aprender a aprender, para aprender a fazer, moldar o ser docente.

No entanto, nesse momento posso dizer que ainda não estou apaixonada pela docência. Minha paixão é a didática. Talvez nessas palavras deixo ecoar também minha primeira contradição, pois se a didática é a arte de colocar em prática os

¹⁴ Disciplina: Tópicos Contemporâneos em Docência. Programa de Segunda Licenciatura da Universidade de Caxias do Sul.



conhecimentos teóricos do ensino-aprendizagem e o ser docente é o sujeito que está intimamente atrelado à didática, que não pode atuar, não pode ser docente sem a didática e esta, por sua vez não se faz por si só, me pergunto como alguém pode ter paixão pela didática e não estar apaixonado pela docência? Uma pergunta que me faz refletir, mas não me faz chegar a uma resposta.

Apaixonei-me pela didática ainda durante a graduação, em uma aula de língua alemã, apesar de eu ser do bacharelado. Logo depois de me apaixonar pela didática, decidi por fazer uma disciplina alternativa de Ensino-Aprendizagem e, durante as observações das aulas de línguas estrangeiras em uma escola pública, me apaixonei pelos adolescentes. Há tempos já nutria uma afeição e olhar especial para essa fase da vida, para esses sujeitos que possuem dentro si uma explosão de sentimentos diversos, dores, amores, paixões, apatias, sentimentos esses, muitas vezes incompreendidos pela família e sociedade. Talvez por essa percepção voltada para o ser adolescente estar mais latente em mim, as observações do cotidiano escolar foram decisivas para explodir a paixão definitiva. Então decidi que iria seguir o caminho do ensino-aprendizagem para estar mais próxima a eles, compreender seus modos de se relacionar consigo próprio e com o mundo, suas percepções e anseios, e também ensinar e aprender com eles, visto que concordo com a afirmação abaixo:



Para o docente, ensinar faz parte do processo de constituição do ser humano, significa “ver sentido na existência” humana. Identificar-se como parte do processo de formação mobiliza o professor ao ensino e à educação, especialmente, ao constatar que pode fazer a diferença na vida de seus alunos. Mais que ensinar conteúdos, o professor espera que seus estudantes se tornem pessoas “boas”. Parece-nos que, segundo os docentes participantes da pesquisa, a aprendizagem de atitudes e valores são tão importantes ou mais que a de saberes curriculares. (Charlot, “et al”, 2022, p. 11)

Quanto à docência, também ainda na graduação tive a oportunidade de lecionar Língua Alemã junto ao NELE (UFRGS). Uma experiência muito interessante e desafiadora, pois da parte pedagógica eu não tinha muito conhecimento, além de alguns textos da referida disciplina. Porém, uma coisa eu tinha em mente e concordo com o depoimento do professor Bernard Charlot, que é preciso ensinar algo que faça sentido para o aluno e que a atividade precisa ser prazerosa para que seja eficaz. Assim, acreditei que a didática era fundamental para conseguir fazer a aprendizagem ter sentido e produzir prazer ao aprender e, por conseguinte, motivar o aluno para a mobilização do saber. Acreditei que se desenvolvesse uma didática boa e adequada para todos os alunos participantes, as aulas seriam interessantes e todos poderiam aprender um pouco mais do que apenas o conteúdo do livro didático. Estudava o conteúdo didático e passava horas refletindo como preparar a aula e as atividades para os participantes, de forma que fizesse sentido para a



realidade deles. Às vezes a minha didática parecia atingir meu objetivo e isso era a motivação que me mobilizava a buscar mais conhecimento da língua estrangeira e também para aprender a ensinar, uma vez que, de acordo com Stecanela (2021 apud FREIRE, 2017), os processos de ensinar e de aprender também movimentam o fazer do professor. Na medida em que o educador ensina, ele também aprende, vivenciando experiências distintas em cada objeto a ser ensinado e com cada educando com o quem interage.

Outras vezes minha didática não era compreendida, no sentido de que parecia estar além do nível de conhecimento dos alunos. Quando isso acontecia me decepcionava com o meu fazer docente e pensava que eu não sabia ensinar, pois não conseguia perceber as necessidades dos alunos. Passava horas me questionando se eu estava no caminho certo, se a licenciatura era mesmo uma profissão para mim, uma vez que eu não conseguia perceber os saberes dos alunos, não conseguia alcançar esses saberes, essa diversidade social e cultural. A verdade era que eu esperava uma capacidade de compreensão por parte dos alunos muito acima do nível ao qual estavam na aprendizagem da língua estrangeira e por isso considerava minhas atividades muito simples para eles, o que nem sempre era verdade. Mas, por vezes, o que eu não entendia era que, o que parecia simples e fácil pra mim, não necessariamente era para eles, que eles não partilhavam, naquele momento, da mesma



percepção minha em relação ao objeto de estudo e nem poderiam, visto que eram iniciantes. Percebi que era minha responsabilidade auxiliar nesse processo de desenvolver essas habilidades desejadas por mim e também por eles. Eram alunos esforçados e participativos. Uma possível resposta para a ocorrência desses episódios de didática inadequada seria, além da minha falta de experiência com o ensino-aprendizagem, é que, às vezes, os estudantes faziam perguntas que a mim pareciam tão além do nível ao qual se encontravam na linguagem que, como consequência, minha didática por vezes se tornava realmente além da real capacidade deles naquele momento de aprendizagem.

Após muito refletir sobre minhas ações, ou seja, sobre minha didática, comecei a me questionar mais sobre cada atividade e o nível de conhecimento dos alunos. Busquei conhecê-los um pouco mais, seus níveis de instrução, círculos de convivência sociais, suas experiências com a aprendizagem de línguas entre outros. Assim, comecei a refletir mais sobre meu comportamento e minha didática. Vale ressaltar que me sentia fracassada quando não sabia responder com segurança a essas perguntas sobre a língua estrangeira que os alunos me direcionavam. Respondia sem muita certeza e aquilo ficava “martelando” minha cabeça o resto da aula e quando chegava em casa, pesquisava muito, revisava conteúdos, buscava informações, pois muitas vezes eram questões que não haviam



sido tratadas mais a fundo durante a minha aprendizagem. Assim, de acordo com Paulo Freire, quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender, eu aprendia muito mais a língua que eu ensinava com os questionamentos dos alunos e, sempre que podia, retornava ao assunto para esclarecer aos alunos suas dúvidas.

Nesse contexto atual da minha docência em movimento no ensino da língua materna surgiu outra inquietação para o meu fazer docente, continuo sem estar apaixonada pela docência, mas, porventura cogito para essa questão o fato de eu ainda não ter encontrado uma espécie de elo que une a didática com o ser docente e este une o diálogo dos seus saberes com os saberes dos alunos, para que juntos se consiga construir o conhecimento, pois, ainda segundo Freire, não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro.

Dessa forma, acredito que precisa haver um equilíbrio entre a arte de ensinar e a arte de aprender para que o ensino e a aprendizagem sejam realmente significativos para os sujeitos envolvidos e, assim, desperte a motivação e a mobilização tanto para ensinar quanto para aprender. Esses relatos e reflexões são alguns de meus momentos docentes. Minhas pequenas vivências e experiências em sala de aula ainda não despertaram a paixão



pela docência, mas despertaram antes anseios, dúvidas e reflexões sobre o fazer e o ser docente.



Balanços da docência: vivências da identidade docente

Franciele Bossle dos Santos¹⁵

Eu acredito que a maioria das pessoas buscam em sua trajetória a melhora e evolução, tanto intelectual como emocional e profissional, embora nem todas consigam alcançar seus objetivos por inúmeros motivos. E assim também sou eu, uma professora de Educação Física formada e pós-graduada que busca um novo conhecimento na área da pedagogia, por querer entender qual a melhor forma de ajudar as nossas crianças a aprenderem e se tornarem pessoas melhores, que possam pensar por si próprias e consigam buscar a realização de seus sonhos.

Muitas vezes, ao falarmos que somos professores, escutamos comentários como: “Nossa, você é corajosa em ser professora!!...”, e em certa parte essas pessoas têm um pouco de razão. A docência nos dias atuais está muito diferente de quando eu era aluna na escola, o papel do professor era de transmitir o conhecimento / conteúdo hierarquicamente como autoridade da sala de aula. Nos dias de hoje existem muitos desafios em ser

¹⁵ Disciplina: Tópicos Contemporâneos em Docência. Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR).



professor, começando pela tecnologia, em que as crianças já nascem em um contexto digital. A busca pelo aperfeiçoamento e aprendizado é constante para utilização dessas ferramentas digitais que nos cercam nesse contexto novo de ensino-aprendizagem.

Outro fator que percebemos como uma realidade nas escolas são crianças com muitas dificuldades, o que ocasiona turmas multisseriadas na questão da aprendizagem, o que leva o professor a fazer diversos planejamentos, sobrecarga de trabalho e, muitas vezes, não conseguindo alcançar seus objetivos de ensino na turma, gerando frustração e cobrança excessiva.

O engajamento dos alunos na escola está cada vez mais difícil de alcançar, por diversos motivos, como, falta de interesse nos conteúdos devido à facilidade de assuntos na internet, dificuldades de aprendizagem, etc. Sendo mais um desafio ao professor da atualidade ter que diversificar e inovar nos conteúdos e métodos de ensino, para que assim as crianças e jovens tenham interesse em aprender.

A desvalorização dos professores tanto pelas políticas públicas quanto pelas famílias ainda é muito evidente. Seja por salários baixos, por questões comportamentais de alunos que enfrentam professores com pouco ou nenhum respeito e também a desmotivação dos alunos em aprender, muitas vezes,



causa nos profissionais da educação, uma certa frustração profissional.

Esses são alguns desafios enfrentados pela docência na atualidade e realidade que existe dentro das escolas. Porém, as crianças são seres em formação e desenvolvimento, por isso nosso dever como professores é orientar, ajudar, ensinar e acreditar que fazendo nossa parte se tornarão cidadãos melhores.

O sentido que atribuo a ser professora é firmar um compromisso comigo mesma de ter um olhar não somente para a aprendizagem, mas para um todo do que aquele aluno necessita, qual a melhor forma de ajudar aquela criança/pessoa que muitas vezes precisa de um olhar diferente, acolhedor e incentivador.

A nossa profissão de educadores chegou a um nível que não se trata somente de tentar fazer o aluno aprender o conteúdo, mas sim compreender que por traz de algumas dificuldades de aprendizagem existe um abismo emocional, por diversos motivos. A criança não consegue separar o emocional da sala de aula, assim como nós, professores, muitas vezes também não conseguimos separar a vida profissional da vida pessoal, pois somos todos seres humanos.

O que mais me marcou na minha vida docente foi sem dúvidas a questão da pandemia em 2020, devido ao Coronavírus. Mesmo em tempos em que já havia estudos a distância,



graduações ou especializações, a escola não imaginava passar por isso, ter que ministrar aulas a distância, o isolamento social, não ter o contato com os alunos. Foi muito complicado a adaptação a essa nova realidade, pois tivemos todos que nos adaptar a novas formas de ensinar e aprender. Os alunos na minha realidade escolar, em sua maioria, não tinham acesso à internet, então as aulas eram retiradas na escola e tinham 15 dias para devolvê-las realizadas, juntamente com a família, eles faziam como conseguiam. E isso tudo trouxe consequências que ainda estão refletindo na aprendizagem dos alunos. Ao analisar e refletir sobre os textos e vídeos desta disciplina pode-se dizer que a pandemia trouxe uma grande movimentação na docência, todos os professores tiveram que rever suas maneiras de ensinar, suas ações, suas práticas docentes. Todos tivemos que aprender muito pois estávamos passando por um momento de reinvenção, modificação.

E eu acho que a docência em movimento significa pensar sobre as práticas, as ações e pensando sobre, vai refletir na melhora das práticas. A reflexão é necessária para avaliar, aprimorar e assim conseguir modificar, reinventar, aprender, esse é o processo de movimentação: ação-reflexão-ação. A minha busca por novos conhecimentos traz novas ideias, maneiras de ensinar e aprender que farão essa movimentação entre educador e alunos na busca por aulas melhores, mais motivadoras e melhores resultados no ensino-aprendizagem.



Balanços da docência: a reflexão do desenvolvimento pessoal na educação

Gabriel Cauzzi¹⁶

“A experiência vem com 10 anos de sala de aula”. Começo com a frase de Marijane Damin, ex-diretora e ex-professora de uma escola particular e grande conselheira pessoal minha, a qual me orientou a escolher a Pós-Graduação em Gestão Escolar da qual estudo hoje, uma das 5 pós-graduações que eu estudo atualmente, somado com a 2ª Licenciatura em Geografia. Pode parecer arrogância da minha parte em citar em todo canto que tenho essas formações, mas, acredito que, na minha percepção, o professor na contemporaneidade precisa se aprofundar na sua área (pós, especialização e cursos de formação) e conhecer outras áreas do conhecimento (gestão escolar, gestão de sala de aula, educação inclusiva, metodologias de ensino e psicologia da educação) para, além de ensinar e apresentar o conteúdo com mais eficácia, também, poderá conhecer o percurso de cada aluno e seus fatores indiretos no aprendizado como a família, sua cultura e seus medos. Claro que a educação não é disciplina isolada e conteudista, parafraseando Rubem Alves, a educação é

¹⁶ Disciplina: Tópicos Contemporâneos em Docência. Programa de Segunda Licenciatura da Universidade de Caxias do Sul.



curiosidade, é provocar espanto pela novidade, pois, de conteúdo, a internet e os livros estão abarrotados.

A minha ambição pessoal não seria com bens materiais, é com o crescimento pessoal e profissional como docente, a causa dessa ambição posso afirmar é que sempre quis ser professor. Lembro-me que, com seis anos, eu pedia um globo terrestre de presente de aniversário pros parentes em vez de brinquedo ou animal de estimação. E também, até hoje (22 anos) não sai da memória a eleição de 2006 para presidente entre PSDB x PT que, com 6 anos, já mostrava que eu seria da área das humanas. Retomando a ambição pessoal, vejo que a consequência dessa ambição é querer ter a ânsia de estudar, me aproximar de professores, aceitar ganhar 2,5 vezes menos só para estar em sala de aula, e sei que, tem o estudo, vontade e aquele “QI” (Quem Indica), o crescimento será exponencial.

Quem nunca se pegou num domingo à noite, dia mais reflexivo, e pensar no que passou e no que quer ser, a famosa crise existencial, para o professor é como será a semana, como elaborar aulas, toda a burocracia da papelada, como adequar as aulas com a BNCC, LDB, PCN e DCN, como usar as competências e habilidades em sala de aula, a educação integral com outras atividades dos alunos e modelo de Jantsch (interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, pluridisciplinaridade e multidisciplinaridade) que venho desenvolvendo no Contraturno Escolar e no Projeto Entardecer. Cobro-me demais, exijo-me demais, e tem



seus prós e contras nisso, uns já me disseram que é Síndrome de Napoleão, outros que vou acabar enlouquecendo, mas, está aí (na minha concepção) a chave para eliminar qualquer tristeza, o propósito de vida, a alegria em iniciar um curso, a emoção em ser parado no mercado com gritos de *professor, tudo bem?*

Claro que, assim como toda a sociedade, a educação muda a todo instante, novas turmas, novos comportamentos, reivindicações, cobranças e pressões pessoais e do seu meio, lembro-me do artigo sobre o cotidiano dos jovens em que em dois trechos falam como os jovens *fabricam sua própria vida e reinventam seus modos de vida*. A tecnologia que faz o professor se transformar “na marra”, o papel do professor na cidadania e inclusão social, por isso, para o professor atual a inovação é um dos principais lemas, que além de professor, psicólogo, ele precisa ser um pesquisador, cientista, investigador para melhorar para si e despertar no aluno esse progresso. E não é algo utópico, impossível de atingir, pois, é um pequeno resumo das 10 competências gerais da educação, que, ao redigir esse texto, me recordei do vídeo Sala de Aula do Século XXI, que aborda as competências que consegue atender os mais diversos perfis de alunos e seus percursos como impulsionar as 8 inteligências de Gardner.

Esse movimento de transformação na sociedade e da educação é a “coligação”, usando uma analogia política, de todas as partes envolvidas para uma educação de qualidade, nas ações



de políticas públicas do Estado, equipe diretiva, docentes, comunidade, pais e alunos. Mas, como trazê-los para a escola? Como o ensino pode interagir com o esporte, comércio, religião, lazer, ciência e tecnologia? E é assim que vou lendo, escutando, interagindo que iremos colocar em prática, sim, ambiciono o cargo de diretor de escola pública, e venho por meio deste texto, seja ele como um projeto de vida e carreira, como um balanço de docência, como um diálogo com professores e futuros colegas, que só podemos mudar, com resistência, persistência, engajamento e união entre todas as partes citadas acima. Tenho em meus diálogos com professores e amigos da educação uma frase que virou bordão, uma frase da juventude atual “*a base vem forte*”, que a equipe de docentes que eu vejo em meu meio virá forte e com vontade de mudar e que reforça que a educação está se transformando e irá evoluir muito mais.

Sei que o caminho que quero trilhar e chegar, será de extrema paciência, pois, a frase citada na primeira linha do primeiro parágrafo não compactua com o imediatismo e impaciência da minha geração, mas, até lá, deveria estudar muito, dialogar muito, estar na área, me adaptar e aceitar as mudanças pessoais e com o meio, seja ele humano, estrutural ou educacional.

Tudo que já expus aqui é uma ínfima parte do que eu quero falar, do que eu já tenha vivido, planejado e falado, a nostalgia do Ensino Fundamental e Médio, os professores, os



amigos, em que grande parte se mantém até hoje, as atividades extracurriculares, como o catecismo e o teatro, as aulas, gincanas, interséries me marcam e quero reativar esses momentos com as próximas gerações. Noto, em meu meio, essas atividades cessaram, seja pelo reflexo da pandemia, transformações com as relações sociais e com a tecnologia, mas, quero mudar, querer, passa pelo poder também, que aí entra o fator escolar e político, adequar o PPP, ter o engajamento da comunidade, recursos financeiros, apoio do poder público e a disposição em realizar tudo isso. Duas palavras fazem germinar essas ideias - NOSTALGIA e EXPECTATIVA -, nostalgia do passado em que dava certo; e expectativa no futuro em mudar, criar ou transformar algo que não deu certo ou algo novo.

Em um dos vídeos da disciplina de Tópicos Contemporâneos em Docência, que eu tive na Segunda Licenciatura em Geografia, *A Sala de Aula do Século XXI*, aborda os quatro pilares para aprender (ser, fazer, conhecer e conviver) e o quinto pilar seria empreender. Ao anunciar esse quinto pilar, meus olhos brilharam, pois, além de professor (ainda não atuo na área como gostaria, sou estagiário), desenvolvi uma microempresa com meu pai de frutos secos e oleaginosas, e lembro quando eu vendia as nozes pecan na escola pra ganhar um dinheiro, isso com 12/13 anos e agora com 22 anos, abri o empreendimento com 30 produtos. Se todos tivessem a educação empreendedora, quantos não usariam seus interesses



e habilidades para desenvolver algo e “sair das ruas”, conhecer crédito, débito, cheque, cheque especial, ou algo relacionado às artes, culinária, esporte, artesanato e outras.

Empreender não é apenas relacionado ao dinheiro, ao lucro, é como podemos gerenciar nosso tempo, nosso espaço, desenvolver habilidades, aprimorar a interação social, saber como, onde e por que comprar e vender. Empreender é também construir um futuro, amizades, aprendizado, é querer crescer

Talvez, posso não estar sendo claro, objetivo, mas sei, que falar um pouco da minha experiência pessoal e da educação, que eu vi nessa disciplina e na minha formação em geral, te fez, leitor, imaginar, ter ideais, um ideal de educação, talvez até uma revolta com a diminuição de algumas atividades extracurriculares, desigualdade socioeconômicas, uma revolta sadia, um desejo de mudança de querer inovar, melhorar, só pelo fato de escrever e falar, já estamos aprendendo, ensinando e organizando o pensamento para assim, germinar ideias e mudar a educação.

Portanto, procurei estabelecer uma relação da teoria da minha formação na graduação, pós-graduação e diversos cursos e a prática na rede pública (2018 - 2019) e particular (2023 - atual) da educação, que abordei de forma sucinta neste texto, mas, que estou aberto a mensagens, perguntas, ideias. Quero, o quanto antes, iniciar na minha área de maneira estabilizada e diversa, quero conseguir iniciar no AEE (outro desejo meu na educação), trabalhar com as ciências humanas, ser um



coordenador pedagógico e diretor, e, quem sabe um secretário de educação em Farroupilha, capacidade e experiência de degrau em degrau eu terei. Vontade, tenho de sobra, e sozinho, não chegarei a lugar nenhum, assim como, sem luta, vontade, engajamento, diálogo, planejamento.

Após algumas pinceladas sobre mim e minha experiência, chegou a hora de eu me apresentar, explicitar minha trajetória na educação e o que eu almejo chegar a ser, tendo consciência de que tudo no seu tempo e com a formação, vontade e planejamento de acordo chegarei lá.

Meu nome é Gabriel Cauzzi, tenho 22 anos, formado em História e graduando em Geografia pela UCS, pós-graduando em História Antiga, História da América e História do Brasil pela Faculdade Metropolitana. Em setembro de 2023 iniciarei o Mestrado em Educação na UCS, possuí uma microempresa Grãos Cauzzi e atualmente sou estagiário do Contraturno, AEE e Projeto Entardecer no Colégio Nossa Senhora de Lourdes em Farroupilha (rede particular). Também já trabalhei na rede pública como monitor escolar de alunos de necessidades especiais, motivo que me fez despertar o interesse pelo AEE, no qual atualmente exerço um cargo de professor observador na escola que citei acima. Sobre o projeto de vida e carreira, quero até os 30 anos ter concluído o doutorado, por isso, desejo o quanto antes iniciar a carreira do professor para obter a experiência e estabilidade financeira que me possibilitarão



aprofundar os estudos, em meu projeto de vida e carreira, quero, até os 40 anos, transitar pela rede pública da esfera municipal, estadual e particular. Chegar a ser coordenador pedagógico ou diretor, após os 40 anos, quero ser docente de universidade, bem como ter a experiência de ser um secretário de educação. Sei que o fator político e ideológico conta muito, bem como as relações sociais da qual eu faria parte, mas não posso deixar que apenas a política dite como deve ser a educação e sim, interagir com todas as partes que abordei no início deste texto. No final da carreira quero poder usufruir de toda essa experiência para ajudar a formar novos professores, solucionar problemas educacionais brasileiros e ajudar nas escolas da região, pois estamos todos envolvidos na educação e que a educação está envolvida em todas as partes da vida em sociedade, a educação para formar bons policiais, políticos, médicos, empresários e empregados, na sua busca por uma vida digna com direitos preservados e igualdade racial, de direitos, de gêneros, a quebra de paradigma, estereótipos e preconceitos, ou seja, a luta em preservação da democracia através de compreender e exercer a cidadania.

Agradeço a oportunidade de me expor, dialogar, quem sabe ensinar e principalmente, aprender com todos nesta disciplina e, na minha trajetória na educação poder captar cada conselho, leitura, aprendizado com quem já passou pelo



caminho da educação, que possamos nos comunicar e rever posteriormente, estou à disposição de todos. Muito obrigado!



Balanços da docência: uma metamorfose ininterrupta

Giselle Razera¹⁷

A minha experiência docente não segue uma história linear. O interesse por seguir a vida profissional na área docente surgiu no início dos anos 2000, quando eu trabalhava com educação infantil na cidade de Curitiba/PR, na condição de educadora (auxiliar). Àquela altura, testemunhávamos uma ampliação na oferta de cursos de licenciatura e a promessa de que os profissionais da carreira docente seriam mais valorizados. Diante desse panorama, decidi que seria professora.

Ao escolher um curso para me graduar, optei por Letras, pois sempre entendi que a literatura, além de aliada no processo de educação escolar, é um depósito do conhecimento humano e estou certa de que as pessoas que adquirem o hábito de leitura logo cedo desenvolvem uma capacidade crítica-reflexiva acima da média. Saber ler, interpretar textos e sobretudo se expressar de forma competente por intermédio da escrita, mais do que nunca, é um poder.

¹⁷ Disciplina: Tópicos Contemporâneos em Docência. Programa de Segunda Licenciatura da Universidade de Caxias do Sul.



Meus primeiros momentos na condição de professora foram nas atividades do estágio obrigatório. Já nessa experiência pude perceber que a realidade imaginada dentro do ambiente acadêmico era muito diversa da encontrada nas salas de aula. Além disso, tudo era muito discrepante em comparação com o cenário ao qual me acostumei quando estava ainda na condição de aluna da educação básica, nos tempos remotos da década de 90. Ainda assim segui adiante, tentando exercer o meu trabalho da forma mais bem feita possível, me esforçando para me manter atualizada em um mundo tecnológico que se desenvolve e já se desenvolvia de uma forma cada vez mais frenética.

Exerci a docência em instituições públicas e particulares da capital gaúcha durante cinco anos, e me afastei em 2012 para alçar outros voos, nos percursos da pós-graduação. Durante esse período, meus olhos já não estavam voltados para os alunos, mas para os futuros professores, uma vez que as minhas experiências docentes estiveram centralizadas na formação docente de futuros colegas.

Mudaram os atores e o cenário. No entanto, novamente percebi que há sempre um descompasso entre o que a universidade oferece para os alunos em relação àquilo que lhes será útil para quando o aluno-docente estiver em sala de aula, exercendo o papel de professor.

Em meio a tudo isso, eis que em 2020 a comunidade planetária teve a sua rotina atravessada pela realidade de uma



pandemia. A mesma globalização que possibilitou às pessoas romperem as barreiras do espaço, por meio das tecnologias digitais, permitiu a rápida proliferação de um vírus letal, forçando, especialmente no Brasil, a comunidade escolar a abandonar por um longo período os ambientes escolares. As crianças voltaram ao seio de suas famílias e de todos se exigiu paciência para viver um dia de cada vez.

A Revolução Tecnológica que antes já imprimia às sociedades um ritmo ao qual as 24 horas do dia não eram suficientes se intensificou, e os professores, em um espaço muito curto de tempo, precisaram se adaptar a um novo mundo, em busca de mitigar os males resultantes do isolamento sanitário e de permitir que os alunos em idade escolar tivessem uma mínima continuidade às suas trajetórias estudantis. Desta forma, telefones celulares se converteram em janelas para o mundo, de onde era possível e necessário elaborar e transmitir aulas.

Pensando nessa trajetória de três décadas resumidas em poucas linhas, refletindo sobre os assuntos que tenho lido agora novamente em bancos escolares no curso de Pedagogia, entendo que o sentido do professor da contemporaneidade é ser uma pessoa mais alinhada com os pressupostos de pensadores como Rui Fava, por exemplo, na sua proposta de Educação 3.0. De acordo com Fava, o professor, e também o aluno, deve estar preparado para sobreviver no mundo em que a instabilidade é uma regra, ou seja, precisa ser alguém disposto a revisitar as



suas certezas e redirecionar a sua prática docente, especialmente no que diz respeito à metodologia, para se adaptar aos novos tempos.

A propósito dos novos tempos, entendo que é fundamental ao professor ter em mente as palavras de Bernard Charlot, quando chama a atenção para o fato de que a escola ensina coisas que não fazem sentido às crianças, e isso pode ser explicado pela diferença entre a visão de mundo entre crianças e professores. As crianças encaram a escola como um lugar de encontro com os amigos, como uma obrigação imposta pelos adultos e também como uma instituição em que a única obrigação é passar de ano, ao passo que os professores concebem a escola como um lugar de aprendizado, mas ensinam o que a eles lhes parece importante, sem refletir necessariamente se o que está sendo ensinado faz algum sentido para quem supostamente deveria aprender. Essa diferença de concepções talvez esteja no cerne das barreiras impostas entre alunos e docentes hoje em dia.

Entre os episódios que me marcaram na docência, talvez o mais significativo tenha sido a experiência que tive com um aluno do 6º ano do ensino fundamental, a quem vou aqui chamar de Gabriel. A escola em que lecionava é privada, e o sistema de ensino bastante praticado entre os seus muros é bastante tradicional, o que significa dizer que a equipe de professores era orientada a preparar aulas e métodos avaliativos convencionais.



Gabriel tinha muita dificuldade com a escrita. Era alfabetizado, mas a sua habilidade para produção textual era bastante limitada. Todos os alunos da turma conseguiam produzir redações, menos ele. A redação, de sua parte, era um requisito da nota muito importante, e a escola cobrava que eu rompesse essa barreira. Observei que Gabriel tinha uma habilidade excelente em se expressar em forma de desenho, e então desenvolvi um método de avaliação exclusivo para ele.

A maioria das redações que eu solicitava era precedida da leitura de algum conto, ou seja, tinha como base o texto literário. Eu então contava a história, debatia a temática central com os alunos e selecionava algum aspecto para ser abordado por intermédio de uma redação. Todos os alunos escreviam, e esse Gabriel desenhava. Ao final da atividade, eu me sentava ao seu lado e pedia-lhe para que me narrasse o seu desenho. Em seguida, solicitava que ele anotasse o que havia narrado.

De forma intuitiva, conseguimos, eu e Gabriel, encontrar uma estratégia para finalmente conseguir fazê-lo escrever. Em outras palavras, ficou claro para nós que o seu processo de elaboração escrita não seguia o mesmo caminho dos demais colegas: Gabriel precisava escutar a história, transformá-la em imagem, converter a imagem em narrativa oral para, aí sim, transformá-la em texto.

Atualmente, com as teorias sólidas que indicam caminhos para a inclusão, fica muito claro que o hábito de preparar uma



única aula para uma diversidade de alunos é o caminho mais curto para o fracasso escolar de alguns discentes, ou seja, é necessário ter sensibilidade e olhar para os alunos com foco nas suas particularidades, considerando todos como seres únicos, visando sempre ao aprendizado do aluno, e não ao ensino. O professor contemporâneo que não compreender que nesses novos tempos o docente não está no centro, mas lado a lado com os alunos, em um sistema de aprendizagem muito fundamentado na troca estará fadado a uma inadequação ao ambiente escolar, a uma síndrome do estrangeiro, ou melhor, síndrome da obsolescência.

A minha docência em movimento, portanto, é essa inquietude que me trouxe novamente ao ambiente acadêmico e que encheu a minha vida de conhecimentos da nova Pedagogia, que agora, mais do que nunca, está voltada para prestar ao aluno, individualmente, um trabalho de excelência, que envolve os pais, a comunidade escolar e a sociedade em geral.

A minha relação com o saber, portanto, é um hábito. Dito de outra forma, sinto uma necessidade muito forte de saber as coisas, e quanto mais aprendo mais me instigo a buscar por novos conhecimentos. Espero, desta forma, com esse exemplo, captar esse traço nos alunos e inspirá-los a nunca quererem deixar de aprender.



Balanços do saber: a formação do eu

Guilherme de Azeredo Maccari¹⁸

Começo meu texto tentando compreender o meu eu de hoje, o que me fez chegar onde estou? Escolher esse caminho e me relacionar com tais pessoas. Sou um ser ativo em debates políticos, interessado em pautas sociais, estudante de filosofia e com um sonho de fazer diferença na vida de outros seres humanos.

Estudo para me tornar um professor que consiga ajudar a mudar e melhorar os modelos pedagógicos em nosso país, principalmente na área pública, pois todos somos merecedores de boas condições de aprendizagem, e temos esse direito constitucional, porém não é bem aplicado. Somos diariamente refém de políticas excludentes que segregam ainda mais nossas cidades, comunidades e bairros.

Analisando minha trajetória, concluo que tudo tem o seu tempo, na vida não temos o controle de tudo. Jamais teria a visão de hoje se tivesse iniciado meu curso há três anos atrás, jamais estaria em um estágio maravilhoso, nesse curso fantástico, voltado de pessoas maravilhosas. Tudo na vida é uma construção que demora e faz parte da nossa formação enquanto

¹⁸ Disciplina: Tópicos Especiais em Educação. Programa Integrado de Licenciaturas da Universidade de Caxias do Sul.



ser social. Passamos por diversos caminhos, ideologias e vivências até amadurecer e escolher bem o que queremos ser.

Para alguns, essa escolha chega aos dezessete anos, para outros aos vinte e dois, e para alguns talvez nunca chegue, afinal a vida é isso, uma eterna construção. Nem todos temos oportunidades de cursar e trabalhar naquilo que gostamos, no capitalismo, ter a oportunidade estudar é para uma parte da população.

Quando conclui o ensino médio não tinha noção do que fazer e fui parar em um chão de fábrica, fiquei lá durante dois anos e meio, até que chegou um momento em que não aguentei, as más condições de trabalho, aliadas com a exploração me fizeram sentir raiva e vontade de mudar de vida, e então falei pra mim mesmo que precisava cursar algo. Fiz a matrícula no curso de história e logo depois deixei a empresa. Em seguida consegui um estágio em um serviço de convivência onde conheci e aprendi muito com pessoas muito especiais. Penso que se não tivesse passado por esse trajeto, minhas concepções de vida seriam outras e talvez seria um ser totalmente ignorante. É claro que ninguém merece passar por péssimas condições de trabalho, mas entendo que estar dentro de uma fábrica ajudou a moldar o meu eu de hoje.

Lembro que uma das primeiras coisas que desejava para o futuro enquanto criança era me tornar médico, dizia para minha avó que queria me tornar médico para nunca deixar que



ela se fosse. Achava e continuo achando o trabalho de médicos algo valoroso, mas não foi isso que escolhi para mim. Depois quis ser astronauta, bombeiro, arquiteto, programador e por último professor de história.

Gosto de pensar que tudo isso foram construções do meu eu e que foram mudando ao longo dos meus anos e experiências de vida. No atual momento, sinto que estou próximo daquilo que realmente gosto, ajudar outros seres humanos na formação de sua subjetividade. Na infância, percebo que era um ser muito mais sociável, e ao longo do tempo, diversas mudanças, seja escolas ou regiões, foram tornando-me uma pessoa mais silenciosa e reprimida. Muitos traumas também vieram na adolescência e hoje vejo-me reconstruindo o meu “talvez” eu sociável. O ambiente da UCS junto com o trabalho tem desprendido minha vergonha em falar com as pessoas e para o público, fiz muitos amigos e conexões após o período de ensino médio, o qual é muito difícil para maioria dos jovens.

Ainda falta tempo para me formar, estou no início de minha vida acadêmica, já não sou o mesmo do ano passado e nem da semana passada, estou em constante mudança. Só agradeço a todos que estão e fazem parte da minha vida por auxiliarem constantemente na minha mudança, agradeço também a oportunidade de ser contemplado com uma bolsa do PROUNI, e assim, tornar meu desejo de estudar possível.



Sei pouco sobre minha área de estudo, tenho poucas competências da BNCC e ainda me falta bastante para me tornar um profissional. Acredito que os próximos anos que passarei estudando serão de longos e bons aprendizados, mas o que importa é nossa trajetória, e principalmente, reconhecermos que não sabemos de tudo, que jamais saberemos, e assim, nunca perder a vontade de aprender.

Retornando a pergunta: Desde que nasci aprendi muitas coisas na minha família, na rua, na escola e em outros lugares. Dentre as coisas que aprendi, quais são as mais importantes? E agora, o que estou esperando?

Espero aprender muito sobre a história da pedagogia no Brasil, de todos os filósofos possíveis, participar de muitas pesquisas, contribuir com meus conhecimentos, arranjar um emprego bom na área da educação e concluir minha graduação. Foi uma etapa bem difícil entrar na faculdade e por agora quero concluir ela, depois estarei mais maduro para pensar em uma pós-graduação e caminhos diversos surgirão.



Balanços da docência

Iris Nice Ribeiro Franco ¹⁹

O Balanço da Docência é um processo de reflexão sobre a prática pedagógica do professor a fim de avaliar seu desempenho e identificar oportunidades de aprimoramentos o qual é importante para garantir a qualidade do ensino e a eficácia do aprendizado dos alunos, envolvendo as análises do planejamento das aulas, das estratégias de ensino, da gestão de sala de aula, da avaliação dos alunos e do desenvolvimento profissional do professor.

Freire e Shor (1993, p.64) destacam o papel do professor na transformação do aluno, pois “[...] engajar-se num processo permanente de iluminação da realidade com os alunos, lutar com a falta de nitidez e o ocultamento da realidade tem a ver com evitar cair no cinismo”. O professor deve elaborar um plano de aula bem estruturado e organizado que inclua objetivos de aprendizagem claros, atividades variadas e recursos adequados. Penso que também deve levar em consideração as características dos alunos e suas necessidades individuais, adaptando o conteúdo e as estratégias de ensino para atender as

¹⁹ Disciplina: Tópicos Contemporâneos em Docência. Programa de Segunda Licenciatura da Universidade de Caxias do Sul.



diferentes necessidades de aprendizagem. Isso é o que mais acontece na minha turma de 2º ano do ensino fundamental, eles são bem diferentes e sua aprendizagem também, então existe a demanda de se fazer um planejamento condizente com a realidade da turma.

As estratégias de ensino são outro aspecto importante do Balanço da Docência, o professor deve usar diferentes estratégias de ensino como: palestras, discussões em grupo, atividades práticas e trabalho em equipe, para envolver os alunos e promover o aprendizado ativo. As tecnologias digitais também devem ser usadas para enriquecer o processo de ensino, como vídeos, áudios, apresentações multimídias, jogos educativos e plataformas de aprendizagem online. A gestão de sala de aula é outro aspecto importante do Balanço da Docência. O professor deve criar um ambiente de aprendizagem seguro e acolhedor, onde os alunos se sintam confortáveis e motivados a aprender, o professor deve também estabelecer regras e limites claros, bem como as consequências para comportamentos inadequados, para manter a disciplina e o respeito na sala de aula.

Aprender, para Charlot (2000), é exercer uma atividade, em um tempo e um espaço determinados, sob a mediação de outros, ou seja, é relacionar-se com o aprender. Assim, as relações com o saber podem ser definidas sob três dimensões: epistêmica, de identidade e social.



A avaliação dos alunos é um aspecto crítico do Balanço da docência, o professor deve avaliar o desempenho dos alunos de forma justa e objetiva, usando diferentes tipos de avaliações como: trabalhos, apresentações e participações em aula. O professor deve fornecer feedback construtivo e orientação individualizada para ajudar os alunos a melhorar seu desempenho e alcançar seus objetivos de aprendizagem. O desenvolvimento profissional é outro aspecto importante do Balanço da Docência, o professor deve buscar oportunidades de aprimoramento profissional, como cursos de formação, workshops, conferências e leituras especializadas, para se manter atualizado sobre as tendências e práticas educacionais.

O professor também deve se envolver em projetos de pesquisa e colaboração com outros professores e especialistas em educação para compartilhar experiências e práticas bem-sucedidas. Este é um processo contínuo e essencial para garantir a qualidade do ensino e o sucesso dos alunos, requer uma reflexão cuidadosa sobre a prática pedagógica, a identificação de áreas de melhoria e o compromisso com o desenvolvimento profissional.

A escola está em constante movimentação e transformação em que os envolvidos no processo educativo são agentes da dinâmica social que ocorre no interior do espaço escolar. Visto que minha experiência na educação deve estar constantemente atualizada e procurando melhorar minhas



práticas educativas, o processo de formação continuada ajuda a enfrentar os desafios que encontro no ambiente escolar.

Minha relação com o saber é buscar evidências que explicitem especialmente no que se refere às noções do sujeito, educação, ensino e aprendizagem, sendo um ser singular e social em constante movimento de aprendizagem.

Para Charlot (2005, p.31), uma informação passa a ser saber “quando estabelece um sentido de relação com o mundo, de relação com os outros, de relação consigo mesmo”. O saber constrói-se nas relações que o sujeito estabelece com os objetos-saberes, as experiências e vivências pessoais e profissionais, com as interpretações, sentimentos e trajetórias de vida.



Balanços do saber

Isabelle Quintana da Silva²⁰

Sou natural de Porto Alegre e foi lá acompanhando a rotina dos meus pais, principalmente a da minha mãe, que na época já era formada pelo magistério, que com 10 anos eu entendi que meu sonho era me formar professora. O que eu aprendi naquela época com a minha mãe foi que “somos mulheres de classe média, moradoras de periferia”. Ela dizia: “- Você é negra, isso faz com que precise ser melhor sempre para conseguir o seu lugar ao sol”. Foi ouvindo isso que sempre busquei destaque nas minhas tarefas, aprendi a elaborar atividades e murais com E.V.A, a corrigir provas, e ser prestativa. Foi assim que me formei no ensino médio, mas foi no ensino médio que eu aprendi muitas coisas, como ser sociável e conseguir contatos que irão ajudar no futuro, que trabalhos em grupos podem sim ser bons, que eu também posso ter uma vida sociável e que isso não vai prejudicar o meu desempenho.

Tudo estava indo bem, tinha finalizado o ensino médio e tirei um ano para decidir qual curso eu gostaria de lecionar, trabalhar e juntar dinheiro, viver uma vida de adolescente que eu me privei por conta dos estudos. E foi aí que estourou uma

²⁰ Disciplina: Tópicos Especiais em Educação. Programa Integrado de Licenciaturas da Universidade de Caxias do Sul.



pandemia, mexeu muito com o meu desenvolvimento e eu conheci o EAD. Inicialmente eu achava horrível, que nunca aprenderia nada desse jeito, mas com o decorrer do curso, fui aprendendo que era uma boa ferramenta de estudos e, se usado de maneira correta, era uma ideia ótima.

Em paralelo aos estudos eu trabalhava no hospital Tacchini em Bento Gonçalves/RS. Ali eu aprendi a me comover com a dor alheia, a cuidar do próximo, afinal eu trabalhava no pronto socorro. Comecei a tentar encaixar o que eu aprendia na faculdade com o que eu vivia no trabalho e vi que os dois não andavam juntos, então optei por desistir do hospital e ingressar num estágio no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV). Foi ali que eu pude pôr em prática muitas coisas que eu já havia aprendido e também testar ideias novas. Não só ensinei como aprendi muito com os adolescentes, eles me ensinaram uma nova perspectiva de vida, pude ver de perto os horrores que antes só via nos relatos que lia em jornais. Pude ajudar e, de certa forma, mudei a vida deles, pois até hoje me procuram para conversar.

Nesses três anos de faculdade, e aos meus 22 anos de idade, eu posso dizer que aprendi muitas coisas e ainda tenho mais para aprender. As ideias que eu tinha antigamente nem se comparam com as ideias que eu tenho hoje, e eu devo tudo isso a meus pais, à rua, aos meus alunos, ao meu curso. A profissional que eu vou me formar existe graças a cada pessoa e situação que



passei e ainda passo, e a frase que minha mãe me disse eu nunca esqueci, de onde eu vim e quem eu sou. Por isso, eu me esforço ao máximo para atingir meus objetivos e tenho certeza que vou conquistar tudo.

Atualmente estou gestante e tive que priorizar minha saúde, então abandonei os estudos, mas acredito que tudo é um aprendizado e assim estou aprendendo a ser mãe, mas nunca vou deixar de estudar e agora é correr atrás do tempo perdido. É assim que eu aprendo, errando, acertando, convivendo, trocando experiências, e todos os momentos me marcam. Infelizmente não posso dizer qual a mais importante pois para mim todas são, mas para meu futuro eu espero pôr em prática muitas coisas que aprendi e aprenderei muito mais. Estamos em constante evolução e sempre cabe mais conhecimento.



Balanços da docência: a vivência docente

Jenifer Valmorbida Slongo²¹

Atualmente, ao pensarmos em educação, abrimos um leque de possibilidades. A visão de novos estudos que são passados de geração em geração e que, cada vez mais, são aperfeiçoados de modo que, conforme os anos passam, a maneira de ensinar e aprender muda. A educação muda a perspectiva de mundo, um mundo em que a educação é farta de cultura, desenvolvimento social, capacitação de críticas, ética e moral, e desenvolvimento como cidadão nos traz mais segurança e autonomia. É possível visualizar as percepções e desafios do docente na contemporaneidade e compreender o que mobiliza os nossos estudantes a aprender, e o professor a ensinar.

Durante meus estudos para formação docente pude perceber os desafios que atualmente um professor carrega, principalmente na vivência dos estágios obrigatórios em que sentimos o que é uma parte de ser professor, e nesse tempo, sentimos que a educação nem sempre é um “mar de rosas”, que apresenta dificuldades que devem ser superadas, o que nos

²¹ Disciplina: Tópicos Contemporâneos em Docência. Programa de Segunda Licenciatura da Universidade de Caxias do Sul.



promove uma ação necessária vinda da comunidade escolar ou do conjunto de professores para mobilizar um ensino de qualidade, abrangendo as novas tecnologias e usando-as para instigar o conhecimento dos alunos. Uma delas foi com a chegada da pandemia da Covid-19 que por tempo os professores, pais e alunos ficaram desesperados e com várias incertezas a respeito da educação, e com muito empenho mudaram o ensino para algo que envolvesse as novas tecnologias associadas ao ensino. Claro que muitos alunos de baixa renda tiveram muitas dificuldades para o acesso desse novo ensino e hoje devemos ter uma atenção maior para estes que acabaram sendo prejudicados na questão da leitura, escrita e diversas outras áreas do conhecimento.

Os processos aos quais hoje nos colocamos no novo Ensino Médio e na BNCC, por muitas vezes eu discordo de certos aspectos, em que o aluno escolhe o que estudar, certo, nos dá um aluno autônomo do próprio conhecimento, o que o aluno quer aprender, mas com isso vem uma pergunta: Será que meu aluno quer mesmo aprender? E no ENEM o que ele vai responder nas questões que não foram escolhidas por ele no Ensino Médio? São respostas que por muitas vezes são refletidas não só por mim, mas pela grande maioria dos professores aos quais já não se sentem motivados, pelo modo em que sua profissão é desvalorizada e como a educação que estão propondo está sendo elaborada.



Sou formada na área das exatas em Ciências Biológicas, e ao me inscrever para os contratos do estado, também refleti sobre uma questão muito importante e que acontece rotineiramente em diversas regiões e provavelmente no país, ao nos inscrever colocamos a nossa área de formação e para ser chamado precisamos apresentar o diploma em tal área especificada na inscrição, mas por muitas vezes professores que já estão no ramo escolar e já atuando em uma escola acabam tendo que dar aula para suprir uma necessidade que não é da sua área, um exemplo é um professor de geografia ministrando aulas de química, por exemplo, e a parte da reflexão fica, como o estado permite que um professor não habilitado em tal área ministre as aulas? Infelizmente isso acontece muito, acaba que os alunos não irão conseguir aprender de forma clara o conteúdo que foi dado; e o professor precisa estudar para poder montar uma aula que ele não tem conhecimento, e por isso muitos professores acabam desistindo da vida docente.

Ao nos depararmos com turmas percebemos que cada um tem seu jeito, e sua forma de aprender, cada aluno tem sua particularidade, sua etnia, sua religiosidade, cultura, pensamentos e realidades diferentes, o que nos agrega novas visões e saberes despertando um amplo conhecimento sobre tal.

Ao refletir sobre a função do professor como um profissional da educação que contribui para uma transformação qualitativa da sociedade, há de se considerar a presença da



responsabilidade político-social na docência, haja vista que, a formação do cidadão perpassa pela dimensão da formação política, pois esta propicia formar cidadãos críticos e transformadores. Correlacionado à compreensão do Ser Professor está a construção da identidade pessoal que precede à profissional, perpassando pela social e se solidificada a partir de identificações infantis que são retomadas na adolescência. Entretanto, a identidade profissional do professor não deve ser confundida com a identidade social. A construção da identidade profissional docente passa por dificuldades relevantes em sua constituição, seja em relação às dificuldades impostas pelo novo contexto educacional e social da contemporaneidade, seja pelo legado histórico da profissão. Tal contexto impõe à prática educativa um número de demandas muito grande, levando assim o educador do século XXI a repensar a sua atuação em sala de aula e os enormes desafios profissionais que enfrenta, a fim de atender às exigências do contexto atual. A formação inicial e continuada do professor pode ser o primeiro passo para vencer os desafios da educação contemporânea e deve ser vista como uma necessidade de mudança do paradigma de ensino, de um modelo passivo, baseado na aquisição de conhecimentos, para um modelo baseado no desenvolvimento de competências e que atendam às necessidades dos alunos levando em conta as mudanças aceleradas da sociedade em que este está inserido,



com a finalidade de levá-lo a aprender, a adquirir competências, a aprender a aprender.

Hoje não se pode falar em aprendizagem sem falar no professor. O contexto social na contemporaneidade impõe à prática educativa um número de demandas muito grande, levando assim o educador do século XXI a repensar a sua atuação em sala de aula e os enormes desafios profissionais que enfrenta, a fim de atender às exigências do contexto atual.

Para o professor desenvolver tais competências gosto muito de utilizar a ideia de Freire (2008) que defende: “é preciso que o formando, desde o princípio da sua experiência formadora, se assuma como um sujeito da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

Percebemos que o tempo da educação vai muito além da sala de aula, e que a mesma se amplifica e se modifica, a fim de renovar os papéis dos professores tendo que alterar sua forma de transmitir seu conhecimento e atualizar a forma de ensinar para que os alunos possam aprender de uma forma mais construtiva, com responsabilidade e valores.



Balanços da docência: o ser e o fazer docente

Jennifer Toscan²²

Atualmente, muito se ouve falar na docência e nas temáticas que a envolvem, como a formação inicial e continuada, a relação entre o professor e o aluno, a ligação entre a teoria e a prática, entre outras implicações. De acordo com Roncarelli, Stecanela e Pauletti (2021), a docência propriamente dita é o trabalho realizado pelo professor, a qual vem acompanhada de múltiplos fatores que a mantêm sempre em movimento. Sendo assim, a docência é um processo de transitividade que está em contínua constituição, pois conta com rupturas e permanências nos espaços, nas ações, nos tempos e nos sujeitos que a compõem, já que esta é uma profissão que passa por muitas transformações históricas e sociais.

Ainda nessa mesma linha de pensamento, Roncarelli, Stecanela e Pauletti (2021) explicam que a docência acaba sendo um processo transitivo, porque ela é um encontro entre a teoria e a prática, as quais integram o fazer docente e se transformam a partir da realidade em que estão inseridas, provocando

²² Disciplina: Tópicos Contemporâneos em Docência. Programa de Segunda Licenciatura da Universidade de Caxias do Sul.



reflexões sobre o saber docente. Sendo assim, a docência é submetida à subjetividade, porque ela se insere no contexto particular de cada professor, porém, apesar de o fazer docente ser específico para cada um, ele pode ser compartilhado entre os próprios professores para que assim sejam constituídos saberes da profissão.

Ser docente na contemporaneidade não é uma tarefa fácil, pois muitos são os desafios enfrentados ao longo desta caminhada. Primeiramente, entendo que para ser professor e seguir na profissão é preciso ter, sobretudo, muito amor pelo que se faz. Com amor, nos tornamos mais fortes para superar os obstáculos que irão nos aparecer diariamente. Se trabalharmos apenas por obrigação ou para termos o salário no final de cada mês, dificilmente “sobreviveremos”. O que quero dizer com isso? Que a desvalorização, o desrespeito e a falta de empatia e consideração pelo professor estão tão grandes hoje em dia que se este não adentrar na sala de aula disposto a ter uma boa relação com seus alunos e a querer transformá-los em sujeitos melhores para a sociedade em que vivemos, ele não encontrará forças para continuar.

Sem contar que também há um forte monitoramento do trabalho docente, isto é, a existência de documentos de caráter normativo como, por exemplo, a BNCC, a BNC-Formação e a BNC-Formação Continuada que, a meu ver, legitimam e ferem a autonomia e a atuação do professor, pois querem que ele



somente execute o que está posto ali, a fim de que o aluno desenvolva as habilidades e as competências propostas, o que acaba limitando seu espaço e anulando sua voz. Ambos os documentos orientam todo o trabalho do professor, mas não contam com a participação efetiva do mesmo em suas elaborações, pois não há uma construção coletiva e democrática, e sim um grupo seleto de pessoas que os escrevem e pensam que eles podem ser aplicados em qualquer sala de aula do país. Concordo com Barbieri (2019, p. 67) quando ela diz que há uma “grande distância entre o discurso e as práticas pedagógicas, no que se refere à estruturação das políticas educacionais, fundada na incapacidade de abarcar as particularidades das diversas realidades escolares em referenciais únicos e gerais”. Sendo assim, tenho como concepção que, mesmo com suas boas intenções em definir as aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo da Educação Básica, os documentos pecam quando visam formar estudantes e professores que continuem reproduzindo as atuais relações existentes ao invés de preocuparem-se com a capacitação destes para que eles deem conta de mudar para melhor o mundo em que vivemos hoje.

Apesar desses contrapontos – e inúmeros outros que não foram citados aqui – acerca da docência na contemporaneidade, destaco que o docente é “dono” da profissão mais importante que existe, porque é ele que forma todas as outras. Sem o



professor, nada seríamos. Logo, ser docente na contemporaneidade é estar aberto ao novo e às mudanças, é estar sempre em busca de formações continuadas para dar conta da realidade e dos alunos que nos cercam, é ter um bom domínio das tecnologias para que elas contribuam de forma positiva na vida de cada aluno. Ser docente é ver a vida com outros olhos, é ser flexível, é nunca desistir da educação, é ver uma saída mesmo quando as coisas parecerem não ter mais solução. Assim como nos diz Freire (1992), o professor precisa ter esperança, não a esperança do verbo “esperar”, mas sim aquela do verbo “esperançar”, ou seja, o professor não pode desistir, independentemente de suas condições de trabalho. Se algo não sair conforme o esperado, o professor precisa levantar a cabeça e reagir para encontrar uma saída, uma alternativa, e fazer acontecer, fazer dar certo.

A partir disso, me pergunto: Que sentidos atribuo a ser professora? Acredito que o principal sentido seja um eterno processo de ensinar e aprender junto aos estudantes. O professor deve estar ali como um mediador/facilitador na vida do aluno, pois ele mesmo é que precisa construir o conhecimento de forma autônoma e independente, já que assim conseguirá avançar mais rapidamente em suas aprendizagens. Não podemos mais ver o professor como o único detentor do saber, ou seja, como aquele ser inalcançável que ninguém pode questionar. Nem mesmo como um transmissor de



conhecimento, pois a única coisa que pode ser transmitida é a informação. Segundo Freire (1996), ao ensinar, o professor não está transferindo o seu conhecimento, mas sim criando as possibilidades para o aluno fazer sua própria produção/construção do mesmo.

Nesse sentido, com relação às vivências na docência, apesar de atuar como monitora em uma turma de Berçário II (crianças de 1 a 2 anos de idade), ainda não tenho experiência como docente em sala de aula. Devido a isso, fico imaginando e refletindo acerca de como eu pretendo que seja a minha postura docente no futuro. Eu na sala de aula do século XXI me vejo fazendo/construindo as aulas junto aos meus alunos, assim como nos propõe Rios (2008), pois é por meio da diferença e da reciprocidade de papéis que a aula vai tomando forma e se constituindo. Quero estar sempre “descobrimdo, redescobrimdo, errando e acertando, rindo e chorando, aprendendo, desaprendendo, reaprendendo, ensinando, “desensinando”, “reensinando”.” (Rios, 2008, p. 13). Portanto, quero ser o meu melhor, quero aprender com os meus erros, quero estar sempre evoluindo, quero me reinventar e quero fazer bem o meu trabalho. Além disso, quero deixar uma marca positiva e especial na vida de cada aluno, tornando a aprendizagem real, efetiva e duradoura.

Mesmo não tendo vivências docentes para relatar e analisar, gostaria de destacar o que mais me marcou no meu



período de estudante do 1º ano do Ensino Fundamental, já que tenho como sonho ser uma professora alfabetizadora. Esse sonho tomou forma justamente por causa da professora que me alfabetizou, pois ela me deixou uma marca muito grande pela forma como ela ministrava suas aulas, sempre com muito amor, dedicação, carinho, cuidado e um bom planejamento, fazendo com que eu também quisesse seguir nesta profissão para me tornar uma profissional tão boa e tão feliz na carreira escolhida. Isso mostra a grandeza e a importância do trabalho docente, pois ele exerce influência e deixa vestígios na formação e na vida do aluno, seja em sala de aula ou fora dela. Para Freire (1996 apud Santos; Junqueira; Silva, 2016, p. 89),

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar marca.

Segundo Roncarelli, Stecanela e Pauletti (2021), a docência em movimento é de suma importância para o trabalho docente, pois sem o movimento a atuação fica parada onde está,



isto é, esvaziada de novas possibilidades e oportunidades de ensino e aprendizagem, mas dotada de práticas mecânicas e repetitivas que pouco têm a contribuir com as reais necessidades dos alunos que precisam ser atendidas. O movimento implica uma formação continuada, pois o mundo avança e o professor deve avançar junto a ele para não ser deixado para trás. Esse avanço também diz respeito ao bom uso das tecnologias, em que se espera que o professor tenha o mínimo de domínio sobre elas, pois as gerações que estão chegando já nascem com o celular em mãos e, por isso, as aulas precisam ser motivadoras e instigadoras para que eles tenham vontade de participar. O tradicional e “ultrapassado” método exclusivamente expositivo não cativa mais. É tarefa do professor ser inovador e trazer propostas diferenciadas para suas aulas. Logo, a docência em movimento, vista dessa forma, significa que o professor acredita no seu potencial e quer avançar ainda mais, investigando a realidade de seus alunos e trazendo-a para dentro dos conteúdos a serem trabalhados e estudados em sala de aula. Essa é a verdadeira aprendizagem significativa e duradoura, ou seja, é aquela que ocorre quando os alunos podem aplicar a teoria que estudam no papel na sua vida fora da escola, o que lhes permite enxergar o seu real sentido e importância.

Tendo o que foi apresentado em vista, percebo que a minha relação com o saber está, e sempre estará, em um contínuo processo de construção e de constituição, pois ao



mesmo tempo em que o professor ensina, ele também tem muito a aprender com seus alunos. Nessa mesma perspectiva, Zanette (2019, p. 64) nos diz que “o saber do docente se constrói nas relações com o ensino de objeto-saberes, com a realização de práticas, com as experiências e vivências pessoais e profissionais, com as interpretações, sentimentos e trajetórias de vida”. Isto é, o professor não sabe tudo e, por isso, precisa estar aberto a novas possibilidades para que possa aprender ainda mais a fim de aprimorar o seu fazer docente. Segundo Charlot (2000, p. 80), “A relação com o saber é a relação com o mundo, com o outro, e com ele mesmo, de um sujeito confrontado com a necessidade de aprender”, pois o sujeito é um ser inacabado e ele busca no saber a sua incompletude. Tudo isso tem como principal finalidade que o aluno aprenda a partir da sua própria construção do conhecimento, a qual oportunizará que ele faça melhorias na sociedade e torne-a mais justa, democrática e inclusiva para todos.



Balanços da docência: uma narrativa descritiva sobre o meu caminho à docência

Jéssica da Rosa Pinheiro²³

‘É experiência aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao passar-nos nos forma e nos transforma... esse é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao largo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece... por isso ninguém pode aprender da experiência de outro a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria.’

Jorge Larrosa

Assim como as palavras de Jorge Larrosa, torna-se experiência aquilo que nos passou, nos tocou e nos aconteceu. Em meu ver, experiência também é o que me habita, o que me cruza e o que me molda, em todos os dias de minha caminhada.

Caminhada lenta..., que faz lembrar-me quando criança, por volta de quatro anos, que pedia colo a todo instante afirmando estar cansada, após caminhar alguns metros de mãos dadas com minha mãe no bairro em que ainda moro. E antes

²³ Disciplina: Tópicos Contemporâneos em Docência. Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) da Universidade de Caxias do Sul.



mesmo de entender o que era uma caminhada longa, já me sentia cansada, querendo amparo, abrigo e conforto de um colo amigo. Mas este amparo se finda antes de iniciar na educação infantil, em que tive meu primeiro contato com os materiais com os quais hoje me encontro trabalhando. Com esses materiais aprendi a desenhar meu próprio caminho, às vezes ensolarado e florido, por outras, com um céu escuro de nuvens de chuva, guiadas por estradas sem fim ao horizonte.

Os caminhos sempre me guiavam para a arte!

Desde lá, pude aprender que andar com as próprias pernas, firmes ou não ao chão, é muito mais difícil do que receber aquele conforto de um colo de mãe. E isto foi o suficiente para me manter determinada a andar e andar, muitas vezes andarilhando por caminhos jamais percorridos, até encontrar, por definitivo, o desejo que habitava em mim: ser professora de arte.

A arte sempre foi o caminho habitado por mim!

Filha única de uma família humilde, com poucos recursos financeiros, estudei meu ensino fundamental e ensino médio em duas escolas públicas da cidade de Montenegro/RS, cidade que sempre foi minha casa e que me ofereceu duas escolas excelentes com professoras das quais lembro até hoje. A preferência pelas aulas práticas e teóricas de Educação Artística era visível já no início do ensino fundamental, em que já demonstrava empenho em participar dos projetos, espetáculos



e trabalhos desta área do currículo. Nunca tive oportunidade de participar de um curso específico de arte em minha infância, mesmo que este fosse meu desejo. Durante praticamente toda minha infância morei com meus avós paternos durante a semana, e era só nos finais de semana que encontrava meus pais e minha casa. Meus queridos pais sempre batalharam muito, trabalharam tanto, que era impossível morar com eles e vê-los todos os dias... este foi um dos motivadores de meu crescimento e amadurecimento pessoal.

As referências foram e ainda são a base de crescimento!

As maiores influências para seguir admirando o fazer artístico e a docência foram, sem dúvida, as professoras que cruzaram minha experiência escolar tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. Todos e todas me conduziram a um olhar mais crítico e admirador pela docência, me mostrando que os caminhos escolhidos por mim poderiam ser explorados, habitados e cruzados a outros interesses que pudessem vir a surgir.

E o interesse surge aos poucos: a docência!

E meus dezessete anos chegaram, já era hora de me despedir do ensino médio e caminhar em busca de uma vaga em uma universidade. Após saber de minha aprovação no ENEM e definir meu curso de ingresso, optei por tentar a UFRGS e a UERGS. Tudo aconteceu de modo acelerado: aprovação, matrícula, ingresso...demorei para me adaptar à ideia que de



agora fazia parte de uma instituição acadêmica, e que os muitos compromissos, em meu caminho, já começavam a me habitar.

Um breve e belo começo. A licenciatura em Artes Visuais: uma trilha com muitas paradas, mas sem um fim!

Durante meu primeiro semestre na UERGS em 2012, também ingressei em desvio a uma nova prática, que jamais pensaria exercer: mediar! Descoberta por um cartaz informativo, logo me informei sobre a chamada de novos acadêmicos para ingresso neste grupo de estudos chamado REDE DE MEDIADORES da Galeria de Arte Loide Schwambach - FUNDARTE, e foi a partir desta entrada que muitas oportunidades e práticas voluntárias vieram ao meu encontro – visitas breves – que me levaram de mãos dadas ao encontro de novas discussões sobre a arte e a mediação, a encontro de novas colegas, artistas, curadores e diferentes públicos da galeria, novos lugares, dentro e fora da instituição e também ao encontro de grandes referências artísticas locais e do Brasil. Este grupo realizava encontros semanais e/ou quinzenais promovidos pela coordenadora, em que trocávamos experiências de mediação e outras práticas de ação educativa para a atuação como mediadores em mediações agendadas no espaço expositivo da galeria, bem como, a ação como oficinairos no *Projeto Gravura na Rua*, promovido pela FUNDARTE.

A mediação cruzou meu caminho. O desejo de mediar só aumentava!



Após meu início na graduação em 2012 surge a possibilidade de atuar como assistente de Educação Infantil por meio de estágio no CIEE, localizada em uma comunidade carente da cidade, próxima de minha casa, em que permaneci trabalhando e compartilhando arte, mimos, abraços e saberes com pequenos seres de três e quatro anos, entre maio de 2012 a maio de 2013. E foi a partir desta experiência lúdica, pedagógica e inspiradora com arte que me encontrei novamente.

Meu lugar é com a arte e com as crianças!

Devido ao estágio com a Educação Infantil e a grande grade curricular dos primeiros semestres da graduação precisei me manter afastada durante cerca de um ano e meio da REDE DE MEDIADORES da Galeria de Arte Loide Schwambach - FUNDARTE, pois não estava conseguindo fechar os horários para encontros e mediações agendadas através do grupo.

*As mediações me habitavam, mesmo sem suas práticas!
Precisava retornar.*

No início de 2014, retornei ao grupo da REDE DE MEDIADORES e tive a oportunidade de participar como umas das mediadoras da realização do projeto *Ação Educativa na Galeria de Arte Loide Schwambach - FUNDARTE*, idealizado em parceria entre a E.E.E.F. Cel. Álvaro de Moraes localizada em Montenegro/RS e a AAF (Associação Amigos da FUNDARTE), selecionado no Programa Mais Cultura nas Escolas - edição 2014. A execução do projeto estendeu-se de agosto de 2014 a



julho de 2015, sendo a última etapa do projeto interrompida por falta dos repasses do Ministério da Cultura e Ministério da Educação.

Desde 2014 também tive atuação como Bolsista de Iniciação à Docência no *Programa de Iniciação à Docência* da CAPES/MEC no PIBID/UERGS, Subprojeto de Artes Visuais entre 2014/01 a 2016/02. Desde lá pude participar de diversos eventos acadêmicos como seminários e eventos promovidos pelo Subprojeto de atuação.

Em 2014 fui colaboradora como bolsista ID no *Dia do Desenho de Montenegro*, organizado pelo Subprojeto de Artes Visuais – PIBID/UERGS com o objetivo de envolver a comunidade da cidade em atividades artísticas no Parque Centenário. Em 2015 o *DDD* voltou a acontecer como parte das atividades desenvolvidas do Subprojeto de Artes Visuais, que realizou as atividades integrativas na Praça Leonel de Moura Brizola (Praça dos Ferroviários).

Em 2015, nosso Subprojeto propôs um novo formato de evento, em busca de compartilhar reflexões docentes em arte. O Projeto *Dialogarte: seminário de experiências docentes e iniciação à docência em arte*, ocorreu em suas duas edições na E.M.E.F Dr. Walter Belian, na qual, participei como colaboradora da realização do evento, como também de ouvinte e apresentadora de pesquisa oral.



E as oportunidades que cruzavam meu caminho só aumentavam!

Trabalhei durante maio a julho de 2014 como monitora de atividades do *Projeto Mais Educação* na E.E.E.F Manoel de Souza Moraes com alunos de 6 a 10 anos, promovendo atividades recreativas e lúdicas, como a “Hora da Leitura” e também com uma oficina de arte, que atendia a quatro turmas, quatro vezes por semana no turno da manhã até as 13h.

A caminhada continua, faço morada em outra casa!

No mesmo mês de julho começo a trabalhar por convite como monitora do *Projeto Mais Educação* em outra escola do Município, na qual já atuava como bolsista ID. A E.E.E.F Adelaide Sá Brito acolheu-me de 2014/02 a 2015/02 dando a oportunidade de desenvolver trabalho interdisciplinar com musicalização, oficina de arte e recreação com alunos de 6 a 14 anos, divididos no turno da manhã e tarde. Além do trabalho desenvolvido como monitora em períodos extraclasse dos alunos do projeto, fui convidada a ocupar a vaga de professora substituta da escola na turma de 5º ano do turno da tarde em sextas-feiras, além de trabalhar substituindo outros professores titulares em falta.

Trago desta comunidade escolar uma enorme bagagem de experiências duras e leves que marcaram e cruzaram meu início na docência em arte e fora dela.

A arte abriu-me outros portões no caminho!



Dividindo meu tempo diário/semanal em mediações na galeria, monitoria e substituições na escola, atividades do PIBID/UERGS, consegui tempo suficiente para buscar um novo aperfeiçoamento – mais expandido ao campo da atuação como mediadora. Entre os meses de agosto a outubro de 2015 fiz o Curso de Formação de Mediadores promovido pelo Programa Educativo da 10ª Bienal do Mercosul *Mensagens de Uma Nova América*, edição de 2015 em Porto Alegre/RS. Esta oportunidade de aperfeiçoamento garantiu minha vaga de estágio pelo CIEE como Mediadora na Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul durante outubro a dezembro de 2015, período no qual se estendeu a 10ª Bienal do Mercosul, com o tema *Mensagens de Uma Nova América*, em que trabalhei diariamente com o atendimento a grupos com agendamento e ao público em geral no espaço expositivo do Memorial do Rio Grande do Sul em Porto Alegre/RS.

De mediadora a dialogante/ de dialogante a mediadora!

Em 2015, além de atuar como mediadora na 10ª Bienal do Mercosul *Mensagens de Uma Nova América*, também participei durante o período noturno como monitora/mediadora no 5º Salão FUNDARTE/SESC de Arte 10x10, na Galeria de Arte Loide Schwambach.

Outra grande conquista no ano de 2015 foi disputar com mais de 3.000 inscritos uma vaga em um dos maiores cursos de formação continuada em Arte e Educação totalmente a distância.



O Curso *Aprendendo com Arte*, uma realização do Projeto Aprendendo com Arte, ofereceu 200 vagas para o curso que se desenvolveu em sete módulos, no período de março a outubro de 2015, promovido pelo Instituto Arte na Escola e Fundação Volkswagen. Desta cidade, fui a única selecionada para o aperfeiçoamento e compartilhamento de experiências na Plataforma do Letramento.

O caminho sempre foi aprender com/a/através/da arte!

Outro projeto que participei foi na segunda edição do *Projeto Vincular: pesquisa e docência, arte e educação*, de abril a outubro de 2015, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli, com coordenação da Professora Carmen Lúcia Capra. Este projeto foi uma interseção com os bolsistas do Subprojeto de Artes do PIBID/UERGS, com coordenação da Professora Carmen Lúcia Capra.

Estar a vincular ascendeu meus questionamentos docentes que estavam a repousar!

Meu percurso, com interesse na arte-educação, caminhou acompanhado de um lado artista, que habita em mim, desde minha precedente experiência com a docência e com o incansável estudo do que é ser um artista, o que faz um artista e sobre sua poética. Desde então, participei de diversas exposições coletivas, apresentando trabalhos advindos de instigação pessoal ou a partir de pesquisas poéticas na graduação.



Além de produzir conteúdo visual, precisei refletir em sala de aula!

Desta experiência com fotografia analógica e trabalho em laboratório P&B surgiram possibilidades pedagógicas para levar este assunto para a sala de aula em meus estágios obrigatórios pela IES. Em 2014 trabalhei com o 3º ano da E.E.T São João Batista com o projeto *Timeline: exposição e experiência*, em que se desenvolveu um estudo sobre a visualidade pessoal na rede social, e qual a importância das imagens visuais que são descarregadas na rede. Já em 2015 concluí meu último estágio supervisionado com o 3º ano do C.E Ivo Buhler – CIEP, com o projeto construído a partir dos interesses pessoais dos alunos - *A fotografia reinventada: memórias pessoais, registro e olhares sobre o cotidiano*, em que foram abordadas e confrontadas noções de fabricação, manuseio e revelação de fotografias analógicas x fotografias digitais.

No início de 2016/01 iniciou-se uma nova etapa – um novo trajeto – junto de meu caminhar a passos largos para a finalização da graduação em Artes Visuais – Licenciatura.

Finaliza-se uma etapa, para que outras possam ser iniciadas!

Ao receber o convite no final de 2015, previa-se que seria algo diferente e desafiador a minha experiência como docente em sala. A sala com certeza era muito mais ampla, os recursos diferenciados e ao alcance, os alunos divididos por níveis de



ingresso, o curso era bem estruturado e condizia aos interesses pessoais dos alunos. E com este pensamento refleti e vivi intensamente os dias de trabalho e paixão na sala-atelier e na galeria, com alunos motivados a aprender/compreender e a refletir sobre a arte e sobre suas poéticas que surgiam a cada novo encontro. O contato com as seis turmas iniciais, e após assumindo mais o Atelier da Prof^a. Marina Reidel, me fizeram buscar em idas e voltas, corridas, em outras vias, fazendo outros itinerários, atuando de um outro modo, tentando outras alternativas, pedindo orientação e localização, compartilhando segredos da docência e do “não sei fazer” “vamos aprender juntos” - e todo esse trâmite. Este período que se estendeu por dez meses de contato foi uma das mais vivas e inquietantes oportunidades que visitei e fiz morada, neste curto tempo de experiência com a docência em arte.

Descobri-me viva e inquieta mais uma vez na arte!

E assim seguiu-se meu início, meio e fim de estágio pelo CIEE como professora do Curso Básico de Artes Visuais da FUNDARTE. A Instituição que tanto me acolheu nestes últimos cinco anos de estudos, idas e vindas como mediadora e artista. Além da acolhida, ofereceu-me suportes semanais e quase que diariamente para seguir trabalhando da melhor forma possível com os alunos que chegaram e partiram durante minha permanência como dialogante-mediadora-professora-artista!



De fato, minha experiência na FUNDARTE foi construída através dos dias como professora em sala, como mediadora na galeria e como coordenadora temporária da REDE DE MEDIADORES da Galeria de Arte Loide Schwambach. A interseção destes lugares de morada fez surgir do papel à prática o projeto *Galeria de Arte Loide Schwambach: exposições e ação educativa*, que foi realizado pela REDE DE MEDIADORES, que contou com três novas acadêmicas de Artes Visuais da UERGS: Susana T. Toledo, Jozieli Weber e Mayra C. Marques que trabalharam nos três turnos de funcionamento da galeria da FUNDARTE, com um atendimento de em média 250 participantes/ alunos por mês na promoção das mediações e ações educativas durante quatro exposições da programação da Galeria.

A galeria, a rua, a sala tornou-se mais uma vez espaço de experiências educativas!

E foi de tanto reclamar quando criança, não querendo seguir caminhando, que hoje considero o caminhar uma das melhores formas de olhar o que me acontece e o que já me aconteceu. É caminhando que descobrimos o que deixamos nos habitar, ou o que ainda pode nos habitar, o que deixamos cruzar nosso caminho, o caminho também pode nos fazer esperar pelas oportunidades que nos cruzarão, e com isso perceber o que nos molda a cada dia, ou pode nos moldar como docentes-artistas-indivíduos em (trans)formação.



Recomeços e começos na docência!

Em março de 2017 ingressei na DUNDARTE como servidora do quadro docente, atuando com crianças, jovens e adultos, local que até hoje é minha segunda casa. É lá que boa parte da minha vida docente aconteceu e acontece. Conhecer e me despedir de alunos, formar alunos, orientar TCC's, criar projetos, executar ações, mediar, pesquisar, escrever...

Em 2019 realizei um contato na prefeitura municipal de Montenegro, atuando em uma das maiores escolas públicas da cidade com as turmas de 6º e 9º anos, escola essa que estudei, estagiei, e atualmente é escola do meu filho. Foi uma experiência desafiadora mas, ao mesmo tempo, enriquecedora, pois pude não só aprender novos tempos de trabalho, com períodos de 50 minutos mas também trabalhar com turmas cheias, alunos desmotivados, curiosos, resistentes, parceiros, e uma equipe nota dez, composta por muitas professoras que tive a honra de serem minhas no ensino fundamental.

Em fevereiro de 2020 ingressei como professora de arte no município de Montenegro, duas semanas após se instalar a pandemia da Covid-19 no Brasil. As escolas são fechadas por tempo indeterminado, a alegria de poder fazer parte como professora de duas escolas pequenas vai sumindo... Eu pouco tinha conhecido meus alunos, meus colegas, minhas escolas.... o trabalho continuou, com o mesmo olhar preocupado, porém de casa, atrás das telas muitas horas por dia.



Não foram dias fáceis, aprendi muito, cansei muito, planejei, escrevi e reescrevi muito na pandemia. Meus primeiros dois anos como docente da rede municipal foi de grande crescimento pessoal e profissional.

De lá para cá houve várias mudanças e uma delas foi o meu amadurecimento frente ao que a vida estava colocando pra mim. Decisões, responsabilidades, incertezas, medos, desafios. Não foi fácil, ou seja, não é fácil, mas tudo isso é muito instigante, difícil, doído, mas também prazeroso e gratificante, quando consegui me enxergar passando por tudo ainda sorrindo e gratificada, em meio a caminhadas, paradas, descansos, corridas e assim conseguindo lidar com os desafios e aprendizados de exercer a docência.



Balanços da docência: ensino e aprendizagem

Juliane Gedoz Cousseau²⁴

“Educar é interagir, é agir com o outro, o que acarreta necessariamente a transformação dos sujeitos envolvidos na convivência. (...) Acreditamos que ensinar e aprender são ações de um processo de mão dupla entre sujeitos, que só terá significado e valor quando *crianças e professores, estiverem questionando, refletindo, refazendo, ouvindo, falando, agindo, observando, acolhendo e crescendo juntos.”

Josca Ailine Baroukh

De acordo com a Carta de Aula da Unidade de Aprendizagem 6, escrita pela professora Nilda “A **docência em movimento** pressupõe processos de transformação, alicerçados na *ação-reflexão-ação*”.

Ao longo de vinte e três anos de docência, a maior parte deles em sala de aula, sempre fui movida pela esperança de dias melhores, pelos abraços carinhosos, pelas lembrancinhas recebidas (desenhos, bilhetes, flores também aquelas tiradas nos jardins dos vizinhos ou no gramado da escola, pedrinhas encontradas na quadra de areia, entre outros...), pela alegria de

²⁴ Disciplina: Tópicos Contemporâneos em Docência. Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) da Universidade de Caxias do Sul.



minhas crianças quando percebem que estão conseguindo realizar os desafios propostos, ler e escrever as primeiras palavras... até chego a me emocionar, pois não há dinheiro que pague tamanha satisfação. Ah, as crianças!! Estar com elas é esquecer nossos próprios problemas e adentrar em um universo à parte, nem que seja por algum tempo.

Também, como já nos diz o ditado “nem tudo são flores”. Ao longo desse tempo, muitos desafios aconteceram, principalmente com meus adolescentes, palavras ásperas que muitas vezes me deixaram magoada, triste, descrente... a falta de comprometimento de alguns em querer aprender, em buscar o melhor, a falta de sonhos em acreditar que tudo é possível e a persistência para realizá-los, aconselhar ou orientar para o futuro e não perceber mudanças...

Minha trajetória como educadora sempre está alicerçada por ação-reflexão-ação. A cada dia surgem novos desafios, novos obstáculos que requerem novas ações, atitudes que, por sua vez, possibilitam novas reflexões, transformações, é o dinamismo que envolve a sala de aula, de forma ímpar e singular.

Ser docente nunca foi uma missão fácil, ser docente requer empatia, requer percepção em relação ao que acontece ao seu redor, ser docente é sair da escola, mas muitas vezes a escola não sair de você. Ser docente é estar em busca constante pelo saber. Muitas vezes, em sala de aula, ser docente é também ser um pouco pai, mãe, psicólogo...é, no meu ponto de vista, uma



das mais importantes missões, uma das mais lindas, apesar de todos os desafios...

O docente é, ao mesmo tempo, um sujeito (com suas características pessoais), um representante de uma instituição escolar (com direitos e deveres) e um adulto encarregado de transmitir patrimônio humano às jovens gerações (o que é uma função antropológica) (CHARLOT, 2005, p. 77)

Concordo com Carla Zanette, no vídeo apresentado, quando relata que ensinar é ter desejo, acreditar no outro, engajar-se com o ensino e a aprendizagem, estabelecer vínculos, indagar-se, considerar a realidade do aluno, ter conhecimento teórico-didático pedagógico e ter formação de qualidade.

Todos os itens citados precisam estar interligados: um depende do outro para que o todo aconteça, são indissociáveis. A aprendizagem de nossos educandos somente será possível quando todas essas partes se unirem e tornarem-se o manual do professor.

Para que o conhecimento se torne significativo, faz-se necessário que contemple a realidade dos educandos, tornando-se assim, protagonistas, sujeitos no processo, capazes de transformar o meio em que vivem. Para tanto, o professor deve conhecer o contexto em que os discentes estão inseridos para proporcionar atividades relacionadas a ele.

Para que o aluno se aproprie do saber, para que construa competências cognitivas, é preciso que estude, que se engaje em uma atividade intelectual,



e que se mobilize intelectualmente. Mas, para que ele se mobilize, é preciso que a situação de aprendizagem tenha sentido para ele, que possa produzir prazer, responder a um desejo. É uma primeira condição para que o aluno se aproprie do saber. A segunda condição é que esta mobilização intelectual induza a uma atividade intelectual eficaz. (Charlot, 2005, p. 54).

Em relação à formação docente, Freire (2017, p. 40) comenta que “[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

É preciso buscar constantemente o saber, pois a partir dele conseguimos melhorar nossa prática. E nós, professores, somos eternamente estudantes. Considero-me uma eterna aprendiz, nas minhas tentativas de acertos, acertei, mas, muitas vezes, também me equivoquei. O desejo pelo conhecimento sempre esteve comigo ao longo de toda a minha trajetória como estudante e também como docente.

Minha relação com o saber sempre foi e continua sendo muito intensa. Sempre participo de cursos de formação proporcionados pelas Secretarias de Educação Municipal e também Estadual.

Minha formação inicial foi o Magistério. Em seguida, cursei Letras- Português na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Após cursei duas pós-graduações em



Educação Inclusiva e em Supervisão, Orientação e Inspeção escolar. E, nesse momento, estou novamente ampliando meus conhecimentos desta vez, cursando Pedagogia.

Segundo citação de Freire, na dissertação de Mestrado de Isadora Alves Roncarelli, não há docência sem discência, quem ensina também aprende e quem aprende também ensina.

É preciso que, [...] desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (Freire, 2017, p. 25).

Não há professor sem alunos, tanto um quanto outro são imprescindíveis no processo de ensino-aprendizagem, ambos aprendem e também ensinam durante todo o período. No momento em que o docente forma o educando também é formado por ele, através das trocas de conhecimentos, dos vínculos estabelecidos entre si.



Balanços do saber

Lucas Zago²⁵

Não sei por onde começar, então vou por onde me lembro de ter sido a primeira vez que tomei ciência sobre o meu saber, provavelmente por volta dos meus 6 anos de idade, aprendi a ler e calcular, com uma facilidade que espantou os professores, mas, para os meus pais, nada anormal parecia acontecer.

Lembro de que no início das minhas aulas mais “complexas” (6º ano em diante) comecei a ter dificuldades com a escrita e fui levado a uma psicóloga, a qual só piorou meu caso por sua abordagem pseudocientífica. Tive muitos embates com meus professores nesta época, pois não conseguia acompanhá-los copiando do quadro, o que eu dizia ser inútil e desnecessário. Bobagem, eles diziam, eu era apenas lerdo mesmo.

No início da minha puberdade, por volta dos meus 11 ou 12 anos, comecei a perceber que algo de diferente dos meus colegas acontecia e por não ter a possibilidade do diálogo em casa e a falta de vontade dos meus professores em me ouvirem, demorei um tempo para descobrir sobre o que se tratava. Sempre gostei muito de jogos e por conta disso descobri a

²⁵ Disciplina: Tópicos Especiais em Educação. Programa Integrado de Licenciaturas da Universidade de Caxias do Sul.



influencer Bryanna Nasck, ainda antes dela transicionar seu gênero, então para mim foi o primeiro contato que tive com o que até então se colocava como um homem gay. Não descobri o que eu era até então e não me identifiquei nesta condição (muito provavelmente por conta da criação conservadora por parte de meu pai), mas por uma preocupação dela com seu público, me senti acolhido e aprendi muito sobre a comunidade LGBTQIAP+. Acompanhei-a em todo o seu processo, primeiro como pessoa não binário e após como uma mulher trans. Devo muito a ela por descobrir a existência do diferente e por me ensinar que isso era o normal.

Voltando à escola, sofri muito por estar sempre mais avançado que meus colegas, tirar notas boas nunca foi difícil para mim, a não ser que a nota viesse do caderno. Em certo ponto, por volta dos meus 13-14 anos comecei a me tornar uma atenção de meus colegas, pois aprendi com minha professora de educação física a jogar xadrez, o qual me tornei muito bom e cheguei a ficar em 21º lugar em um campeonato com mais de 150 participantes. Junto ao xadrez, descobri minha aptidão pela resolução de desafios e jogos de lógica e também me destacava muito em matemática, me tornando uma espécie de segundo professor para meus colegas.

No final do ensino fundamental comecei a fazer um curso de informática, o qual me mostrou uma das minhas paixões e também um curso de inglês, que além de uma nova língua, me



fez conhecer uma das minhas melhores amigas e a melhor professora que já tive e que conheço, a qual até hoje tenho discussões e motivações para continuar estudando a educação.

No ensino médio minha vida virou de ponta cabeça, escola nova, colegas novos e muitas coisas relacionadas a eles. Além da internet, foi a primeira vez que tive contato com pessoas não heteronormativas. Pela primeira vez fazia parte de um grupo, no qual eu era o único menino e com o contato com minhas amigas, principalmente a bi e a lésbica (vou chamá-las assim para não citar seus nomes), fizeram perceber a minha própria homossexualidade.

Houve dois episódios muito significativos neste primeiro ano de ensino médio. O primeiro foi um episódio de ameaça de agressão que meu pai fez a minha mãe, o qual me ensinou a não confiar nas pessoas, o que me traz grandes problemas até hoje; e o segundo foi que minha amiga Bi ficou grávida e com isso comecei a estudar a parentalidade e isso me fez ver o quanto meus pais foram ruins para mim em vários aspectos da minha vida.

No segundo ano do ensino médio tive professores muito ruins, tanto no quesito de relações interpessoais como na didática e conhecimento do conteúdo, o que foi o gatilho que eu precisava para ser professor, pois minha meta foi (e ainda é) ser melhor do que eles jamais poderiam conceber. Neste ano descobri também meu amor pela biologia e posteriormente pela



paleontologia, então todas as peças se encaixaram eu seria professor de biologia.

No último ano, com uma mudança de turmas, notei uma colega que tinha um livro “A Origem das Espécies” e me determinei a ser amigo dela e com um pouco de esforço e insistência consegui. Terminamos o ensino médio e fomos para a faculdade juntos. Ela sempre foi mais obstinada e se formou antes de mim, com láurea acadêmica.

Na pandemia, descobri um gosto pela astrofísica e pela aviação (inclusive tenho planos de me tornar piloto de aviões de pequeno porte na minha aposentadoria) que me levaram a história do desenvolvimento científico. Com a Covid-19 aprendi o quanto as pessoas ao meu redor podem ser influenciadas a agir de maneira imbecil por pensarem ser possível ser um sujeito apolítico, que me levou a ter interesse pela economia-política. Com as eleições de 2022 e meu interesse pela política, acabei descobrindo minha paixão pela história, a qual está no meu horizonte de formação. Neste contexto todo descobri o método materialista-histórico-dialético, que mudou a minha maneira de percepção do mundo.



Balanços na docência: um desafio a cada dia

Manila Pólo²⁶

Em cumprimento à atividade Balanços da Docência, na disciplina de Tópicos Contemporâneos em Docência, no Curso de Segunda Licenciatura em Pedagogia, fui convidada pela professora Dra. Nilda Stecanela a escrever sobre minha atuação como professora, refletindo sobre minha atuação e o percurso trilhado ao longo destes anos. Vamos começar pelo início: meu sonho de criança.

Quando criança sempre admirei meus professores, tenho muito respeito até hoje por todos os mestres que passaram pela minha vida escolar. Quando os vejo, lembro o quanto eu os idolatrava e ainda os admiro tanto. Um dos meus maiores orgulhos foi ter a oportunidade de trabalhar com meus antigos professores, não mais como aluna, mas como colega.

Decidi ser professora desde muito cedo, lembro de brincar “dando aulas” para meus alunos imaginários, com aproximadamente 6 anos, quando iniciei a trajetória escolar. Ao

²⁶ Disciplina: Tópicos Contemporâneos em Docência. Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) da Universidade de Caxias do Sul.



longo dos anos seguintes, durante minha infância e pré-adolescência tive outras vontades profissionais, mas sempre voltava a querer ser professora.

Ao terminar meu Ensino Fundamental, quis cursar magistério e surgiu minha primeira dificuldade: o impedimento financeiro. Para cursar magistério eu precisava pagar uma escola particular e o transporte, já que eu morava no interior de Flores da Cunha. No primeiro ano de Ensino Médio não foi possível fazer o curso normal, estudei em uma escola pública em curso regular. No segundo ano, com muito esforço, meus pais conseguiram pagar meu curso normal em uma escola particular. Foi uma grande realização.

Durante minha formação, tive a experiência de substituir professores em escolas próximas. Ainda lembro da emoção de ser chamada de “profe” pelas primeiras vezes.

Conclui o magistério e comecei a lecionar por contrato, quando surgiu a segunda dificuldade: mais uma vez financeira! Eu queria fazer faculdade, mas não podia pagar, além da mensalidade, havia o custo com materiais e transporte. Desta forma, comecei a trabalhar em empresas privadas, com funções variadas, mas não mais na docência. Era o preço necessário para poder pagar o curso superior.

Ao concluir minha primeira Licenciatura Plena, fiz concurso público e novas expectativas me encheram de esperança: ser nomeada! Já havia sido aprovada em um



concurso público logo que terminei o magistério, porém nunca fui chamada. A cena se repetiu por cinco vezes: aprovação no concurso público e não ser chamada... mas não desisti! Até minha nomeação ocorrer e me cobrir de entusiasmo!

A nomeação e a possibilidade de construir carreira no serviço público foram metas alcançadas e uma injeção de ânimo para aperfeiçoamento da minha profissão. Cursei três pós-graduações e hoje curso uma segunda licenciatura, além de diversos cursos/capacitações/formações das quais participei, sempre com o objetivo de melhorar minha prática docente.

Ao ingressar na carreira docente no magistério público experimentei um novo desafio: lidar com a necessidade constante de aprender.

A busca constante pela aprendizagem é uma força motriz que deve impulsionar todos os educandos. Não me refiro à aprendizagem no processo do aluno, mas sim na formação do professor.

Enquanto escrevo esse relatório, faço uma viagem no tempo em comparação ao meu Eu estudante, a professora que inicia sua carreira e a professora que sou hoje. Nessa reflexão, penso em quanto precisei inovar, buscar novas estratégias, novos recursos, novos métodos, novas leituras, novas buscas, poderia resumir em: o quanto me reinvento a cada ano letivo.

Essa reflexão lança luz a respeito das rupturas e continuidades percebidas nas minhas práticas de intervenção



pedagógica. Concomitante ao movimento na Educação, com novas pesquisas e novos conceitos, além da necessidade de adequar-se aos documentos legais e políticas públicas que regem a Educação Nacional.

Nessa construção percebo a necessidade de aprender novas formas de potencializar as ações de ensino e aprendizagem utilizando meios que motivem, que engajem os estudantes e que, sobretudo, façam sentido na Educação. É a docência em movimento, permeada pela busca incessante da reinvenção das práticas pedagógicas.

Do início do meu magistério até hoje, passaram-se quinze anos, hoje escrevendo esse relato refletindo sobre essa trajetória e tendo a certeza de que os desafios cotidianos do ambiente escolar nos desacomodam, nos motivam a sermos melhores, nos impulsionam a buscar e articular novos saberes.

Cito a frase da professora Dra. Nilda Stecanela (2012, p. 16): “Perguntas desafiam a produção de respostas, embora sempre parciais, no sentido de construir argumentos que contextualizem a escolha de um caminho ou de outro.” Ao longo desse percurso, aprendi que o professor deve ser um eterno pesquisador, na ânsia de sua curiosidade, deve interrogar-se constantemente e inovar-se.

A palavra reinvenção é uma companheira fiel do nosso caminho. Percebo o quanto precisei estudar, buscar novos conhecimentos teóricos e práticos para aperfeiçoar minha



profissão. Faço uso da premissa de Belocchio; Terrazan; Tomazetti (2004):

na compreensão de que o professor deve assumir sua profissão como uma atividade que além da resolução de problemas, através da aplicação de técnicas e de modelos aprendidos, exige a abertura para o novo, o singular, ou o impensado. O professor deve exercer sua análise clínica, seu talento artístico, a reflexão na ação. Supõe a compreensão de uma epistemologia da prática do ponto de vista da reflexão.

Intitulei esse texto com o pressuposto de um desafio a cada dia e explico o porquê: pondero minhas expectativas iniciais, quando criança; perpasso pelos meus anseios no início da carreira profissional; considero minha atual esperança hoje, depois de anos na sala-de-aula e culmino com o balanço na docência: ser professor no cenário atual é uma inquietude constante, é atender ao chamado da nossa essência, a de servir à Educação. É permitir o desafio do crescimento. Ser professor não é estar em um conto de fadas onde tudo tem um final feliz, ser professor é buscar esse final feliz. Ser professor, na contemporaneidade, é se permitir a inovação, a reinvenção e a reconstrução constante das práticas pedagógicas.



Balanços da docência: os desafios da contemporaneidade e minha trajetória no desafio de ensinar inglês ou em inglês

Marina Belló dos Santos²⁷

Muito se fala sobre o ser docente na contemporaneidade, e, na minha percepção, isso se dá por conta dos diferentes desafios e demandas encontradas atualmente no que diz respeito à atuação do professor, uma vez que a educação é influenciada por diferentes fatores sociais, culturais, políticos e tecnológicos. O educador precisa estar preparado para lidar com essas complexidades e ser capaz de articular as questões do mundo atual com os objetivos educacionais.

Entre as principais características do docente na contemporaneidade, destaco aqui a importância da formação continuada, da atualização constante, da reflexão crítica sobre a prática pedagógica e do uso das tecnologias como ferramenta de apoio ao processo de ensino e aprendizagem. Além disso, julgo importante enfatizar a necessidade de que os professores

²⁷ Disciplina: Tópicos Contemporâneos em Docência. Programa de Segunda Licenciatura da Universidade de Caxias do Sul.



estejam atentos às questões de diversidade, inclusão e direitos humanos, para que possam promover uma educação mais democrática e plural.

Penso ainda que o professor precisa estar aberto e preparado para lidar com as provocações de uma sociedade que está em constante transformação, por isso a formação docente assume um papel de extrema relevância. Conforme Belocchio (*et al.* 2004, p.27), "Não se pode mais pensar na formação docente deslocada de espaços reais onde se efetiva as trocas entre ensinar e aprender, seja esses espaços da escola ou outros espaços educativos". E, com isso, me permito fazer uma relação com minha própria experiência, pois hoje em dia, atuo na coordenação de uma escola bilíngue, com metodologia canadense, seguindo um modelo de educação que ainda está em processo de descobrimento pela comunidade da Serra Gaúcha. Porém, os professores que atuam em escolas como essas necessitam além da formação pedagógica, a proficiência de outra língua, que no caso dessa escola é a língua inglesa, ou seja, a formação do docente para essa realidade escolar ultrapassa o que é de fato trabalhado nas universidades, pois geralmente, o discente de pedagogia, não necessariamente precisa dominar uma segunda língua.

Portanto, concordo que

"A exigência de um professor profissional, atualmente supõe um novo tipo de formação inicial, não mais calcada unicamente no



conhecimento teórico, no conhecimento cultural e na ideia de que a prática profissional competente deriva do domínio da ciência básica e de técnicas e métodos para sua aplicação". (Bellocchio *et al.* 2004, p.27)

Da mesma forma que é necessário pensar em como fazer essas mudanças para que no futuro não enfrentemos os mesmos problemas, é preciso pensar em soluções e alternativas palpáveis de forma instantânea para o momento que nos encontramos, e acredito que a melhor maneira de fazê-lo seja de fato motivar os professores para que busquem por atualizações e formações continuadas e que ainda assumam o papel de um professor profissional, que conforme Bellocchio (*et al.* 2004, p.28), só pode ser assim considerado quando "se concebe como detentor de saberes profissionais; quando é capaz de analisar e reconstruir sua prática de modo crítico e compartilhadamente", ou ainda quando,

"compreende e analisa as suas práticas educativas, como articula saberes da docência no seu ato de ensinar; como reflete na ação, diante do inesperado, do desconhecido que constitui grande parte de sua atividade e como reflete sua prática educativa distanciado do dia-a-dia na busca por novas possibilidades de agir no ensino." (Bellocchio *et al.* 2004, p.28)

Em relação à minha prática docente, acredito estar em consonância com esses movimentos de busca por atualizações e práticas reflexivas da minha própria atuação. Vejo-me como



alguém que nunca deixa de aprender, "*a lifelong learner*", tanto por conta de estar em constante diálogo com alunos e construindo saberes junto deles quanto porque fora da sala de aula também se faz necessário a pesquisa e interesse por novas técnicas, metodologias, informações e questionamentos para o aprimoramento da prática docente. Estou sempre em busca de novos recursos e aprendizagens que eu possa compartilhar em sala de aula ou ambientes educacionais incentivando que ampliem também seu próprio repertório, afinal, como bem ressalta Rios (2008 p. 13) "Se sou professora, pesquiso para ampliar meu saber, sim, mas também para ampliar a qualidade da partilha que faço desse saber com os alunos."

Considero-me, ainda, uma mediadora e facilitadora dos processos de construção de conhecimento, incentivando a participação ativa dos alunos e promovendo o diálogo entre eles. Rios (2008) nos fala sobre o processo de ensino como forma de criar cultura em conjunto (alunos e professor juntos), desse modo entendemos que o papel do professor perpassa por atitudes divergentes do que conhecíamos ou vivenciamos no passado quando imaginávamos que o professor sabia tudo e era o único detentor do conhecimento e que só o que ele "ensinava" era aceitável. Agora dentre inúmeras funções que tem, o professor precisa criar espaços de diálogo, em que os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem interajam de forma ética



e respeitosa possibilitando a formação de indivíduos que estejam preparados para uma vida em sociedade.

Tendo minha vivência e experiência por doze anos na educação, são vários os momentos que me marcaram e que até hoje me emocionam. Sempre digo que nada no mundo supera a felicidade de um professor ao perceber o brilho nos olhos da criança que descobre o mundo com as próprias mãos. Mas trago aqui uma mudança de pensamento minha em relação à aquisição do inglês, depois de algumas experiências como professora de inglês em escolas regulares.

Quando iniciei minha trajetória como professora, tinha em mente que, por conta da minha frustrada experiência com a língua inglesa na escola durante a minha infância, meu maior dever era tornar as aulas atrativas para que os alunos se sentissem motivados a buscar, fora da escola, um curso de idiomas, tendo em vista que geralmente as escolas dispunham de poucos períodos para a aquisição de língua estrangeira de forma efetiva. Porém, depois da oportunidade de saber mais sobre a educação bilíngue, de estudar sobre e ainda poder lecionar a partir de uma metodologia por imersão, pude perceber que as escolas poderiam sim valorizar tal forma de ensino e proporcionar um ambiente no qual crianças pudessem desenvolver a habilidade de comunicação numa segunda língua.

Com isso, minha trajetória educacional sofreu uma grande mudança, pois passei a não mais me contentar apenas



com o “tornar a aquisição de língua inglesa atrativa”, mas a lutar por um ambiente favorável à aprendizagem efetiva da língua. Houve um episódio na minha caminhada, no qual coloquei para uma coordenadora meu pensamentos e propósitos para a promoção de um aprendizado de língua, porém, a escola não poderia atender às mudanças que eu propunha e ela, em retorno, me disse que sentia muito por não poder me atender, que gostaria que todos os professores tivessem a coragem que tive e vontade que eu demonstrei em mudar a forma de educar, mas que infelizmente era muito raro. Depois dessa situação, busquei apenas oportunidades onde eu pudesse enxergar o brilho nos olhos das crianças que aprendem realmente a língua, independentemente da metodologia aplicada, mas que consigam e que eu perceba que o meu aluno está desenvolvendo habilidades e competências para comunicar-se em inglês.



Balanços da docência: os desafios dos profissionais da educação na contemporaneidade

Moara Galante²⁸

Ser docente na contemporaneidade implica se desafiar, ensinar, construir conhecimentos com os alunos, compartilhar informações, instruir, corrigir, apresentar caminhos e possibilidades. Para realizar essa tarefa, é necessário aprender a ensinar num movimento constante, pois o saber não é estático, as demandas educacionais não são as mesmas ao longo dos anos.

Pegando emprestado as palavras de Manoel de Barros, é necessário alimentar a ideia de que a maior riqueza do homem é a sua incompletude e partindo desse pressuposto não podemos ficar parados na nossa zona de conforto. Diante disso, apresento no meu estudo os principais desafios, angústias e inquietudes que perpassam as salas de aula nos dias atuais, as quais enquanto docentes precisamos enfrentar diariamente.

²⁸ Disciplina: Tópicos Contemporâneos em Docência. Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) da Universidade de Caxias do Sul.



Vivemos na era da informação, a sociedade do século XXI busca uma educação que vise formar para a autonomia, despertando nos alunos a curiosidade e a criticidade de modo que esses aspectos contribuam para a formação de um indivíduo responsável, independente e acima de tudo cidadão, que cumpra seus deveres e lute pelos seus direitos sempre atendendo as necessidades impostas pelo período atual.

Segundo Gadotti (2000), o conhecimento tem presença garantida em qualquer projeção que se faça do futuro. É por isso que há um consenso de que o desenvolvimento de um país está condicionado à qualidade de sua educação. Por isso, hoje, os educadores têm inúmeros desafios a serem superados, e um destes consiste em estimular o jovem para a aprendizagem.

É comum que nos corredores se escutem comentários negativos vindos dos alunos, como por exemplo, “o professor não tem didática, não entendo nada do que ele fala, ele nem sabe passar o conteúdo, sua aula é chata e parada, não sabe fazer nada além de ler os slides, fala muito rápido”, entre outros comentários que fazem parte da fala dos estudantes. Esses são exemplos que exigem uma reflexão por parte dos educadores e cabe nos questionarmos: qual é o papel do professor na era contemporânea? Com quais desafios esses profissionais se deparam no dia a dia da sala de aula?

Primeiramente pode-se destacar que a escola necessita ser um lugar mais atraente para cativar o jovem que convive com



a comunicação e o entretenimento. O ambiente educacional não pode seguir o modelo tradicional, funcionando como uma espécie de depósito de alunos entediados, onde os professores privilegiam o ensino transmissivo, como dizia Paulo Freire (2007), o professor finge que ensina e o aluno faz de conta que aprende. Quando isso ocorre temos situações de desrespeito e por vezes também de violência. Os alunos tentam, através de seus atos, se manifestar mostrando que não era isso que pensavam encontrar na escola, por isso não colaboram para o bom andamento das aulas e os professores se sentem desmotivados, Catrogiovanni, 2007, pg. 44, afirma:

O ensino [...] deve ser acima de tudo desafiador, capaz de despertar o interesse dos alunos para a resolução dos problemas que a vida apresenta. Hoje na chamada pós-modernidade, a escola deve proporcionar os caminhos necessários para que os sujeitos/alunos possam compreender o cotidiano, desenvolvendo e aplicando competências. Para que essas mudanças ocorram, os professores e a instituição da escola, na sua complexidade, devem estar comprometidos com o que chamamos de “fazer sociedade com cidadania”. A escola deve provocar o educando para conhecer e conquistar o seu lugar no mundo em uma teia de justiça social. Parece ser simples, mas é no mínimo desafiador, como toda prática pedagógica [...]. Os adolescentes apresentam, como forma de resistência, um certo grau de ironia, e, até, de agressividade. O desinteresse dos alunos deve ser combatido com temas atuais, e pode-se procurar identificar as características do grupo para envolvê-lo [...].



A desmotivação dos professores também é um grande desafio da sala de aula e isso se dá por diversos motivos. Hoje o nosso país não dá a devida importância à educação. Toda vez que a própria mídia fala de um professor o que mostra aos espectadores é a imagem de um indivíduo sofrido, descabelado, triste e, na maioria das vezes, só dá ênfase aos entrevistados que retratam o lado ruim da profissão. As más condições de trabalho são sempre frisadas, desde o atraso do salário até o desrespeito que sofre na sala de aula. É como se a mídia rotulasse os professores, por isso, não é de se surpreender que os alunos os desrespeitem, afinal o que lhes é transmitido reflete o olhar que a comunidade tem desses profissionais, como se buscassem manifestar o que a sociedade pensa sobre eles.

Fator importante de ser ressaltado, e também intrigante, é que não somente a mídia transmite essa ideia de desvalorização. Infelizmente os próprios professores contribuem para a construção dessa imagem. Em primeiro lugar, sempre reclamando do salário, em segundo lugar, fazendo postagens de tirinhas, piadas, músicas e imagens que lhe desvalorizam ainda mais nas redes sociais, como a imagem a seguir que é frequentemente postada nas redes sociais (figura 1).



Figura 1- O professor na segunda-feira e na sexta-feira



Fonte: O professor na segunda e na sexta-feira.

Disponível em: www.dinilso.blogspot.com. Acesso 11 abril de 2023.

No caso exemplificado os professores esquecem que seus alunos acessam as redes sociais frequentemente e não pensam sobre o que eles imaginam ao ver o próprio professor compartilhando situações que o desmerecem cada vez mais. Afinal, se fizermos uma análise, não é comum vermos médicos, advogados ou engenheiros publicando esse tipo de imagem.

Também faz parte dos desafios de ser educador, a carga horária elevada, os professores lecionam em mais de uma escola e disciplinas para as quais não são habilitados, além disso temos situações de profissionais que trabalham sessenta



horas semanais o que faz com que o tempo para preparar as aulas seja curto e então para dar conta acaba utilizando o livro didático como única estratégia de ensino, deixando de lado práticas diferenciadas que aguçam a vontade de aprender dos alunos e assim não são bem recebidos na sala de aula.

Outro desafio enfrentado atualmente é a violência no ambiente escolar (figura 2). Os pais não estabelecem limites aos filhos, muitas vezes se preocupam demasiadamente com o trabalho e acabam deixando a educação das crianças de lado. Na escola esses alunos se acham no direito de fazer o que estão acostumados em casa e cabe aos professores tentar contornar a situação que na maioria das vezes ao fazê-lo não são respeitados, afinal, filho que não tem limite e não respeita os pais, provavelmente não demonstrará respeito na escola.



Figura 2- Violência na escola



Fonte: Violência na escola Disponível em: www.arionaurocartuns.com.br.

Acesso 11 abril de 2023.

Para ilustrar as inúmeras situações que estão sendo destacadas ao longo deste texto, a seguir transcrevo integralmente o depoimento de uma professora da rede estadual de ensino, no qual faz um desabafo em relação ao sistema educacional:

“Penso que todo sistema de ensino deveria ser reformulado. O aluno tem desinteresse, mas a escola está anos-luz atrasada em relação ao que ele tem disponível extra-muros. Nós, professores, nos sentimos de mãos atadas. Pouco tempo para planejamento, falta de recursos e instrumentos, pressão por resultados, perda de autoridade (não



no sentido de ter o poder de punição, mas no sentido de sermos respeitados e valorizados como profissionais). Além disso, faltam políticas públicas duradouras e realistas de educação. A cada governo devemos esquecer as tentativas de melhoras do governo anterior. Não nos questionam sobre o que pensamos ou quais são as nossas sugestões. Criam novas fórmulas, mas não nos qualificam para pô-las em prática: as escolas e os professores que deem um jeito. Em qualquer outra atividade, na ausência do profissional qualificado, suspende-se o trabalho. No magistério, nós temos que dar um jeito de substituir. Isto nos é imposto: ou é assim ou fica excedente; então não tem outra escola próxima, e nós temos família, contas a pagar, que sobreviver... Por outro lado, sinto falta de atualização e de uma qualificação melhor. Mas, morando no interior, fica difícil. Os bons cursos tornam-se praticamente inacessíveis. Há muitas coisas por aí, mas que, de fato, não nos qualifica, não nos melhora como profissionais. Apesar do desabafo, eu ainda acredito na minha profissão. Tenho a esperança de que tudo pode melhorar. Ainda tenho dentro de mim aquele mesmo sentimento do primeiro dia em pisei numa sala de aula como professora: que com o meu trabalho ajudaria a transformar o mundo num lugar melhor para todos.”(Marly Giombelli, 2013).

O depoimento acima enumera os problemas do sistema educacional de forma bastante crítica e o mesmo reflete que ser professor hoje não é uma tarefa qualquer. Na escola nos deparamos com diversas situações, cada aluno vem de famílias diferentes e manifestam inúmeros comportamentos, cabe ao professor controlar e pensar em estratégias para isso, afinal,



nenhum ser vem com manual de instrução explicando o que deve ser feito de acordo com as atitudes apresentadas.

Ao almejarmos mudanças para o sistema educacional é necessário levar em conta que a educação contemporânea precisa ser revista também pela sociedade civil e órgãos do Estado, mas acima de tudo, pelos professores. Dizer que a educação está em crise só faz reforçar as características dessa crise. É a partir disso que precisamos refletir sobre o sistema educacional.

Os profissionais da educação precisam ser vistos como seres humanos importantes, merecedores de orgulho e acima de tudo valorizados. É comum ouvirmos que a mudança ocorrerá através da educação, mas, para isso, será necessário deixar de lado a obtenção de metas estatísticas, cuja única preocupação é o conformismo frente às determinações do processo de globalização. Santos, 2001, p 147-148, coloca:

Uma outra globalização supõe uma mudança radical das condições atuais, de modo que a centralidade de todas as ações seja localizada no homem. Sem dúvida, essa desejada mudança apenas ocorrerá no fim do processo, durante o qual reajustamentos sucessivos se imporão. Nas presentes circunstâncias, a centralidade é ocupada pelo dinheiro, em suas formas mais agressivas, um dinheiro em estado puro, sustentado por uma informação ideológica, com a qual se encontra em simbiose.[...]. Dessa forma, estarão assegurados o império da compaixão nas relações interpessoais e o estímulo à



solidariedade social, a ser exercida entre o indivíduo e a sociedade e vice-versa e entre a sociedade e o Estado, reduzindo as fraturas sociais, impondo uma nova ética, e, destarte, assentando bases sólidas para uma nova sociedade, uma nova economia, um novo espaço geográfico. O ponto de partida para pensar alternativas seria, então, a prática da vida e a existência de todos.

Enfim, os desafios encontrados são muitos, e um fator está relacionado ao outro. Temos a desmotivação dos professores como foi colocado anteriormente, que vem a partir das diversas situações enfrentadas na sala de aula, com isso os professores não se animam a preparar aulas atrativas ou muitas vezes a própria escola não disponibiliza instrumentos para isso, seja em termos de infraestrutura e até mesmo de tecnologias. A partir disso, o ambiente escolar acaba se tornando violento e desagradável de conviver. Os pais estão cada vez mais ausentes na educação dos filhos e quando são chamados à escola, acabam protegendo as atitudes dos filhos, mesmo sabendo que os professores estão chamando atenção para corrigir tais condutas (figura 3).



Figura 3- Pais protegendo os filhos



Fonte: Que notas são estas?

Disponível em: metaphv.blogspot.com/2011/04/v-behavioururldefaultvml.html. Acesso 11 abril de 2023.

Para alcançarmos as mudanças almejadas, a sociedade como um todo precisa se mobilizar e se envolver, não basta ficar passando a culpa adiante, dizer que não há mais o que fazer não é desculpa, pois quanto antes tentarmos mudar esse sistema, mais cedo colheremos os frutos, pois acima de tudo ainda acredito que é pela educação que conseguiremos superar esses desafios.

Enquanto educadores temos a tarefa de estimular os alunos, ajudando-os a transformar a curiosidade existente em cada um em um esforço cognitivo e a passar do conhecimento confuso, fragmentado, a um saber organizado e preciso (Haydt, 2011).



Frente a todos esses apontamentos ao longo da escrita, finalizo com uma reflexão de Paulo Freire onde diz que é preciso ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar, e esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo, é ter coragem de criar expectativas positivas, relacionar-se com o ensino no cotidiano escolar, evocar nossos desejos, medos, anseios, inquietudes e incertezas para seguir alimentando o alicerce da educação como eternos aprendizes.



Balanços do saber: quando um professor vai além de ensinar

Monique Baltazar²⁹

Em um momento, entramos na escola, estamos lá; no nosso primeiro dia de aula, com um nervosismo desconhecido, uma ânsia do novo, medo do que vai ocorrer ao soltar a mão das nossas mães e, enfim, entrarmos naquela sala, onde todas as outras crianças compartilham do mesmo misto de emoções. A gente realmente não sabe do que está por vir, uma, porque nunca estivemos lá, e outra, por sermos crianças, e na verdade, por não sabermos de muito quando o assunto é futuro.

E em um outro momento, eu estou em outra sala de aula, anos depois, estudando longos semestres para que me prepare para entrar em outra sala de aula, sentindo o mesmo misto de sentimentos, todos os sinônimos de “nervosismo” possíveis... Mas agora é diferente, porque o medo é de entrar em sala de aula em uma posição diferente, não mais como aluno, não mais em uma das classes de frente ao quadro, não mais quieta e atenta, não mais prestando atenção na aula, mas sim, ministrando a

²⁹ Curso - Tópicos Contemporâneos em Docência Programa de Segunda Licenciatura da Universidade de Caxias do Sul – O Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR).



aula. Parada ao lado do quadro, pois serei eu quem vai escrever nele. Sentada na única mesa que está ao contrário das outras, pois agora as classes são ocupadas por outros alunos, bem mais jovens do que eu. Agora sou eu que falo, sou eu que dito a matéria, sou eu que preciso prender a atenção daqueles alunos. Porque eu sou a professora.

O quão estranho é ser um professor?

Viver a vida rodeado de diversos professores, conhecer diferentes formas de ministrar uma aula, odiar alguns, amar outros, ser lembrado por alguns, esquecido por outros... E de repente, mudar a posição de forma que eu sou o professor? Não sei dizer, porque ainda não me formei, ainda não entrei em sala, ainda não tive que ser o professor.

E quanto mais eu penso que não vai demorar, mais ansiosa fico, porque de fato, compartilho dos mesmos medos da maioria dos demais estudantes da licenciatura; o medo de falhar, de não ser um daqueles professores amados, de não conseguir partilhar o conhecimento construído por longos anos de jornada, de não saber cativar os alunos, bem como vimos os professores ao longo da nossa jornada nos cativarem.

Todo mundo tem um professor que sempre vai ser lembrado. Quando, ao escutar a palavra “professor”, remeter-se a alguém específico, você sabe que aquele professor marcou sua vida, de alguma forma ou de outra, foi importante.



Quando eu estava na quarta-série, e começamos a escrever as redações, quando cada um tinha seu respectivo caderno de redação, descobri que realmente tinha um apreço por criar histórias, por contar histórias, por repassar histórias, por escrever.

As aulas de redação costumavam ser minhas preferidas, eu esperava ansiosamente por aquele curto período na semana em que receberíamos uma folha com, geralmente, uma sequência de três figuras, e tínhamos que dar um jeito de fazer com que conseguíssemos criar uma história com início, meio e fim com aquelas figuras.

Gostava tanto de escrever, que sempre fazia histórias maiores do que deveriam. Não gostava de lê-las para a turma, mas gostava que a professora lesse ao corrigir, gostava da forma que ela me entregava o caderno de volta, ainda que com a minha letra quase que incompreensível, ela lia tudo, me dava uma estrelinha no caderno e, uma das vezes, ela me perguntou se eu gostaria de ser escritora no futuro, pois levava jeito. Ela me disse que minhas histórias sempre tinham seu começo, meio e fim, que era o básico exigido.

Naquela época não soube o que responder... Escritor realmente é uma profissão, afinal? Mas disse que sim. Ela me disse que quando eu escrevesse um livro, independentemente quando fosse, era para eu lhe mostrar.



O ponto de tudo isso? O ponto é o quanto esta professora teve uma grande influência, ao dizer tão pouco, apenas elogiar só mais um dos muitos alunos, só por notar uma habilidade, por notar o gosto de um aluno por algo dentro do ambiente escolar, identificar, demonstrar. O quanto uma coisa tão pequena, no final das contas, até hoje tem uma grande influência na minha vida. Porque eu nunca esqueci.

Talvez se nunca tivesse escutado que levava jeito, nunca realmente tivesse criado gosto pela escrita.

Hoje, sempre que me lembro disso fico nostálgica. Porque hoje, eu realmente sou apaixonada pela arte da escrita, por contar histórias, por me expressar através dos versos, das estrofes, das linhas, dos parágrafos, de cada uma das letras que escrevo.

Porque com o passar dos anos, participei de concursos, editais, escrevi longas histórias em sites de “fanfics”, histórias que tiveram audiência, que tiveram leitores, que tiveram comentários, acessos e elogios. Porque a escrita tem um espaço de importância na minha vida que eu não sei medir.

Ano passado, finalizei um projeto de escrever, de fato, um livro. Não o publiquei ainda. Nem sei se um dia vou. Mas com certeza se algum dia publicar, eu vou dar um jeito de entregar um exemplar para a professora Mara, que me deu aula em 2011, e que plantou uma sementinha na minha cabeça, que ninguém antes tinha plantado.



Na vida, tudo é um efeito borboleta, coisas pequenas podem ter grandes influências no futuro. E onde a importância do saber entra nisso tudo?

Entra exatamente aí. Em saber como ser um professor, além de ser um professor. Como ir além, como fazer a diferença.

Ser professor para mim, é mais do que “transpassar” o conhecimento, é ser um mentor, é se fazer presente além do que a pessoa ao lado do quadro, é realmente cativar, mais do que prender a atenção. É enxergar os olhos de cada um dos alunos sentados à frente, mais do que suas escritas nas provas. É ouvi-los além do que a matéria os permite falar.

Ser professor, exige muito mais do que a gente aprende. E essa é a importância do saber... Do saber ser um professor.

Não sei se é possível que realmente nos ensinem como sermos um desses professores que os alunos lembram até a fase adulta, mas tenho certeza de que se for, isso não é algo que está escrito em algum lugar e que possa ser pesquisado. O maior exemplo de como ser um professor, está nos professores que tivemos ao longo da nossa vida.

Aqueles que nos viram, aqueles que nos escutaram, aqueles que fizeram com que nos sentíssemos capazes... Esses são os professores que, nós, futuros professores, temos como reflexo para tentarmos ser da mesma forma, e passarmos a mesma importância para os nossos futuros alunos.



Passamos cerca de 14 anos dentro de uma escola. Anos estes, em que a nossa cabeça está se formando, se desenvolvendo. O quão importante vai ser no futuro, escutar uma palavra boa, um conforto, sentir-se seguro, sentir-se importante, sentir-se capaz, sentir-se hábil, ser visto, ser notado, ser reconhecido, em qualquer pequeno momento durante qualquer momento destes 14 anos?

Os professores sabem o quão importante é. Os bons professores realmente sabem como é.



Balanços da docência: será que sou professora?

Raquel Zulianelo³⁰

Desde que iniciei os estudos da Semana 6, muito me questionei sobre o que me forma enquanto professora – até mesmo me questionando se, de fato, sou professora – até compreender, enfim, que tudo que vivi e vivo me compõe enquanto pessoa, portanto, consequentemente me forma como professora e influencia em minha prática docente, bem como na minha busca por saberes. Por isso, selecionei algumas vivências que mais me marcaram em minha formação e prática, que falarei a seguir. Antes disso, somente para contextualizar: sou formada em Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade Federal de Santa Maria, mesma universidade em que cursei Pedagogia por dois anos, curso em que estou concluindo agora na UCS.

³⁰ Disciplina: Tópicos Contemporâneos em Docência. Programa de Segunda Licenciatura da Universidade de Caxias do Sul.



1. A experiência em uma universidade pública

A decisão de ser professora, tomada aos 16 anos, veio acompanhada de outra: estudar em uma universidade federal. Eu sabia que não seria fácil concorrer à vaga nem mesmo me manter na universidade, considerando que meus pais não teriam condições financeiras de arcar com todos os custos de morar em outra cidade estudando em turno integral. Mas eu sabia que eu daria um jeito, e isso foi graças às políticas públicas de assistência estudantil. Sempre faço questão de mencionar isso: fui aluna de uma federal e recebi ajuda enquanto aluna cadastrada no Benefício Socioeconômico da universidade. Pontuo porque isso foi crucial para a formação de minha personalidade e foi o início de minha vida adulta, me proporcionando um grande crescimento pessoal.

Durante cinco anos, morei na maior Casa do Estudante da América Latina, dentro do campus da UFSM, dividindo meu cotidiano com mais de 2 mil estudantes de todo o Brasil – isso, por si só, já proporciona um enorme repertório de vivências que entram comigo quando atuo em uma sala de aula. Além disso, participei de diversos eventos acadêmicos e movimentos estudantis e populares, além de ter sido bolsista de trabalho, de iniciação científica, do Pibid e do Residência Pedagógica. Estudar e morar em uma universidade pública me permitiu interpretar e atribuir sentido ao mundo de forma distinta da que tinha antes,



contribuindo diretamente na minha relação com o saber e na minha visão de educação. Afinal, “compreender a educação, em sua ampla dimensão, pressupõe concebê-la como um processo cultural, social e constituinte do ser humano” (Charlot; Zanette; Stecanela, 2022). Conheci subjetividades e individualidades e percebi como isso está presente nos estudantes que encontramos todos os dias, me fazendo ser mais crítica com o que ensino e com o que aprendo, procurando atribuir sentido no processo de ensino-aprendizagem principalmente para os alunos, que devem ser os protagonistas do processo.

2. Estágios na Educação de Jovens e Adultos

Em dois estágios obrigatórios, cada um referente a uma graduação, optei por estagiar na Educação de Jovens e Adultos. Em 2019, no curso de História, realizei meu estágio de Ensino Fundamental em uma escola da periferia de Santa Maria, muito próxima de pontos de entrega de drogas, portanto, essa realidade perpassava pelo cotidiano da comunidade escolar. Já em 2022, enquanto estudante de Pedagogia da UCS, cumpri meu estágio de Anos Iniciais no colégio Presidente Vargas, na Etapa II da EJA, turma formada por estudantes trabalhadores recém alfabetizados.

Influenciada por Freire, eu acredito que os alunos são formadores de seu conhecimento e que, como professora, meu papel é auxiliar nesse processo de ensino-aprendizagem, não



sendo “dona da verdade” e, nas experiências citadas, eu vivi isso de forma muito nítida. Penso que talvez, por serem adultos, os estudantes conseguem expressar seus saberes com mais facilidade, considerando que tem uma linguagem distinta da infantil e mais aproximada da professora. De qualquer forma, a autonomia na construção do conhecimento dos alunos que presenciei nesses estágios me deixou fascinada e foi um momento que me senti muito competente enquanto professora por ter conseguido colocar em prática essa questão que creio ser central na formação docente, a prática educativo-progressiva em favor da autonomia do ser dos educandos, assumindo um entendimento dos estudantes como sujeitos do saber, constituindo seu conhecimento a partir de duas experiências prévias, de suas relações com o mundo que os cerca, conforme aponta Carla Zanette em sua tese.

3. Atuação na Educação Infantil

Minhas experiências de docência foram desenvolvidas em estágios e em projetos como Pibid e Residência Pedagógica, com exceção de uma. Durante 1 ano e meio, atuei como professora de berçário em uma escola particular em Caxias do Sul. Ingressei na escola sem conhecimento das rotinas de uma escola de educação infantil, e logo pensei que “dar conta” sozinha de seis bebês seria o mais difícil, todavia, não demorou para eu perceber que isso não seria o maior problema. Minha maior



difficuldade foi lidar com o “ser professora” como um emprego – afinal, foi meu primeiro emprego formal –, resultando em uma grande decepção com a realidade do magistério. Apesar de ter sido um curto período, foi muito intenso e conturbado, pois em diversos momentos me deparei com situações que considero injustas e, de diversas formas, procurei buscar meus direitos e os das crianças.

Em sua dissertação, Isadora Roncarelli aponta que, muitas vezes, as professoras são “obrigadas” a ignorarem suas dimensões reflexivas. Isso ocorreu comigo e, mais do que isso, fui incentivada a abdicar de valores que acredito e normalizar situações que não acho justas. É óbvio que por diversos motivos – tempo, estrutura, falta de auxílio, demandas burocráticas, etc. – eu não tive a capacidade de entregar às crianças tudo que eu considerava que elas precisavam; apesar de compreender não ser minha culpa, sentia que não estava cumprindo meu papel da melhor maneira. Foi triste e traumático quando me dei conta de que, nos moldes do “ser professora” atuais, as crianças não recebem tudo o que precisam. Identifiquei-me muito com os relatos colhidos pela professora Isadora em sua tese, quando fala do adoecimento psicológico das professoras e, infelizmente, compartilho dessa situação.



4. E agora, eu sou professora?

A experiência citada no tópico anterior é recente, faz apenas dois meses que me desliguei da escola. Como falei, foi um período que, apesar de ter me proporcionado muito aprendizado, foi traumático e extremamente difícil. Por isso, pelo meu bem-estar, optei por me afastar da função de professora de educação infantil por um tempo. Desempregada, passei a procurar outras oportunidades na área de educação, como educadora social – função que tenho muita vontade de desempenhar –, mas não consegui. Não atuando, mas tendo formação, muito me questiono: “eu sou professora?”. Há alguns dias, preenchendo um cadastro, fui questionada sobre minha profissão, e hesitei em responder, pensando até mesmo em falar “indefinida”. Indefinida é, talvez, como venho me sentindo em relação à docência: uma crise de identidade, muito bem pontuada na tese de Roncarelli. Não considero largar definitivamente o magistério, inclusive sigo participando de concursos e processos seletivos; acredito ser apenas uma fase em que me encontro, mas que achei necessário relatar aqui, porque é o entendimento que estou tendo da profissão no momento: turbulenta, desafiadora, desvalorizada.

Pensei que seria mais produtivo encerrar essa escrita sem conclusão, adicionando uma questão: somos professoras só quando estamos em sala de aula? Mas, então, percebi que o



encaminhamento para a resposta está nos materiais disponibilizados, quando é tratado por Roncarelli sobre o termo “pessoa-professor”, e concluo: não deixo de ser professora por ser uma pessoa com anseios e angústias e vice-versa. Não poderia me declarar como professora simplesmente por ser formada em uma licenciatura, mas acredito que, por minha personalidade, transpassar pela docência e meu desejo é estar em sala de aula aprendendo e ensinando, sim, sou professora. Sou uma professora que está vivendo o “fantasma do medo que se faz presente na docência” (ZANETTE, 2019), mas não posso permitir que meu medo me mobilize.



O pensar docente

Tatiane Dias Gomes³¹

Quando me pedem para refletir sobre a docência, é inevitável não trazer à memória minhas primeiras experiências com alunos, ainda no estágio da licenciatura em Ciências da Natureza, em tempos de pandemia da Covid-19. Para um estudante de qualquer licenciatura, o estágio é um momento muito desafiador, requer criatividade, habilidade e capacidade para transformar toda a teoria em prática pedagógica. Claro, para mim não foi diferente, passei os três primeiros anos da graduação imaginando como seria chegar em uma sala de aula dos anos finais do ensino fundamental.

Iniciei a graduação em Licenciatura em Ciências da Natureza em 2017, e no final de 2019, já ansiosa, acertei todos os detalhes para começar o estágio no ano letivo de 2020. Na ocasião, o estágio seria em duplas e eu me concentraria, principalmente, na parte que diz respeito à educação inclusiva. Por sorte, consegui me colocar numa escola que é referência em educação inclusiva, situada no município de São Leopoldo/RS.

³¹ Curso - Tópicos Contemporâneos em Docência Programa de Segunda Licenciatura da Universidade de Caxias do Sul.



Essa oportunidade seria um momento ímpar para mim, como futura professora, pois a prática pedagógica, no que diz respeito a inclusão, é de excelente qualidade. Contudo, mesmo com tudo planejado organizado, tem coisas que fogem do nosso controle e entendimento, pois em março de 2020, o mundo inteiro parou pelo mesmo motivo: coronavírus.

Foi um choque muito grande quando recebemos a notícia do fechamento das escolas, a educação precisou se adaptar às novas condições de ensino e se organizar de uma forma jamais imaginada. Posto isso, se para a escola e para os professores experientes foi difícil se reorganizar pedagogicamente, para mim, uma recém estagiária, foi o desafio mais difícil da minha vida, conciliar a aprendizagem da prática docente juntamente com o ensino remoto.

Diante deste contexto, foi iminente a necessidade de revisar os meus objetivos, metas e planejamentos que eu havia idealizado. Já me soava desafiador acompanhar presencialmente alunos de inclusão, fazê-lo de forma on-line só faria aumentar ainda mais esse desafio. Quando o estágio então começou, as aulas estavam acontecendo 100% remotas e, posteriormente, começaram a acontecer de forma híbrida. Somada a dificuldade docente por via remota, mantê-los motivados e frequentes dentro desse novo formato foi mais desafiador ainda, pois integrar uma turma inclusiva já possui dificuldades e requer



inúmeras estratégias, fazê-la de forma on-line, dificultou o processo.

Fato é que, daquele dia em diante, aquilo seria a minha realidade, e minha adaptação teria que acontecer ao passo que a escola também se construía nesse novo contexto. Dado o fato também de que a escola entrou para dentro da casa dos alunos, foi a vez da escola ser recebida pelos alunos e familiares em seus lares, informalizando o ensino em si, mas, talvez sem saber, enriquecendo a aprendizagem e experiências dos alunos de inclusão.

Colaborando, Mesquita da Silva et. al (2014, p. 6) contribuem trazendo que “o professor tem grandes desafios a vencer, dando a sua participação para a contribuição social e para o desenvolvimento aluno e tem um papel muito importante, que é o sucesso da educação, seja ela formal ou informal”. Os autores também postulam um conceito muito importante que:

Um dos planos do AEE junto com o professor e a equipe escolar é envolver os interessados que são os pais e familiares, trazendo para a escola para esclarecer quais as dificuldades enfrentadas na sala de aula e fora dela para juntos dar início ao atendimento do mesmo (2014, p. 8).

Desta forma, se esclarece, a meu ver, que o papel da família na inclusão do aluno foi de suma importância nesse processo, uma vez que levando a escola, mesmo que temporariamente, para dentro de suas casas, permitiu que este



aluno experimentasse junto dos seus familiares aquilo que era vivido no espaço escolar, enriquecendo a experiência para discente, docente e família, uma vez que a maioria desses familiares estavam em casa, oportunizando esse momento ímpar. Em contrapartida, e que se faz muito importante também destacar, é que na maioria dos casos, os alunos de inclusão foram muito prejudicados com o fechamento das escolas, pois, conforme colabora Cury et. al (2020), o isolamento destes alunos remete-se aos tempos em que estes não eram incluídos em escolas regulares, o que acabou por gerar um retrocesso depois de anos lutando para que essa inclusão acontecesse. Mais adiante, no mesmo texto, o autor também entende que “pode e deve ser oferecido [...] atividades pedagógicas remotas ricas em oportunidade para que cada um aprenda de acordo com suas possibilidades”.

Dados diferentes pontos de vista, há de se ponderar que este relato apresenta a minha experiência pedagógica, considerando a realidade da escola, dos alunos em questão e das deficiências envolvidas e não reflete a situação num todo, assim sendo, resumo que os estudantes de maneira geral encontraram as mesmas dificuldades, a de estar fora da sala de aula e do ambiente escolar e proporcionar um espaço novo de aprendizagem foi muito satisfatório.

Vivenciar o cotidiano docente vai muito além de dar aula e de transmitir conhecimento, é preciso conhecer a realidade em



que se está inserido e promover a integração dos estudantes, durante as aulas online foi preciso pensar estratégias para a participação dos estudantes propiciando um ambiente que respeite as diferenças, e como dizem Mesquita da Silva et. al (2004, p. 7) é importante pensar no professor como agente transmissor de conhecimento que respeita as diferenças, e que cada aluno reage de acordo com a sua personalidade, seu estilo de aprendizagem [...].

Conforme a BNCC - Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017, p. 15) promover a equidade que pressupõe “reconhecer que as necessidades dos estudantes são diferentes” e que “de forma particular, um planejamento com foco na equidade também exige um claro compromisso de reverter a situação de exclusão histórica”. A Base, portanto, reconhece a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas e de diferenciação curricular para os estudantes com deficiência visando diminuir a exclusão no ambiente escolar.

Portanto, cumprir o papel de professora durante as aulas online, fazer a mediação das propostas, incluir os estudantes com deficiência de forma que aquele momento fosse interessante no contexto desafiante, em que escolas e professores tiveram que se reinventar para proporcionar práticas inclusivas, foi um aprendizado extremamente enriquecedor. Cury et. al (2020), sobre o AEE, traz a perspectiva de transpor as barreiras que causam dificuldades aos estudantes



e a necessidade de implementar condições adequadas de acessibilidade para a melhora na sua comunicação e mobilidade. Estar perto, acompanhar e orientar os estudantes de forma igualitária foi uma das maneiras que encontrei para que todos que participaram das aulas se sentissem motivados para atravessar o momento.

Repensar o ensino não pode ser uma prática eventual, é preciso dar sentido ao que se quer ensinar e aprender, segundo Charlot, Zenette e Stecanela (2022, p.9) “assim como o estudante precisa ver sentido na aprendizagem, o professor precisa ver sentido no saber a ser ensinado. O professor é um sujeito de saber com o desejo de ensinar para o estudante”.

Como docente não podemos buscar unicamente dar conta dos nossos conteúdos, mas é preciso acima de tudo reconhecer a nossa importância na formação do cidadão, incentivando o pensamento crítico e tendo conhecimento da realidade em que o estudante está inserido. Conforme Charlot (2008) o professor é um profissional da contradição, porque lhe são atribuídas competências para as quais se tem que fazer um verdadeiro milagre para atingir. A docência é um trabalho fundamental numa sociedade em transição como a nossa.



Uma carta e algumas reflexões

Terciane Ângela Luchese³²

Bento Gonçalves, 10 de maio de 2023.

Prezadas Professoras Nilda e Fabiana,

Prezados/as colegas,

Início essa escrita justificando a escolha e a inspiração para a escrita sob forma de carta a partir dos planejamentos oferecidos na disciplina em curso, Tópicos Contemporâneos em Docência. Escrevo sob forma de uma carta quase-confissão. Nesse ano de 2023, em março, completei trinta anos ininterruptos de prática docente. E, ao longo deles, tenho conciliado docência e, em muitos destes anos, a condição de estudante. Iniciei a docência atuando na Educação Infantil, sendo que na época eu recém havia concluído o Ensino Médio e fazia estágio do Curso de Magistério. Depois, segui, com algum custo, o curso superior – dividida entre a Pedagogia e a História na Universidade de Caxias do Sul. Finalizei a Licenciatura em

³² Disciplina: Tópicos Contemporâneos em Docência. Programa de Segunda Licenciatura da Universidade de Caxias do Sul.



História e agora retomo, passados tantos anos, a formação em Pedagogia, como segunda licenciatura.

Depois da formação em História vieram mestrado, doutorado, estágios pós-doutorais. Entre um e outro, ainda um MBA em Gestão. Nesse tempo, lecionei nos Anos Iniciais e Anos Finais do Ensino Fundamental, no Ensino Médio em escolas públicas e na rede privada. A partir de agosto de 2000 passei a conciliar com o Ensino Superior. A formação docente foi construída nos estudos e pelas múltiplas experiências e, certamente, a vivência nas distintas etapas e modalidades de ensino alimentaram meu exercício profissional e foram me transformando. Experiências aqui pensadas no mesmo sentido proposto por Larossa ao afirmar que a experiência é “entendida como uma relação com o mundo em que estamos inseridos”, bem como “a partir do estar-no-mundo” sendo a experiência como “conhecimento corporalizado, incorporado, encarnado [...], conhecimento prático, derivado de uma relação ativamente comprometida com o mundo [...], numa maneira própria de fazer as coisas” (LAROSSA, 2018, p. 21 e 22). Nesse movimento de pensar a experiência docente, o tempo pretérito e presente foram entrecruzados, em que não escrevi sobre a experiência, mas com e a partir dela, penso assim que o envolvimento com a pós-graduação *stricto sensu* proporcionou importantes momentos de reinvenção da condição de professora, pesquisadora e orientadora, bem como a gestão. E assim, nesse



movimento de pensar a docência com e a partir da experiência, partindo de “nosso ser-no-mundo, que temos algo para aprender, algo para dizer, algo para contar, algo para escrever. Além disso, as palavras não apenas representam o mundo, mas também o abrem, não são apenas uma ferramenta, mas também um caminho ou uma força” (Larossa, 2018, p. 23).

Inspirada na proposta apresentada para a produção de uma escrita com os *Balanços da Docência*, pensando o percurso construído no meu itinerário de vida, produzi num exercício reflexivo e elegi – alimentada pelas leituras e estudos acumulados, mas em especial aqueles que compuseram os referenciais da disciplina – pontos que foram e continuam sendo eixos norteadores do ofício da docência que passo a compartilhar, sob forma de reflexões com e a partir da experiência:

A **primeira reflexão** é que penso que a docência se constitui entre ensinar e aprender. Como professora tenho a grata oportunidade de constantemente ensinar e aprender, através da convivência humana, da interação, do exercício de mediação que construo na experiência profissional. Coloco-me com sensibilidade mediante os desafios que se apresentam na profissão, pois percebo o quanto é importante me manter estudando e pesquisando, indo além do que sei e conheço. Nesse sentido, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”, como ensinou Freire (2015, p. 25).



Como **segunda reflexão** penso como fundamental assumir o exercício profissional com ética que como refere Rios (2008, p. 8) é “pensar na necessidade da presença dos princípios éticos na sua construção – no seu planejamento, no desenvolvimento do processo, na revisão e no reencaminhamento do trabalho”. Afinal para “Ampliar o conhecimento é uma exigência ética, assim como o é respeitar o outro, reconhecendo-o como diferente e igual”. A docência e seu exercício envolvem dias instigantes, que promovem meu crescimento, bem como outros não tão bons. Entre momentos difíceis e desafiadores, também situações que desanimam e me colocam no meu limite. Em que coloco em questão o meu fazer e o seu sentido. Nesse contexto, considero importante manter atenção na aprendizagem, nos significados do ‘fazer a aula’. Se me movo em direção à utopia e ao sonho de um mundo melhor por meio do meu fazer, importante estar atenta às minúcias e sutilezas do cotidiano. Como reflete Stecanela,

[...] a exaltação dos detalhes, dos pormenores pode, eventualmente, ser reveladora das estruturas sociais, permitindo recompor o todo através das partes, pois, através do pequeno, do ínfimo, da dobra, da sobra ou da sombra, é possível ter uma ideia de como as práticas sociais cotidianas são produtoras da estrutura social e como essa última acaba por influenciar as primeiras (Stecanela, 2009, p. 69).



No contexto das práticas sociais vividas no interior da sala de aula e nas instituições desdobram-se momentos importantes que podem valorar e ressignificar o trabalho docente. A atenção para aquele sorriso pela conquista de uma pequena aprendizagem, o diálogo, a partilha ou mesmo o reconhecimento do estudante. O olhar para aquela aula em que a convivência, a interação foram especiais é importante para persistir. Penso que os bons momentos existem e as singelas conquistas também. Posicionar-se eticamente e recordar constantemente de valorizar cada pequeno gesto vivido na docência, em suas múltiplas relações e interações em sala de aula, uma necessidade.

Como **terceira reflexão** reconheço que inevitavelmente, haverá erros e equívocos em nosso fazer docente. Assim como penso o erro como constituinte do processo de aprender, que em no meu ofício eu seja capaz de aprender com eles. Pode ser difícil reconhecer que por mais bem ‘formada’, preparada, com planejamento... meu fazer possa incorrer em momentos que não tenham obtido o resultado desejável. Por isso, considero que avaliar, refletir e reconhecer nossa incompletude, bem como nossos erros e falhas é fundante para repensar, aprender e avançar. Atuar no ofício da docência é estar ciente que seres humanos são diversos, complexos, plurais, assim como eu. Por mais preparado que o docente se sinta e por maior que seja o empenho em acertar... Há erros. Palavras ditas de modo



inadequado ou mal compreendidas. Um gesto incontido. Um olhar ou um modo de agir que não foram os esperados. Considero central aqui a reflexão – ação – reflexão, que alimenta e renova nosso fazer pedagógico. Trago Freire novamente para pensar que a “prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança” (FREIRE, 2015, p. 140). Aprender com os erros e fortalecer a atuação profissional com tais experiências é relevante. Manter a humildade e lembrar que todos podemos errar e também aprender com eles, pode nos dar leveza e nos incentivar a crescer, a *ser mais*. Não é fácil, mas considero importantíssimo em minha profissionalidade.

A **quarta reflexão** refere-se à centralidade da amorosidade e paciência, ingredientes fundamentais para a docência. Uma relação de aprender e ensinar, mediada por boas relações interpessoais, baseadas no respeito mútuo, na capacidade de perceber que cada um aprende no seu tempo e com condições diversas é central. A sensibilidade para observar, atentamente, quais as características de cada um dos estudantes e do coletivo. A diversidade, acolher os desejos, os conhecimentos tácitos, considerar os sonhos. Atitudes de amorosidade e paciência para criar intervenções de aprendizagem distintas e para compreender ritmos diversos. Acredito na capacidade humana de aprender e reinventar-se, pois como inspira Freire:



Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade [...] quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender, tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando de “curiosidade epistemológica” (Freire, 2015, p. 26 e 27).

A docência marcada pela boniteza que, de mãos dadas com a decência e a seriedade, me desafia para a curiosidade, a pesquisa, a reinvenção. Então, como **quinta reflexão** penso que na docência não posso ter medo de ousar. Considero que ousadia e criatividade são ingredientes importantes em nossa profissão. Ousar ir além do que sabemos e costumeiramente fazemos. Criar alternativas distintas para práticas pedagógicas, mas manter também a tradição de certos fazeres que são significativos e podem contribuir com a aprendizagem. Permitir dosar os dias com um pouco de ousadia no aprender e fazer a aula. Ultrapassar alguns dos limites que construímos e experimentar materiais diferentes, espaços pedagógicos ou práticas que podem ser significativos para o trabalho a ser desenvolvido. Na ousadia de reinventar-se como profissional, considerar os repertórios que construímos com os estudos, as experiências, mas também estar aberto ao novo, ao diferente, aos possíveis outros caminhos para planejar, acompanhar, avaliar e fazer da aula um espaço pleno



para o aprender com sentido. São entrecruzamentos das facetas do “bom professor” propostos por António Nóvoa (2009) ao destacar a importância do conhecimento, da cultura profissional, do tato pedagógico, do trabalho em equipe e do compromisso social docente.

Minha **sexta reflexão** é a de tornar a prática pedagógica um espaço permanente para a reflexão-ação-reflexão. Por mais que os dias sejam corridos e os tempos escassos, procurar suspender um pouco a sobrecarga diária para pensar, para refletir sobre os fazeres junto com aqueles que estão contigo. Refletir sobre a prática pedagógica, pensando no que foi interessante e valeu a pena. Avaliar os processos de aprendizagem, os movimentos da docência no percurso, pensar em novas possibilidades. Na rotina que temos, por vezes com condições de trabalho que sobrecarregam o cotidiano, dedicar tempo para a reflexão sobre a ação é complexo e desafiador. Mas penso que criar o hábito de escrever e exercitá-lo, juntamente com a leitura e a pesquisa são uma ação importante. São fazeres que me ajudam a refletir e a aprender em meu exercício profissional, renovando o modo de ser e agir. Nesta direção, relembro as palavras do saudoso Mario Osório Marques (2011, p. 18), ao afirmar o “escrever como princípio da vida, impulso vital irresistível [...] de professor interessado em aprender a pesquisar ensinando a pesquisar” em que ao pesquisar aprendemos, ao escrever refletimos e pensamos. Na docência a



pesquisa que promove o questionamento, que coloca em suspensão as verdades, que as inquer, que pensa e repensa a prática, que inspira a agir reflexivamente no ambiente dinâmico do educar, que toma decisões e cria respostas coerentes porque construídas na e com a situação concreta da aula. São múltiplos sentidos para o entretecer a vida e a docência.

Como **sétima reflexão** a possibilidade de compartilhar amizades e companheirismo com os colegas de jornada. A possibilidade de ter espaços de trabalho com colegas em que a empatia e a amizade intelectual no ambiente de trabalho possam prevalecer, nos instigar e nos permitir aprender com o outro, colega de profissão. Há tensões, relações de interdependência, mas penso que o apoio mútuo e o trabalho colaborativo podem prevalecer e fortalecer laços, aprendizagens e caminhos conjuntos de atuação. Nos cargos de gestão, em especial, creio que ser capaz de construir condições de possibilidades para que o diálogo e a escuta sejam mobilizadores de trocas, apoio e companheirismo entre colegas, em um ambiente acolhedor, promotor de autonomia seja fundamental. Ambientes de trabalho que valorizam a presença de cada um dos profissionais e os estimulam a buscarem qualificar seu trabalho fazem com que todos ganhem, que todos se engajem, que se sintam partícipes e comprometidos com o fazer coletivo. Identificar-se com o local em que trabalhamos, sentir-se valorizado e aceito, são bons sentimentos que colaboram para um trabalho coletivo



qualificado. Nem sempre é assim, mas pode ser. É algo que prezo e considero. Não é fácil, mas penso ser possível e aqui penso na pedagogia engajada, com inspiração em bell hooks que testemunha e desafia:

A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade (hooks, 2017, p. 273).

Nesse ambiente de possibilidades, no desejo de uma docência engajada para a transformação social e promotora de uma educação como prática de liberdade é que trago a **oitava reflexão**. A centralidade da cultura, da leitura do tempo e contexto, considerando para além da instituição educativa que atuamos, outras instituições como a família e suas relações com o Estado e a sociedade. Na complexidade da vida e dos processos de aprendizagem, há momentos em que o docente se sente sobrecarregado sob diferentes situações. Questionamentos múltiplos como: O que eu posso fazer para colaborar, efetivamente, para que esse estudante aprenda? Quais os contextos de vida dos estudantes? Que políticas educacionais atravessam meu cotidiano? Educo para promover qual formação



humana? Mas como a instituição escolar (e não-escolar) em que atuo pode contribuir para a vida, para a aprendizagem, para a liberdade, para a transformação social? Sabemos que questões familiares, sociais e tantas instituições hoje (mídias) informam e educam. Redes sociais e múltiplas tecnologias habitam nosso mundo, nos educando e nos constituindo. Em meio a esse contexto, não penso o profissional da educação como reprodutor das desigualdades sociais, mas reconheço que ele pode sê-lo, dependendo do modo como assume o seu ofício e o realiza. Acredito que precisamos ser construtores de alternativas e caminhos que semeiem a esperança e a potencialidade que cada um tem em '*ser mais*' (Freire, 2015). Independente da ação do Estado que sim, regula e controla, por meio da legislação e do modo como investe (ou não) na educação ou de todo o contexto de dificuldades que limitam nossa ação... Acredito que cada docente pode e faz a diferença. Não há ingenuidade em reconhecer como estamos capturados pela racionalidade neoliberal que atinge a produção até mesmo de nossas subjetividades, acelerando o consumo, o individualismo e diminuindo nosso sentido coletivo de vida. Que estamos em meio a disseminação proposital de *fake news*, negacionismos e obscurantismos que se espalham com um lastro de discórdia, obsolescência do humano e dos direitos fundamentais que promovem a vida humana de do planeta. Mas o ofício da docência é também o da resistência.



E, assim, emerge como **nona reflexão** o desejo de que eu seja capaz de renovar a esperança a cada amanhecer. A cada amanhecer, lembrar do que realmente importa no meu ofício: a aprendizagem e o humano. A crença de que podemos nos transformar pela aprendizagem. E isso me faz acreditar na utopia da transformação social pelo conhecimento, novamente nutrida pelas palavras de Freire (2015, p. 142) quando afirma que somos seres programados para aprender, para “ensinar, para conhecer, para intervir, que me faz entender a prática educativa como exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos”. Mas nesse movimento da docência não está ausente a “rigorosidade, a séria disciplina intelectual, o exercício da curiosidade epistemológica” (Freire, 2015, p. 143), a apropriação do conhecimento científico e sua disseminação, mas sem desconsiderar outros aspectos como a valoração do socioemocional, do humano em potência e plenitude. Isso alimenta e pode me fazer avançar enquanto condição humana e profissional, na aceitação da diversidade. Diversidade que habita cada ser e que nas interações de sala de aula me desafiam e mobilizam.

Por fim, como **décima reflexão**, creio que a profissão docente é um ato político. A cada planejamento de uma intervenção de aprendizagem, o professor (eu!) faz escolhas. A cada prática vivenciada junto aos estudantes, somos testemunho



e exemplo de vida. Portanto, educar é um ato político. Um ato que elege libertar o ser humano pelo conhecimento, ou submetê-lo e fazê-lo crer que a ordem das coisas precisa ser exatamente aquela que está sendo. Há escolhas no fazer docente e elas são – TODAS – políticas. Ou promovemos a crítica ou a submissão. Libertamos ou oprimimos. Valorizamos a diversidade ou promovemos o preconceito. Acreditamos no outro e no poder transformador da educação ou, simplesmente nos conformamos em fazer mais do mesmo a cada dia. Escolhas. Nem sempre simples e binárias como sinalizei. Mas considero que podemos ou não... ou você trabalha por um mundo melhor para todos ou você corrobora para a desigualdade e a exclusão. Inspira nesta reflexão o escrito de Roncarelli, Stecanela e Pauletti (2021, p. 13) que afirmam:

A tomada de decisão do docente é necessária, quando opta por essa ou aquela atividade, por esse ou aquele texto, fomentando inquietações e vontade de lutar, ou, oprimindo e silenciando os educandos. As duas formas intervêm no mundo, seja emancipando ou reproduzindo, cabe ao educador posicionar-se politicamente para decidir em qual dos âmbitos sua prática irá se apoiar.

Educar é um ato político, uma forma política de intervenção no mundo. “Inacabado e consciente de seu inacabamento, histórico, necessariamente o ser humano se faria



um ser ético, um ser de opções, de decisão” (Freire, 2015, p. 108).

Nenhuma dessas reflexões se sustenta sozinha. Elas estão interligadas e talvez não acrescentem nada ao muito que já se escreveu e pensou sobre a docência. São apenas pontos reflexivos que elegi como caros para o meu fazer: o aprender, a ética, o erro, a amorosidade, a ousadia, a ação-reflexão-ação, a amizade intelectual, a sociedade neoliberal e suas instituições, a ciência e a esperança, a educação como ato político. Quase uma partilha íntima de movimentos constituintes de meu ofício docente. Como somos seres de aprendizagem, capazes de aprender para saber e transformar-se a partir do aprender, ao longo da vida, refletir sobre o ofício que escolho é fundamental. Os desafios para o fazer docente são muitos, desde as transformações tecnológicas, científicas e do mundo do trabalho de um lado, de outro, da formação humana sensível à inclusão e às desigualdades sociais. A vida é repleta de desafios e requer a constituição de um movimento formativo que não cessa, mas que necessita da autonomia do pensar, da emancipação, do senso crítico, ético e estético, interligado com nossa presença no mundo com outros humanos e com a natureza, pois como defende Charlot (2013, p. 277) “não se trata de educar para a cidadania, mas para a humanidade”. O senso de respeito ético que nos confronta com nossa humanidade, integrada e interligada, profundamente com a natureza e o planeta que



habitamos, como também situa o recente relatório da UNESCO (2022). E é nesses plurais dimensões que exerço minha docência, repleta de dúvidas, algumas angústias, tensionada pela concretude das vidas com quem partilho a minha e também reconhecendo as alegrias da profissão.

E assim, sem encerrar, mas com muitas novas questões que a escrita me suscitou ao pensar e refletir sobre a experiência, me despeço, desejando que em outro momento eu possa lançar luz sobre outros aspectos e eleger outros elementos para o balanço da docência. Caras professoras e colegas, desejo que nosso exercício profissional seja fertilizado pelo respeito profundo à complexidade do fazer docente, crendo como Nóvoa (2007) que sim, um bom professor é insubstituível. Afetuoso abraço.



Balanços da docência: estamos preparados para a revolução da informação?

Vivian Konz Reginato³³

Ser professor é mais que uma profissão, é um ato de amor, de transferência de conhecimentos e de sentimentos. É escolher ajudar a formar e a transformar pessoas e a si mesmo.

Para Freire (1991, p.58), ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática. Muito se tem a refletir sobre o papel do docente na contemporaneidade, seu sentido e constante formação. As mudanças sociais e tecnológicas dos últimos anos estão transformando uma série de comportamentos e provocando questionamentos em relação à maneira de ensinar e aprender. Não se trata apenas de medições de índices de aprendizado nem de resultados de provas e testes. Trata-se do significado de tudo isso para a vida das pessoas. Ou seja, se o mundo terá uma

³³ Disciplina: Tópicos Contemporâneos em Docência. Programa de Segunda Licenciatura da Universidade de Caxias do Sul.



população capacitada, produtiva e que possa arcar com as responsabilidades de uma verdadeira democracia.

Metodologias de ensino bancárias, como aulas expositivas e temas solitários em casa, será que ainda fazem sentido? Segundo Khan (2013, p.15), estamos no estágio inicial de uma Revolução da Informação. “E nessa revolução, o ritmo de mudança é tão acelerado que a profunda criatividade e o pensamento analítico já não são opcionais; não são artigos de luxo, e sim de primeira necessidade”. Adicionando a isso a concepção de Freire acima mencionada, que cabe ao docente refletir sobre sua prática constantemente, questiono: será que estamos realmente preparando nossas gerações futuras para um mundo verdadeiramente democrático? Será que o atual sistema de ensino está se adaptando na mesma velocidade em que ocorrem as mudanças? O que podemos fazer para contribuir com esse avanço? Como utilizar os fundamentos pedagógicos na prática associada à realidade em que o aluno está inserido? Temos várias pesquisas e estudos que apontam para essa direção, mas concordo com Khan (2013. P.25) que ensinar é um talento à parte, uma espécie de arte criativa, intuitiva e pessoal. E como despertar o interesse e a curiosidade dos alunos que cada vez mais veem os bancos escolares como instituições ultrapassadas e entediantes? Eis grandes provocações para os professores. Não podemos mais prever exatamente o que os jovens de hoje irão precisar saber daqui alguns anos, mas para



Khan (2013, p.182), *o que lhes ensinamos hoje é menos importante do que como eles aprendem a ensinar a si próprios.* Ou seja, ser docente na atualidade requer habilidades multidisciplinares, adaptabilidade, empatia e um compromisso com a formação integral dos estudantes.

Dentre uma série de recursos para promover o aprendizado através do uso da informação, destaco o planejamento, que permite a organização e a sistematização das ações pedagógicas contribuindo para a melhoria da qualidade do ensino e do aprendizado. Através dessa ferramenta e de suas dimensões, podemos usar nossa criatividade para desenvolver uma aula que estimule os alunos a adotarem uma postura ativa, e assim atingir nosso objetivo. Para isso, o uso de problematizações, a aprendizagem por descobertas (pesquisa) e o uso de recursos tecnológicos como ferramentas de auxílio nesse processo, são muito bem-vindos. Destaco também a importância em externar ao aluno a clareza do motivo de estar estudando determinado conteúdo e sua aplicabilidade na vida cotidiana, pois conforme Charlot (2001, p.47), talvez o pouco valor que os jovens conferem ao aprendizado de conteúdos curriculares não seja resultante do seu desinteresse, e sim da sua dificuldade de encontrar um sentido para aquilo que os professores ensinam. Para que os estudantes possam encontrar um sentido no que é ensinado, é necessário que o professor seja capaz de estabelecer uma relação entre o conteúdo e o mundo



real, mostrando aos alunos a importância e a aplicabilidade dos conceitos estudados. Além disso, é importante que o professor adote uma abordagem pedagógica que leve em consideração a diversidade dos estudantes, valorizando suas experiências e conhecimentos prévios, e promovendo um ambiente de aprendizagem participativo e colaborativo. A aprendizagem em grupo é outro recurso a ser explorado pelo professor para instigar a aprendizagem ativa. Quando proporcionamos a socialização, os colegas estudam juntos ensinando-se mutuamente, com o auxílio do professor. Para Charlot (2000, p.72), toda relação com o saber é também relação com o outro. Esse outro é aquele que me ajuda a aprender a matemática, aquele que me mostra como desmontar um motor, aquele que eu admiro ou detesto.

Creio que ser um professor respeitado, ser visto como um modelo a ser seguido, alguém que inspira e motiva os alunos a buscarem o conhecimento, é o desejo da maioria dos docentes. Sabemos que os desafios vão além da esfera e capacitação profissional, pois a formação intelectual humana é muito complexa. Requer total envolvimento do educador para aprender a conhecer as pessoas, conhecer a vida e a si mesmo. Ao mesmo tempo que demanda afeto, também precisamos ter autoridade (não confundir com severidade). Relações respeitadas com momentos de conexão com os alunos, em que professores conseguem ser ao mesmo tempo carinhosos e



rígidos, tendem a dar respostas mais positivas, pois assim ganha-se confiança juntamente com o respeito. Praticar um ensino significativo e conectivo, demanda trabalhar com bons exemplos, boas analogias, histórias e bom humor (diversão).

Ser professor, na minha opinião, é uma das profissões mais nobres e gratificantes que existe, pois tem um papel fundamental na formação de indivíduos críticos, criativos e responsáveis, capazes de enfrentar os desafios da vida pessoal, profissional e social. É ter a oportunidade de fazer a diferença na vida dos alunos, ajudando-os a superar dificuldades, a descobrir suas vocações e a acreditar em si mesmos. É ter a gratificação de acompanhar, com o passar do tempo, o desenvolvimento do ser humano. É poder ver nossos ex-alunos agora liderando grandes empresas, desenvolvendo pesquisas, explorando novas oportunidades, ocupando cargos políticos, criando soluções que contribuem para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e solidária. É também ver eles felizes e realizados em suas escolhas, sejam quais forem. É ficar marcado com momentos de conexão com os alunos, nos quais percebemos que estamos realmente contribuindo para sua formação, é ver a evolução de cada um no final do ano letivo ou término do curso. É passar pela rua e ser reconhecido e lembrado por um aluno ou ex-aluno e ouvir as lições e histórias que ficaram marcadas e que fizeram alguma diferença em suas vidas. É ser construção.



Ao participarmos da formação do outro, estamos automaticamente e constantemente construindo nossas identidades, nossa relação com o saber, que vai além da dimensão epistêmica. Essa construção de nossa identidade pessoal e/ou profissional está baseada em nossas experiências, sejam elas adquiridas dentro de uma sala de aula, em casa, na rua, no templo, ou em qualquer outro ambiente. A atividade docente deve sempre estar em movimento para acompanhar a revolução da informação. É através do investimento permanente em formação que obtemos benefícios profissionais e também pessoais. E os itens que compõem essa construção, vão se moldando e se relacionando, constituindo assim a nossa essência. Quanto maior o investimento em educação, maior a nossa adaptação ao ambiente e suas transformações. É importante destacar que o investimento em educação não precisa ser necessariamente financeiro, mas sim um comprometimento pessoal em buscar conhecimento e desenvolvimento para promover abordagens de ensino que valorizam a mobilidade, a experimentação e a inovação.

Precisamos estar sempre em movimento, acompanhando as mudanças sociais, buscando novas metodologias, técnicas e recursos, e adaptá-las às necessidades e interesses dos alunos. Tenho o privilégio de atuar também no mercado corporativo, vivenciando a realidade *in loco* das empresas, suas principais dificuldades, desafios e demandas. Levar a problematização real



para dentro da sala de aula e dialogar com os alunos é uma das mais ricas experiências. Acredito que transformar uma lição em experiência e não o oposto, é a chave para uma educação significativa e duradoura. Ao permitir que os alunos vivenciem o conteúdo de forma prática e envolvente, a docência em movimento torna a aprendizagem mais relevante e memorável, preparando-os para aplicar o conhecimento em situações reais e cotidianas, além de prepará-los para enfrentar desafios cada vez mais complexos e exigentes no mundo atual.

Enfim, temos um grande desafio pela frente. A revolução da informação, impulsionada pelo avanço tecnológico e pela crescente conectividade, tem transformado profundamente a forma como as pessoas se relacionam com o conhecimento e como aprendem. A revolução da informação tornou o conhecimento mais acessível do que nunca, permitindo que as pessoas busquem informações e aprendam a qualquer hora e em qualquer lugar. Isso gera uma provocação para os professores, que precisam encontrar maneiras de agregar valor à informação disponível, fornecendo orientação, mediação e estímulo para que os alunos desenvolvam habilidades de análise, síntese e aplicação do conhecimento. Cabe a nós, docentes, estarmos preparados para enfrentar esses desafios e oportunidades que surgem em um ambiente de aprendizagem em constante transformação.



Encerro esta reflexão com Jacques Delors: “À educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permite navegar através dele” (Delors, 2018 p. 89).



Balanços da docência: aprendendo a ensinar

Viviana Serejo Morelatto³⁴

No início deste texto pensei em colocar algo que realmente caracteriza a docência, mas afinal, o que é ser docente? Segundo o dicionário é: “referente ao ensino ou àquele que ensina”. Verdade, mas é muito mais complexo e prazeroso que isso, ensinar, mediar, quantas experiências, quantas histórias, vidas transformadas. Ser docente hoje é estar disposto a muitos desafios e práticas que exigem maior conhecimento e formação contínua do professor. Ser professor é compartilhar conhecimento, mediar informação, fazer o outro crescer, mostrar caminhos, dar as mãos, e para isso tudo é necessário criar vínculos, se aproximar e compreender o outro.

Educação escolar é aquela que acontece no âmbito formal, dentro da instituição escolar. A escola é uma importante instituição que auxilia no desenvolvimento social, aprimorando habilidades e competências dos indivíduos. Além disso, desempenha um papel fundamental na formação do

³⁴ Disciplina: Tópicos Contemporâneos em Docência. Programa de Segunda Licenciatura da Universidade de Caxias do Sul.



conhecimento, dos valores e comportamentos. O professor sabe que é fundamental conduzir seus alunos, mas, acima de tudo, respeitar o tempo de cada um, compreendendo que o desenvolvimento humano é constante e contínuo e cada um tem seu ritmo. Sabe enfrentar os seus e os obstáculos do outro, ajudando-o no que for possível a superar suas perdas e frustrações.

O professor é o responsável direto por todo esse conjunto, pois a mediação desenvolvida no processo de aprendizagem transforma de forma positiva ou negativa em todos esses desenvolvimentos que as crianças e jovens levam para a vida adulta. Assim devemos ajudar nossos alunos a desenvolver a autonomia, o senso crítico, a cidadania, a preparação para o mercado de trabalho. Estamos sim na escola como mediadores do processo de aprendizagem, como conteúdos, mas temos o potencial para ajudar a formar cidadãos íntegros.

Como docente esses desafios me levam sempre a refletir como e se estou fazendo meu trabalho. A atualização é muito necessária, principalmente na era tecnológica que estamos vivendo, onde o aluno tem acesso a muita informação e o professor, apenas faz a mediação desses conhecimentos da melhor forma possível. O aluno pesquisa sobre os assuntos que tem curiosidade e é por esse caminho que o professor precisa se aproximar e criar o interesse do mesmo. Outros desafios são



desinteresse da família e conjunto social onde a escola está inserida, enfim, muitas das políticas públicas que não funcionam no contexto onde o aluno está inserido. Para que nossas escolas hoje e no futuro sejam de verdade significativas precisamos muito do envolvimento da família e todos os contextos. Criar um cidadão autônomo, que já vem com uma bagagem, é um grande desafio, pois a aprendizagem ocorre em todos os ambientes, mas a mediação ocorre na escola, onde o professor deve fazer da melhor maneira, aproveitando esses conhecimentos já adquiridos. As experiências das crianças em seu contexto familiar, social e cultural, suas memórias, seu pertencimento a um grupo e sua interação com as mais diversas tecnologias de informação e comunicação são fontes que estimulam sua curiosidade e a formulação de perguntas.

O estímulo ao pensamento criativo, lógico e crítico, por meio da construção e do fortalecimento da capacidade de fazer perguntas e de avaliar respostas, de argumentar, de interagir com diversas produções culturais, de fazer uso de tecnologias de informação e comunicação, possibilita aos alunos ampliar sua compreensão de si mesmos, do mundo natural e social, das relações dos seres humanos entre si e com a natureza.

O professor sabe que é preciso se despir das suas crenças e se libertar de qualquer choque, seja cultural, geracional ou social para conseguir compreender o processo de aprendizagem e assim compartilhar seus conhecimentos. Assim, ser professor



é manter-se, apesar das dificuldades, apaixonado por sua profissão, pelo seu trabalho e orgulhoso de sua dedicação.

Meu sonho desde criança, sempre foi ser professora. Hoje, vivendo essa realidade, me sinto incrivelmente realizada. Saio de casa com a certeza que vou transformar a vida dos alunos, muitas vezes com uma simples conversa. Perceber a evolução nas atividades e aprendizagens é gratificante, mas ver um aluno seguindo um caminho indicado por você, numa situação que ele precisava de conversa, ajuda, apoio é muito mais. Para ser professor é necessário “aprender a ensinar” e aprendemos muito com nossos alunos. Aprendemos com nossa família, nossos colegas, em todos os contextos que vivemos, pois viver é uma constante aprendizagem e sempre levo isso para a sala de aula.

Eu como professora, procuro reconhecer cada aluno, entender suas necessidades, adaptando as aulas para que todos possam aprender e acompanhar o desenvolvimento, buscando sempre promover uma aprendizagem significativa. Ser professor é se reinventar, se adaptar às mudanças e tentar evoluir constantemente. Procuro ser exemplo, pois acredito que a educação pode sim mudar, transformar o mundo num lugar melhor, e o professor é o principal agente de construção e transformação da sociedade.

Uma das situações que mais me marcou nesses anos na escola é a forma como olhamos para nossos alunos. Muitas vezes



rotulamos o aluno, por ser muito ativo, por ter certas atitudes com os colegas e professora, por ser muito quieto, enfim, quando vamos buscar a realidade desses alunos, o contexto em que vivem, a organização familiar, nos faz refletir, pois percebi que os alunos, na maioria deles, pela realidade vivida são muito “bons”. Isso é um ponto que tira meu sossego, tiro rápido o sorriso do rosto em pensar na situação de vulnerabilidade que muitas crianças vivem. Quantas vezes o nosso acolhimento na escola é o único ato de carinho que a criança conhece. São muitas situações que já vivi e sempre procuro conhecer sobre esse contexto da criança para entender algumas atitudes que elas demonstram na escola. Que acima de tudo sejamos “humanos” para ter esse olhar diferenciado para nossas crianças e jovens que muitas vezes precisam de atenção e cuidado.

Outra percepção que tenho é sobre as emoções que o aluno está sentindo. Muitas vezes percebo que os alunos não conseguem entender ou lidar com as emoções, propiciando um ambiente escolar confuso, não gerando o aprendizado. Acredito que a turma pode sim organizar melhor esse ambiente, para que todos possam aprender juntos a resolver os conflitos. Todos os estímulos que os seres humanos recebem do ambiente são traduzidos em sensações cognitivas, físicas e emocionais, que são as emoções e sentimentos.

As emoções são meios de expressão naturais do nosso organismo, e podem servir até como uma proteção.



Compreender as emoções e saber nomeá-las é essencial para uma criança aprender a gerenciar os seus próprios sentimentos. As emoções fazem parte da evolução da espécie humana e, obviamente, do desenvolvimento da criança e do adolescente, constituindo parte fundamental da aprendizagem humana.

A emoção dirige, conduz e guia a cognição, não se pode compreender a aprendizagem sem reconhecer o papel dela em tão importante função adaptativa humana. O professor, na sua responsabilidade e no seu conhecimento da importância de sua atuação, pode produzir modificações no comportamento, transformando as condições negativas através das experiências positivas que pode proporcionar bons resultados, estabelecendo assim, de forma correta, o seu relacionamento com a criança, levando-a a vencer suas dificuldades.

Com esses sentimentos, vêm as ações: chorar, mostrar desinteresse ou comportamentos agressivos. É durante o período escolar que as crianças experimentam um leque de emoções, afinal, precisam conviver com outras crianças, algo que nem sempre é uma tarefa fácil já que a criação de cada uma é diferente. Por isso a importância de entender como são as emoções, o que estou sentindo, como vou me expressar através desse sentimento, torna-se fundamental o papel do professor como mediador.

As emoções não podem continuar a ser separadas das cognições nas escolas e nas salas de aula do século XXI, como o



foram no passado. A aprendizagem significativa e motivadora é o resultado da interação entre a emoção e a cognição, ambas estão tão conectadas a um nível neurofuncional tão básico, que se uma não funcionar a outra é afetada consideravelmente. As emoções afetam todas as aprendizagens, quanto mais envolvidas forem com elas, mais mobilizadas são as funções cognitivas da atenção, da percepção e da memória.

A preocupação com as emoções deve ser sim um assunto a ser trabalhado na escola. O que meu aluno está sentindo? Principalmente neste período onde a violência e morte nas escolas têm acontecido de uma forma muito triste. Na escola o aluno deve se sentir seguro. A escola tem que ser um ambiente acolhedor, que construa a paz e o amor, através de quem ali frequenta.

Assim, como docente, procuro sempre criar uma relação de cooperação e respeito entre os alunos e professora, pois, o processo de aprendizagem é uma dinâmica que exige o engajamento de todas as partes envolvidas, para compartilhamento de experiências e informações. O estudante deve ser tratado como protagonista na construção do seu conhecimento e estimulado a ter uma participação interativa em sala de aula. Cabe ao educador mediar esse processo e, para isso, criar um ambiente saudável em classe.



Referências

BARBIERI, Simone Côrte Real. **Intencionalidades Biopolíticas no silenciamento da formação docente na BNCC**. Tese (Doutorado). Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2019. 154 f. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/5465/Tese%20Simone%20C%C3%B4rte%20Real%20Barbieri.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 10 abr. 2024.

BELOCCHIO, Cláudia Ribeiro; TERRAZAN, Eduardo; TOMAZETTI, Elisete. Profissão docente: algumas dimensões e tendências. **Educação**, v. 29, n. 2, p. 17-32, 2004. Santa Maria. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/3837/2192>. Acesso em: 04 jul. 2024.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Flauta de prata**: escritos sobre o saber e a educação. Curitiba: Editora CRV, 2019, p. 137.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. Disponível em: <http://cnc.mec.gov.br/abase/#introducao>. Acesso em: 04 jul. 2024.

CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. São Paulo: Editora Zahar, (2022).

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos *et al.* (org.) **Geografia em sala de aula**: práticas e reflexões. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros/Seção Porto Alegre (AGB-PA), 1998.

CHARLOT, Bernard; ZANETTE, Carla Roberta Sasset; STECANELLA, Nilda. A relação do docente com o saber e com o ensinar. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 60, n. 64, p. 1-22, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/29415/16004>>. Acesso em: 28 abr. 2023.



CHARLOT, Bernard. **A relação dos jovens com o aprendizado e a escola**. Entrevista. UCSplay, Universidade de Caxias do Sul, 2019, 9 min. Disponível em: <https://ucsplay.ucs.br/video/a-relacao-dos-jovens-com-o-aprendizado-e-a-escola/>. Acesso em: 04 jul. 2024.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CHARLOT, Bernard. O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição. **Revista da FAEEBA: Educação e contemporaneidade**, Salvador, v. 17, n. 30, p. 17-31, 2008.

CHARLOT, Bernard. **Os jovens e o saber**. perspectivas mundiais. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.

CURY, Carlos Roberto Jamil *et al.* **O aluno com deficiência e a Pandemia**. Instituto Fabris Ferreira, São Paulo, 2020. Pres. Prudente -SP, [S. l.], v. 55, n. 18, p. 99772-94744, 1901. Disponível em: <https://freemind.com.br/blog/wp-content/uploads/2020/07/O-aluno-com-defici%C3%Aancia-na-pandemia-I.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2024.

DELORS, Jacques. **Educação, um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 2018.

FARAGO, France. **Compreender Kierkegaard**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

FERREIRA, Arthur Arruda Leal. A psicologia como saber mestiço: o cruzamento múltiplo entre práticas sociais e conceitos científicos. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 13, n. 2, p. 227-238, 2006. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702006000200002>



FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.** v. 97, n. 247, set-dez, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/m6qBLvmHnCdR7RQjIVsPzTq/?lang=pt> >. Acesso em: 14 abr. 2023.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. A pesquisa-ação na prática pedagógica: balizando princípios metodológicos. In: STRECK, Danilo R.; SOBOTTKA, Emil A.; EGGERT, Edla (orgs.). **Conhecer e transformar: pesquisa-ação e pesquisa participante em diálogo internacional**. Curitiba: Editora CRV, 2014. p.217-236.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Política e educação: questões da nossa época**. São Paulo, Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 52. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 55. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo; SHOR, IRA. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

HERRIGEL, Eugen. **A arte cavalheiresca do arqueiro Zen**. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2011.



HOOKS, Beel. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

KAODOINSKI, Fabiana. **Das narrativas da experiência acadêmica ao design de gestão**. 2022. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Caxias do Sul. Coorientadora: Nilda Stecanela.

KHAN, Salman. **Um mundo, uma escola: a educação reinventada**. Rio de Janeiro. Intrínseca, 2013.

LAROSSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática** [livro eletrônico]. São Paulo: Cortez, 2017.

MARQUES, Mario Osorio. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MESQUITA DA SILVA, Ana; MEDINA, Aparecida; ARRUDA, Martins. O papel do professor diante da inclusão escolar. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, [S. l.], v. 5, p. 1-2014, Disponível em: https://docs.uninove.br/artefac/publicacoes/pdf/educacao/v5_n1_2014/Ana_Paula.pdf. Acesso em: 04 jul. 2024.

NÓVOA, António. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. In: NÓVOA, António. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009. p. 25-46.

NÓVOA, António. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. São Paulo: SINPRO/SP, 2007.



PANIZZON, Mateus. **Futures literacy**: cultura de inovação na educação básica. Vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uFePpINf7Z4>. Acesso em: 3 de abr. 2023.

PERRENOUD, Phillippe. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed., 1999.

PONTE, Adriana Eugênio de Souza. **A mobilização do saber e do fazer pedagógico**: desafio na formação inicial do professor (pedagogo). Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10181/6/5.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2023.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **A dimensão ética da aula**: ou o que nós fazemos com eles. Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas. Campinas: Papirus, 2008. p. 73-93

RONCARELLI, Isadora Alves. **Docência em movimento, entrecruzamentos de percursos de vida e percursos docentes**: o que acontece com as professoras? 2019. 156 f. Dissertação (Mestrado). Universidade de Caxias do Sul. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/5246/Dissertacao%20Isadora%20Alves%20Roncarelli.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 abr. 2023.

RONCARELLI, Isadora Alves; STECANELA, Nilda; PAULETTI, Fabiana. Docência em movimento: a transitividade no fazer docente. **Educação**, Santa Maria, v. 46, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/40170>. Acesso em: 14 abr. 2023.

SANTOS, Anderson Oramisio; JUNQUEIRA, Adriana Mariano Rodrigues; SILVA, Graciela Nunes da. A afetividade no processo de ensino e aprendizagem: diálogos em Wallon e Vygotsky. **Perspectivas em Psicologia**, Uberlândia, v. 20, n. 1, p. 86-101, jan./jun. 2016.



SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SANTOS, Valdeci da Silva. Educação cristã: conceituação teórica e implicações práticas. **Fides Reformata XIII**, n. 2, 2008, p. 155-174

STECANELA, Nilda. O cotidiano como fonte de pesquisa nas ciências sociais. **Conjectura: Filosofia e Educação**. v. 14, n. 1, p. 63-75, 2009. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnmbnibpcajpcglclefindmkaj/<https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/cotidiano.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2023.

STECANELA, Nilda. A escolha do método e a identidade do pesquisador. In: STECANELA, Nilda (org.). **Diálogos com a Educação: a escolha do método e a identidade do pesquisador**. Caxias do Sul: EDUCS, 2012, p. 8-23. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-dialogos-identidade-pesq.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2023.

STECANELA, Nilda. Sair da escola para melhor compreendê-la: trânsitos pelos percursos juvenis não-escolares. **Anais [...]** I Seminário Nacional de Educação Não-Escolar. Caxias do Sul: EDUCS, 2008.

STECANELA, Nilda; HOSTINS, Regina Célia Linhares. Identization of an Original University Model: Community Institutions of Higher Education of Southern Brazil. **Philosophy and Theory in Higher Education**, v. 4, p. 47-66, 2022.

STECANELA, Nilda. **Dos balanços do saber à identização da docência**. In: XVI Colóquio Internacional Educação e contemporaneidade. Aracaju: Educon, 2022 (Conferência).

UNESCO. **Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a**



educação. Brasília: Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação, Boadilla del Monte: Fundación SM, 2022. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000379381_p_or. Acesso em: 01 maio 2023.

VASCONCELLOS, Carlos dos Santos. Metodologia dialética em sala de aula. **Revista de Educação AEC**, v. 83, 1992, s. p.

WERTHEIMER, Michael. Pesquisa histórica - por quê?. In. J. Brozek & M. Massimi (orgs.). **Historiografia da psicologia moderna** - versão brasileira (p. 21-41, J. A. Ceschin & P. J. C. da Silva, Trans.). São Paulo: Unimarco/Loyola, 1998.

YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. 50 anos de profissão: responsabilidade social ou projeto ético-político? **Psicologia: Ciência & Profissão**, 2012. 32 (num. esp.), p. 06-17. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000500002>



Posfácio

Por Carla Roberta Sasset Zanette

É com muita emoção e comprometimento que me desafio a escrever o posfácio desta obra, intitulada “Balanços da Docência”, cuja abordagem entrelaça dois grandes aspectos que marcam também minha identidade pessoal e profissional: a) as trajetórias e vivências dos docentes; b) os pressupostos teóricos que fundamentam a teoria da relação com o saber, desenvolvida por Bernard Charlot e demais pesquisadores.

O primeiro ponto diz respeito ao balanço que estabeleci comigo mesma ao ler as narrativas dos professores. Sim, no ano de 2023, comemorei 25 anos de docência. Assim, é impossível ler os balanços acerca das histórias de vida dos professores, suas constituições humanas e profissionais, sem me identificar um pouquinho com minhas vivências e percursos no campo da educação ao longo destes 25 anos. São trajetórias de vidas expressas pela palavra, pelo movimento do ser, do fazer e do tornar-se professor. Marcas que são registradas ora com sorrisos ora com lágrimas, com batidas e pulsações mais fortes para a educação, para os desafios e as superações que se fazem presentes no cotidiano da educação, por conseguinte, do professor. Quem é este professor que escreveu seu balanço?



Quais são suas alegrias, suas dores, suas lembranças? Que sentido tem a docência para o professor?

A leitura atenta à obra nos permite navegar no mundo da docência, conhecendo e compreendendo a relação que o professor estabelece consigo, com o outro e com o mundo, em encontros e desencontros com a educação, com a vida, e, especialmente, com o ensinar e o aprender.

O segundo ponto que faz meus olhos brilharem diz respeito ao encantamento que sinto pela teoria da relação com o saber desenvolvida pelo professor Charlot, da qual tenho a honra de ser membro participante do seu grupo de pesquisa. Desse modo, perceber os entrelaços dos balanços da docência com fios teóricos charlonianos faz-me acreditar ainda mais nas relações que o ser humano estabelece consigo, com os outros e com o mundo.

As narrativas dos professores explicitam emoções, vivências, experiências que tiveram e que transformaram a si, aos outros e à educação. São histórias que nos convidam a mergulhar em outras histórias, permitindo-nos adentrar em seus mundos em um processo de humanização docente.

Parabenizo as professoras Nilda Stecanela e Fabiana Lazzari, organizadoras deste livro, pela sensibilidade em abrir janelas do coração para as memórias da docência.



Desejo que todos que leram esta obra sintam-se contagiados a pensar e a registrar outros balanços de vida, que se embalam no vai e vem da imaginação e da realidade.



Sobre a capa

Por Estella Munhoz

Há um tempo reflito sobre essa capa. Quando penso em "balanço", imagino uma balança de pesar ou um balanço de brincar. Acho que a docência fica entre esses dois termos: entre o sério e o leve. Optei, então, por pensar em balanço também como movimento porque a docência é o oposto do estático. Com essa ideia de movimento, cheguei até a dança! E por que não? Minha inspiração foi o movimento pintado por Matisse na obra "La danse". As pessoas representadas no quadro parecem conectadas física e emocionalmente e isso faz o círculo girar. Cada uma delas com seus movimentos únicos, suas cores, seus corpos e seus pensares, juntas, compõem a dança. Nos balanços da docência, cada professor é responsável por seu próprio movimento, mas a dança da educação só acontece quando todos se movimentam juntos.





Ser professor nem sempre é um conto de fadas, mas sempre é um romance, porque é uma aventura, como a vida. Ser professor não é estar em um conto de fadas onde tudo tem um final feliz, ser professor é buscar esse final feliz. Ser professor, na contemporaneidade, é se permitir a inovação, a reinvenção e a reconstrução constante das práticas pedagógicas” (Manila). É dessas aventuras que trata este livro e, como acontece com um bom livro de aventuras, ele se lê com empatia e com prazer.

Bernard Charlot



Diálogo Freiriano

ISBN: 978-65-5203-054-2



CIL

9 786552 030542